

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Nathália Villane Rippel**

**INCESTO CONSENTIDO: PAIXÃO OU PECADO?**  
Discursos tabus e novas biossociabilidades em rede

**Juiz de Fora**  
**2018**

**Nathália Villane Rippel**

**Incesto consentido: paixão ou pecado?**

Discursos tabus e novas biossociabilidades em rede

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Poder

Orientador: Prof. Dr. Wedencley Alves Santana

**Juiz de Fora**

**2018**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rippel, Nathália Villane.

Incesto consentido: amor ou pecado? : Discursos tabus e novas biossociabilidades em rede / Nathália Villane Rippel. -- 2018.  
122 f. : il.

Orientador: Wedencley Alves Santana

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, Programa de Pós Graduação em Comunicação, 2018.

1. Normatização . 2. Sexualidade. 3. Internet. 4. Fanfics. 5. Incesto. I. Santana , Wedencley Alves, orient. II. Título.

**Nathália Villane Rippel**

**Incesto consentido: paixão ou pecado? Discursos tabus e novas biossociabilidades em rede**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Poder

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Wedencley Alves Santana – Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Teresa Cristina da Costa Neves  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Paula Chiaretti  
Universidade do Vale do Sapucaí

Dedico esse trabalho aos meus pais, Mauricio e Denise, que sempre incentivaram meu amor pela literatura.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus pais que sonharam junto comigo e me presentearam com os primeiros livros. A minha amiga e irmã, Larissa, que me ouviu falar tantas vezes do objeto de pesquisa sem reclamar.

A todos os professores e amigos que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho. Em especial ao Weden, orientador, amigo e conselheiro, que sempre incentivou meus temas pouco convencionais e me guiou, com muita paciência, pela estrada da Análise de Discurso.

“A literatura é mesmo, com a transgressão da lei moral, um perigo. Sendo inorgânica, ela é irresponsável. Nada repousa sobre ela. Ela pode dizer tudo.”

(BATAILLE, 2015, P. 22)

## RESUMO

Partindo do pressuposto de que as sociedades estruturam as possibilidades de interação sexual entre os indivíduos, definindo a série de parceiros e as práticas sexuais que são aceitáveis, buscamos por meio deste estudo observar, através da Análise de Discurso, as vozes que desafiam a interdição do incesto consentido a partir da popularização de um novo gênero literário, próprio às sociedades em redes, que são as *fanfics* (produções literárias realizadas por fãs baseados em qualquer produto cultural). É por meio da historicidade que se pode encontrar todo um processo discursivo marcado pela produção de sentidos que condenam o incestuoso, forçando-o a buscar outras formas de significar. Desejamos então mapear os discursos que atravessam as narrativas, tentando compreender de que maneira a própria rede permite a vocalização destes discursos contra uma normatização da sexualidade, que, segundo nossa hipótese, produzem novos sentidos que naturalizam o incesto consentido. A coleta do material se deu em três grandes portais de armazenamento e divulgação de *fanfics*: “*Nyah! Fanfiction*”, “*Spirit Fanfics e Histórias*” e “*Wattpad*”.

Palavras-chave: Normatização. Sexualidade. Internet. *Fanfics*. Incesto.

## ABSTRACT

Based on the assumption that societies structure the possibilities of sexual interaction between individuals, defining the series of partners and sexual practices that are acceptable, we seek by means of this study to observe, through Discourse Analysis, voices that challenge the interdiction of the incest consented from the popularization of a new literary genre, proper to societies in networks, which are fanfics (literary productions made by fans based on any cultural product). It is through historicity that one can find a whole discursive process marked by the production of meanings that condemn the incestuous, forcing him to seek other forms of meaning. We want to map the discourses that go through the narratives, trying to understand how the network itself allows the vocalization of these discourses against a normalization of sexuality, which, according to our hypothesis, produce new meanings that naturalize consented incest. The material was collected in three major storage portals and fanfics: "*Nyah! Fanfiction*", "*Spirit Fanfics and Stories*" and "*Wattpad*".

Keywords: Normatization. Sexuality. Internet. Fanfics. Incest.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 FANFICS: LITERATURA E MODERNIDADE NO CIBERESPAÇO .....</b>	<b>13</b>
2.1 LITERATURA, LITERATURAS .....	17
2.2 O QUE É FANFIC? .....	22
2.3 FANFIC COMO SUBGÊNERO LITERÁRIO .....	26
2.4 FANFICS E A VOCALIZAÇÃO DE NOVOS SENTIDOS .....	30
2.5 FANFICS INCESTUOSAS .....	33
<b>3 PODER E SEXUALIDADE .....</b>	<b>37</b>
3.1 APHRODISIA , DISCIPLINA E MORAL CRISTÃ .....	39
3.2 PATOLOGIZAÇÃO DA SEXUALIDADE .....	45
3.3 TRANSFORMAÇÃO DO ÍNTIMO E CONFISSÕES DA CARNE .....	49
<b>4 O INCESTO CONSENTIDO .....</b>	<b>55</b>
4.1 SOB OS OLHARES DA PSICANÁLISE E DA ANTROPOLOGIA .....	59
4.2 A TRANSFORMAÇÃO DA INTERDIÇÃO: DO DISCURSO RELIGIOSO AO BIOMÉDICO .....	66
4.3 SENTIDO DE INCESTO .....	72
<b>5 UMA QUESTÃO DISCURSIVA .....</b>	<b>77</b>
5.1 AS PLATAFORMAS .....	78
5.1.2 <i>Nyah! Fanfiction</i> .....	79
5.1.3 <i>Spirit Fanfics e Histórias</i> .....	81
5.1.4 <i>Wattpad</i> .....	83
5.2 AS NARRATIVAS .....	84
5.2.1 “ <i>Sweet brother, bad daddy</i> ” .....	84
5.2.2 “ <i>Give me love</i> ” .....	86
5.2.3 “ <i>Amor de irmãos</i> ” .....	86
5.2.4 “ <i>You can never say never</i> ” .....	87
5.2.5 “ <i>Incesto</i> ” .....	88
5.3 REGIMES DISCURSIVOS DE INTERDIÇÃO .....	89

<b>5.3.1 O discurso moral.....</b>	<b>90</b>
<b>5.3.2 O discurso religioso .....</b>	<b>93</b>
<b>5.3.3 O discurso higiênico.....</b>	<b>95</b>
<b>5.3.4 O discurso da normalidade.....</b>	<b>97</b>
<b>5.3.5 O discurso médico.....</b>	<b>98</b>
<b>5.3.6 O discurso jurídico .....</b>	<b>100</b>
<b>5.4 FUNÇÃO AUTOR/EFEITO LEITOR: O CONTRADISCURSO AMOROSO .....</b>	<b>101</b>
<b>5.5 INCESTO. BIOPODER. BIOSOCIABILIDADE .....</b>	<b>110</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>117</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>122</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os últimos dois séculos assistiram a um processo contínuo de politização da sexualidade, tanto do ponto de vista da disciplina e do controle, quanto das lutas pela liberdade e pelos direitos. Ainda que não se possa dizer que o pêndulo tendeu totalmente para o lado da liberação dos costumes, não é difícil afirmar que hoje o “uso dos prazeres”, para utilizar uma expressão de Michel Foucault, está muito mais à mão do indivíduo contemporâneo do que do estado, da religião, ou mesmo das ciências.

Mas isso não significa, em hipótese alguma, que não haja alguma forma de controle social sobre a sexualidade. As sociedades continuam estruturando as possibilidades de interação sexual entre os indivíduos, definindo a série de parceiros e as práticas sexuais que delimitam e normatizam a sexualidade. O que é aceitável, esperado, normal (quem pode ficar com quem) é definido através de regras explícitas e implícitas da cultura.

Há tabus que resistem fortemente, escandalizando os comuns, e merecendo formulações de interdição mesmo por parte da ciência, em especial das ciências biomédicas. Entre eles, evidentemente, o tabu do incesto consentido. A questão, no entanto, é que a literatura sempre permitiu a vocalização de discursos que abordassem esses tabus. Trabalhamos a vocalização, conceito proposto por Alves (2010, p. 14), como o “resgate de discursos negligenciados na memória, efeito da luta pelas interpretações da história”.

Atualmente, tratando-se da internet, podemos destacar o seu poder de formação de comunidades em rede. Essas comunidades são em grande parte constituídas por cumplicidade, busca e desejo. Entretanto, elas também carregam um caráter político, uma vez que revelam um espaço de resistência, de parcerias e associações com reflexos na vida pessoal.

Para compreender o silêncio acerca do incesto consentido é preciso analisar a trama que foi construída pela religião e a ciência em torno da atração consanguínea. E é pela historicidade que se pode encontrar todo um processo discursivo marcado pela produção de sentidos que condenam o incestuoso, forçando-o a buscar outras formas de significar.

A comunicação on-line tem o poder de potencializar os eventos já presentes em nossa sociedade. Com isso a internet favorece a produção de *fanfics*. O termo *fanfic* ou *fanfiction* designa produções literárias realizadas por fãs baseados em qualquer produto cultural (livros, jogos, músicas, personalidades famosas, ficções seriadas, etc). Há sites criados e administrados por fãs exclusivamente para a reunião e publicação dessas narrativas, nos quais os autores/leitores se relacionam em torno das ficções.

A escrita no meio digital funciona de forma diferente da escrita não digital. Estando em um meio material técnico, o sujeito “se entrega ao tempo do digital, do imediato, o da urgência, e, no modo como seu corpo é afetado pela tecnologia da escrita, ele se engana com a oralidade suposta, ele

se distrai, ele se deixa pegar pelo desvio, pela encruzilhada” (ORLANDI, 2012, p. 82). Há diversos casos de paixões consanguíneas nas *fanfics* e são bem recebidos pelo público. Os discursos ali presentes são aceitos pelos leitores, mas que discursos são esses?

Ao olhar para as narrativas de fãs nós procuramos ver como sujeito, língua e história trabalham juntos para produzir diferentes efeitos de sentidos acerca do incesto consentido, trabalhando sempre com a historicidade, ou seja, lembrando sempre da ligação entre a história e a historicidade do texto – os sentidos contidos ali.

Com o estudo do discurso observa-se o homem na prática da linguagem, sendo assim, na Análise de Discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido enquanto constituinte do homem e da sua história

A Análise de Discurso (Pêcheux/Orlandi) procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não se passa diretamente de um sujeito ao outro, mas sim por meio do materialismo histórico, ou seja, o homem faz história mas esta também não lhe é transparente. Sendo assim, conjugando a língua com a história na produção de sentidos, a AD trabalha a forma material, ou seja, a forma encarnada da história para produzir sentidos. Esta forma é, portanto, linguístico-histórica. E aqui representada pelas *fanfics*.

As diversas formações discursivas que compõem as narrativas em questão produzem sentidos, entretanto só produzem exatamente estes sentidos porque são sustentadas por determinadas posições, ou seja, por formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. Com base nisso, pretendemos responder a algumas inquietações: Como as *fanfics*, enquanto fenômeno do ciberespaço e expressão popular de literatura, acabaram se tornando um espaço aberto para que defensores do incesto consentido se sintam à vontade para criar e publicar narrativas incestuosas? Quais são os discursos materializados nas *fanfics* em relação ao incesto consentido e quais os sentidos possíveis produzidos por esses discursos? Como essa nova memória discursiva disponível contribui para transformações na sexualidade contemporânea?

O objetivo mais geral desse estudo é fazer um mapeamento dos discursos presentes nas *fanfics* incestuosas, tentando compreender de que maneira a própria rede permite a vocalização destes discursos contra a normatização da sexualidade. Conforme nossa hipótese, a vocalização desses discursos marginais produzem novos sentidos que naturalizam o incesto consentido e fornecem transformações da sexualidade contemporânea.

Já como objetivos específicos, busca-se descobrir quais são os sentidos produzidos pelas *fanfics* acerca do incesto, além de compreender a relação destes discursos com o discurso médico, religioso e moral. Objetiva-se identificar os processos discursivos (sentidos produzidos e silenciados) mobilizados pelas narrativas para referenciar os relacionamentos consanguíneos.

Em um primeiro momento, será feito um estudo bibliográfico visando compreender a origem e as características das *fanfics*, e qual o papel da mídia na sua popularização. Também

traçaremos as relações entre poder e sexualidade na criação e manutenção do tabu do incesto consentido, recorrendo aos discursos que fundamentam a interdição.

No segundo capítulo, intitulado *Fanfics: literatura e modernidade no ciberespaço*, o principal objetivo é compreender as *fanfics* na dupla realidade – midiática e literária. Começamos por discutir os meios de comunicação e a Modernidade, com uma atenção especial ao conceito de poder simbólico, caminhando até o surgimento do ciberespaço. Posteriormente, ressaltamos a importância da literatura para a sociedade, buscando assim entender o nascimento das *fanfics* e conceituar essas narrativas.

Em seguida, o trabalho se volta para o esforço de pensar os micropoderes e o modo como afetam o indivíduo, recorrendo aos estágios da normatização da sexualidade através da história, inclusive a patologização da sexualidade. Utilizamos o conceito de biopoder para entender o modo como autores e leitores se socializam em torno do incesto. O debate acerca do fato de se expressar sobre a própria sexualidade e a consciência de si encerram *Poder e sexualidade*, nosso terceiro capítulo.

No quarto capítulo, *O incesto consentido*, buscamos entender como se dá a sua interdição, recorrendo à psicanálise e à antropologia. Em seguida, discutimos o discurso proibicionista e punitivo em relação ao incesto presente no Cristianismo, e o discurso biomédico. Uma leitura discursiva do verbete “incesto” em dicionário de língua portuguesa de diferentes épocas, em busca de deslizamentos e estabilizações de sentidos, finaliza o capítulo.

*Uma questão discursiva* é nosso capítulo de análise das sequências discursivas das *fanfics* e dos comentários, buscando mapear os sentidos produzidos pelas narrativas.

## 2 FANFICS: LITERATURA E MODERNIDADE NO CIBERESPAÇO

As *fanfictions* ou simplesmente *fanfics* são tanto um fenômeno do ciberespaço quanto uma expressão popular da literatura, ou seja, tanto um acontecimento da história da comunicação quanto uma realização estética. Para compreender as *fanfics* nesta dupla realidade – midiática e literária – começamos por discutir os meios de comunicação e a Modernidade, com uma atenção especial ao conceito de poder simbólico. Exploramos, assim, a evolução da escrita para a impressão e o surgimento de novas redes de poder, proporcionando a institucionalização dos campos sociais, sendo o campo midiático aquele que leva os saberes dos outros para a esfera pública e política. Em seguida tratamos da reorganização do espaço/tempo, provocada pela mídia, como parte da globalização, tendo como um de suas consequências o surgimento do ciberespaço.

Antes de pensar as *fanfics* como uma manifestação estética da literatura popular em tempos de rede, ressaltamos a importância da literatura para a sociedade e para a satisfação do indivíduo. Numa época que clama pela interação do leitor, as *fanfics* acabam sendo quase um desdobramento natural da literatura popular e midiática. Após entender o seu nascimento e conceituar essas narrativas, exploramos a influência do ciberespaço na sua consagração; para logo em seguida, através dos estudos acerca dos gêneros literários, atrevermo-nos a classificar as *fanfics* como um subgênero do romance.

Finalmente, será dentro dessa dupla realidade – estética e literária – que podemos compreender a constituição, a formulação e a circulação de discursos (ORLANDI, 2013) considerados tabus sobre o incesto consentido. Discursivamente, portanto, o que fazemos é discutir as condições de produção desse discurso.

Para compreender a natureza da modernidade é necessário considerar a centralidade assumida pelos meios de comunicação em nossa época. Eles são importantes para a organização do poder, independentemente dos discursos veiculados por eles, conforme defende Thompson (1998). O desenvolvimento dos meios de comunicação é uma reelaboração do caráter simbólico da vida social, “uma reorganização dos meios pelos quais a informação e o conteúdo simbólico são produzidos e intercambiados no mundo social e uma reestruturação dos meios pelos quais os indivíduos se relacionam entre si” (THOMPSON, 1998).

O autor também define “poder” como “um fenômeno social penetrante, característico de diferentes tipos de ação e encontro” e ressalta que o associamos à política porque os Estados se tornaram centros importantes de concentração de uma forma

especializada de poder. Para melhor entender as relações de poder, o autor classifica suas quatro principais formas: poder econômico (materiais e financeiros), político (autoridade), coercitivo (força física e armada) e simbólico (meios de informação e comunicação).

Partindo de uma abordagem sociológica, Bourdieu (1989) também trata desse poder simbólico, mas numa concepção bem mais ampliada: “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeito ou mesmo que o exercem”, ou seja, é de construção da realidade. O autor considera a arte, religião, língua, ciência, etc., como estruturas estruturantes ou *modus operandi*.

Para o autor, os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só exercem um poder estruturante porque são estruturados. E devido a isso são passíveis de uma análise estrutural. O simbolismo tem função social e papel determinante na construção de consenso – no caso, da hegemonia. Isso explica as relações da produção simbólica com os interesses da classe dominante. Essa função política também é atribuída às produções simbólicas como instrumentos de dominação. Com isso, concluímos que os sistemas simbólicos distinguem-se conforme são produzidos e apropriados por um determinado grupo, podendo ele ser um campo de produção e circulação, sendo os especialistas os agentes desse poder.

Bourdieu (1989) trata de dois estados de história: aquela acumulada ao longo do tempo nos objetos e a história *habitus*, que seriam as disposições sociais duradouras que levam o indivíduo a reproduzir características de sua classe. Para Bourdieu (1989), a história institucionalizada só se torna atuada e atuante quando encontra alguém que nela se reconheça e a assuma. O autor propõe categorias para se pensar o material histórico, são elas a história incorporada pelos homens, que se manifesta nas práticas, ações, testemunhos etc do homem, ao lado da história retificada, que se externa de alguma forma arquivada, como por exemplo: documentos e a arquitetura. Sendo assim, toda ação que queira distinguir o possível (as ações possíveis, acontecimentos possíveis) do provável (aquilo que poderá de fato acontecer) conta com a história incorporada. Diante disso, a história retificada aproveita-se da falsa cumplicidade que a une a primeira para se apropriar do sujeito desta.

Bourdieu (1989) observa que uma teoria de cunho objetivista acaba por naturalizar as representações que os agentes têm do mundo social e a contribuição que eles dão para a construção desse mundo por meio de representação. As categorias de percepção do mundo social (esquemas classificatórios que permitem estabelecer diferenças) se dão na

incorporação das estruturas objetivas do espaço social. Sendo assim, os agentes tomam o mundo social como ele é, e o naturalizam.

Retomando a Thompson (1998), o autor define “comunicação” como um tipo distintivo de atividade social que envolve produção, transmissão e recepção de formas simbólicas, e implica a utilização de recursos de vários tipos. Do ponto de vista da produção e da transmissão, são o grau de fixação, a reprodução e o distanciamento espaço-temporal que devemos considerar como os aspectos centrais dos meios técnicos.

Thompson (1998) analisa as transformações institucionais associadas com o advento das sociedades modernas, como o surgimento das chamadas “identidades nacionais” - o sentido de pertencimento a uma nação particular e nela partilhar direitos, deveres e tradições. Antes era a Igreja Católica Romana a instituição central do poder simbólico, com o monopólio da produção e difusão de discursos disciplinares. Existiam alianças entre autoridades políticas e religiosas visando o controle de domínios. Mas com o advento do protestantismo, a igreja se fragmentou e deu origem a várias seitas distintas que reivindicavam caminhos diferentes à verdade das escrituras, acompanhadas pela expansão de sistemas de conhecimento e de instrução. Na época, o acesso ao conhecimento era por meio da comunicação oral e de poucos manuscritos.

Com a evolução da escrita para a impressão, assistimos ao surgimento de novas redes de poder, esclarece Thompson (1998). As técnicas de impressão se espalharam rapidamente, com os tipógrafos indo de uma cidade a outra com seus equipamentos, e fazendo surgir um florescente comércio de livros. Temos então uma série de fatores que vão contribuir para a percepção de uma identidade nacional, este acontecimento marcante da Modernidade: a consolidação das línguas vernáculas ante o latim, mudanças na forma de acesso ao conhecimento, para o que contribuiu o desenvolvimento da imprensa; e o surgimento dos estados nacionais.

O desenvolvimento da imprensa também estará na base daquilo que Thompson (1998), recorrendo a Habermas<sup>1</sup>, vai pensar para a esfera pública. Ele destaca três tendências centrais no desenvolvimento das indústrias: a mídia com seus interesses comerciais, a globalização da comunicação e o desenvolvimento das formas de comunicação. A revolução tecnológica junto com a diminuição dos impostos permitiram a redução dos preços e, conseqüentemente, um público cada vez mais amplo para as mídias. E o desenvolvimento das várias tecnologias não pode ser dissociado do poder econômico, político e coercitivo.

---

<sup>1</sup> Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa

A escrita também proporcionou a organização dos saberes e a institucionalização dos campos sociais. Neste momento, retornamos rapidamente a Bourdieu (1989), para lembrar que campo social é um espaço de institucionalização através da normatização e da legislação que constituem um determinado saber. Cada campo possui sua própria forma de funcionar, resultante de suas características e autonomia em relação aos demais. Para que todos tomem consciência da especificidade e importância de cada campo é necessário torná-lo público. E é nessa hora que o campo midiático se torna fundamental: é através dele que os outros se mostram; é necessário passar pelo midiático para alcançar a esfera pública<sup>2</sup>.

A reorganização do espaço e do tempo provocada pelo desenvolvimento da mídia faz parte da globalização, dirigida, principalmente, por conglomerados da comunicação. E três desenvolvimentos tecnológicos interligados tiveram grande importância na globalização da comunicação: utilização de cabos submarinos, uso dos satélites e o surgimento de métodos digitais de processamento, armazenamento e recuperação da informação (THOMPSON, 1998).

A globalização, a partir de seus desenvolvimentos tecnológicos, possibilita que produtos midiáticos sejam cada vez mais distribuídos em nível mundial. Mas esta distribuição é desigual. Certas organizações detêm o controle predominante, o que resulta no fato de que algumas regiões do mundo sejam dependentes de outras para o suprimento de bens simbólicos (resultado de fatores econômicos e históricos). É necessário considerar os padrões de acesso ao material transmitido para realmente entender o impacto da globalização da comunicação. Devemos também considerar a utilização dos materiais simbólicos globalizados (o que os receptores entendem e fazem com elas).

Quando o Thompson (1998) se refere a apropriação dos produtos da mídia, destaca que as mensagens são transformadas no processo de apropriação. “A apropriação dos materiais simbólicos permite aos indivíduos se distanciarem das condições de vida totalmente diferentes das que eles experimentam no dia a dia”. Tomar consciência de outros modos de vida constitui o recurso que os indivíduos necessitam para repensar suas próprias condições de vida.

Numa percepção mais convencional, Thompson (1998) acredita que em determinados meios técnicos, certos discursos podem receber uma maior disponibilidade no tempo: alcançam indivíduos em outros contextos, podendo influenciar acontecimentos à

---

<sup>2</sup> É por conta dessa competência de organizar os demais campos, de tornar as especificidades de cada um reconhecíveis para a sociedade, que a mídia acabou por se tornar objeto de estudos de uma nova área de saber, a Comunicação.

distância. A comunicação de massa, para o autor, é caracterizada pelo fato de os produtos estarem disponíveis para uma enorme pluralidade de destinatários que interpretariam os produtos midiáticos de formas únicas. Ainda segundo o autor, esse processo comunicativo se daria sobre uma desigualdade em referência aos receptores que pouco fariam para determinar o conteúdo da comunicação.

Aqui cabe uma observação crítica e importante. Do um ponto de vista discursivo, no entanto, a percepção de Thompson talvez não se sustente, pois que, independente da função sujeito ocupada, emissor ou receptor, os interlocutores estão sempre produzindo sentidos. Ouvir, falar, escrever ler e mesmo olhar são atos enunciativos que envolvem produção de sentidos, a partir de certas formações discursivas (ORLANDI, 2013). Por isso mesmo também não é possível que “destinatários” interpretem os produtos midiáticos de formas únicas.

Mas é certo que algumas mudanças de nossa compreensão de mundo derivam das modernas tecnologias de telecomunicação, como o surgimento da simultaneidade não espacial. Assim a mídia alterou a nossa compreensão de lugares distantes do passado. “Os horizontes espaciais de nossa compreensão se dilatam grandemente, uma vez que eles não precisam estar presentes fisicamente aos lugares onde os fenômenos observados ocorrem” (THOMPSON, 1998, p. 61). Com a disjunção entre espaço e tempo trazida pela comunicação o mundo se encolheu.

Diante de um mundo da comunicação no qual não se faz mais necessária a presença física para construir um relacionamento, surge o ciberespaço. Esse conjunto de rede de computadores possibilita o surgimento de comunidades unidas em torno de um mesmo interesse, e discursos marginalizados ganham outros espaços. Dentre tantas possibilidades, deparamo-nos com narrativas criadas por fãs, as famosas *fanfictions*. Antes de discorrer sobre esse fenômeno, precisamos retomar a importância das narrativas literárias na compreensão da realidade.

## 2.1 LITERATURA, LITERATURAS

Cada sociedade cria suas narrativas baseadas em suas crenças idealistas e normas, visando fortalecer a presença e atuação delas, comenta Candido (2007a). É por este motivo que a literatura se tornou um instrumento de educação; ela tem o poder de apoiar e ao mesmo tempo combater, expõe o autor. A literatura pode ser lida como um equipamento intelectual. A literatura não é inofensiva, ela forma personalidades. A literatura é, conforme o autor, a

manifestação do homem na história. É impossível viver sem ter contato com alguma espécie de fabulação. Não existe homem sem literatura, “ela manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada nas novelas de televisão ou na leitura seguida de um romance” (CANDIDO, 2007a, p. 28).

Candido (2007a) enxerga o livro como instrumento para imaginação e reconhece que o ser humano tem necessidade de exercer essa imaginação. Nós só conseguimos enfrentar essa realidade quando fugimos dela, essa fuga se dá por meio da leitura de um livro, por uma ida ao cinema ou até mesmo pelos devaneios corriqueiros.

Buscando no homem comum uma atividade afim à criação literária, Freud (1907/1908) olha para a infância, mais precisamente para as brincadeiras das crianças. “Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, regusta os elementos de seu mundo de seu mundo de uma nova forma que lhe agrade?” (FREUD, 1907/1908). Para o autor, a antítese de brincar é o real. A criança distingue seu mundo de brinquedo da realidade, “e gosta de ligar seus objetos e situações imaginadas às coisas tangíveis do mundo real” (FREUD, 1907/1908). Essa conexão, conforme o autor, é o que diferencia o “brincar” do “fantasiar” dos escritores. O escritor criativo cria um mundo de fantasia no qual investe emoção, porém, mantém a separação nítida entre o mesmo e a realidade.

A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, consequências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que, se fosse real, não causaria prazer, pode proporcioná-lo como jogo de fantasias e muitos excitamentos que em si são realmente penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor. (FREUD, 1907/1908)

Ao crescerem as pessoas param de brincar e parecem renunciar esse prazer, entretanto, o que acontece é a formação de um substituto, explica Freud (1907/1908). Quando crescemos abdicamos do elo com os objetos reais, ou seja, em vez de brincar, o adulto fantasia, cria devaneios. Diferentemente das crianças, o adulto envergonha-se de suas fantasias, escondendo-as. São elas seu bem mais íntimo, explica o autor.

“As forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (FREUD, 1907/1908). Para o autor, o escritor criativo é motivado por uma experiência no presente capaz de despertar uma lembrança anterior, originando um desejo que encontra a realização na obra criada. Freud (1907/1908) ainda ressalta que as obras imaginativas que são uma reformulação

de um material preexistente e conhecido, conservam uma certa independência que se manifesta na escolha do material e nas alterações.

Se um sujeito apenas comunicasse, por meio de um relato, suas fantasias, sentiríamos algo próximo a repulsa.

Mas quando um escritor criativo nos apresenta suas peças, ou nos relata o que julgamos ser seus próprios devaneios, sentimos um grande prazer, provavelmente originário da confluência de muitas fontes. Como o escritor o consegue constitui seu segredo mais íntimo. A verdadeira *ars poetica* está na técnica de superar esse nosso sentimento de repulsa, sem dúvida ligado às barreiras que separam cada ego dos demais. Podemos perceber dois dos métodos empregados por essa técnica. O escritor suaviza o caráter de seus devaneios egoístas por meio de alterações e disfarces, e nos suborna com o prazer puramente formal, isto é, estético, que nos oferece na apresentação de suas fantasias. Denominamos de prêmio de estímulo ou de prazer preliminar ao prazer desse gênero, que nos é oferecido para possibilitar a liberação de um prazer ainda maior, proveniente de fontes psíquicas mais profundas. Em minha opinião, todo prazer estético que o escritor criativo nos proporciona é da mesma natureza desse prazer preliminar, e a verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma libertação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devida à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem autoacusações ou vergonha. (FREUD, 1907/1908).

Uma história pode provocar apego emocional, explicado pela capacidade das múltiplas linhas narrativas, que compõem a obra, em oferecer vários caminhos, sem definir um específico como verdadeiro. Fato que auxilia o leitor a lidar com emoções conflitantes, e assim enfrentar um acontecimento traumático (MURRAY, 2003). Essa constatação ajuda a compreender a importância e necessidade de ver o mundo sendo narrado em histórias. O ficcional, conforme Proença Filho (2007), por abrigar coisas da realidade, não se confunde com o falso, e por isso mesmo “é um dos meios de que se vale o homem para conhecer a realidade” (idem, p.15).

A psicanálise é outro campo de saber que atribui à arte um papel além do estético. Freud (2011, p. 23) afirma que “a sensação de felicidade ao satisfazer um impulso instintual selvagem [...] é incomparavelmente mais forte do que a obtida ao saciar um instinto domesticado”. Esse resultado, conforme o autor, pode ser obtido através do trabalho psíquico e intelectual, como na “fruição de obras de arte, que por intermédio do artista se torna acessível também aos que não são eles mesmos criadores”, conclui Freud (2011, p. 23).

A literatura se configura quando, ao tratar da simples representação de situações particulares, mensura elementos universais. “O texto literário veicula uma forma específica de comunicação que evidencia um uso especial do discurso, colocado a serviço da criação artística reveladora”, argumenta Proença Filho (2007, p. 30). O autor explica que a mimese

pode ser entendida como a “imitação da aparência da realidade”. Nessa concepção platônica, a realidade é a imagem de ideias eternas e a obra de arte a imagem dessa imagem. “Já para Aristóteles, a mimese corresponde à imitação das ‘essências’, imitar não é duplicar o referente, implica conhecimento da natureza profunda do ser humano e do mundo. O produto artístico que se concretiza a partir dela conduz ao efeito de ‘purgação’ libertadora (catarse)” (PROENÇA FILHO, 2007, p. 31). Esse sentido atravessa os séculos e só vai ser realmente compreendido bem mais tarde com a interpretação de Butcher, a partir da qual a mimese aristotélica passou a ser entendida como revelação da plenitude do real, completa o autor.

Stierle (1979, p. 171), afirma que “o mundo da ficção e o mundo real se coordenam reciprocamente: o mundo se mostra como horizonte da ficção, a ficção como horizonte do mundo”. Pela maneira que emprega a linguagem, a ficção se move na experiência possível, mesmo se afastando da realidade que nos é acessível. Entretanto, o mundo pré-orienta a ficção, convergindo sempre a ficção em uma experiência do mundo, argumenta o autor.

“A limitação da obra ficcional é a sua maior conquista” (CANDIDO, 1976, p. 34). Ainda conforme o autor, nas narrativas é possível realçar aspectos essenciais, dando às personagens um caráter nítido, levando-as a passar por situações mais decisivas do que seria esperado na vida real. “Na medida em que se acentua o valor estético da obra ficcional, o mundo imaginário se enriquece e aprofunda, prendendo o raio de intenção dentro da obra e tornando-se, por sua vez, transparente a planos mais profundos, iminentes à própria obra”, defende Candido (1976, p. 42). Com isso, conforme o autor, o leitor contempla e vive as possibilidades que sua vida, por algum motivo, não permite, a partir dessa experiência ocorre o desenvolvimento individual.

A ficção é um lugar ontológico, privilegiado lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude de sua condição [...] vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre. (CANDIDO, 1976, p. 48).

As personagens, para o autor, representam a possibilidade de adesão afetiva do leitor através da identificação. O texto literário repercute nos leitores na medida em que revela traços do nosso psiquismo, acrescenta Proença Filho (2007).

Como afirma Jenkins (2009, p. 170) “Histórias são fundamentais em todas as culturas humanas, o principal meio pelo qual estruturamos, compartilhamos e

compreendemos nossas experiências comuns”. Esses relatos formam um padrão capaz de ser reconhecido em diversas culturas, autores e meios, explica Murray (2003).

Murray (2003) destaca ainda que uma narrativa excitante é capaz de arrebatá-la nossa atenção e gerar uma realidade virtual independente do meio em que esteja. Isso ocorre, segundo a autora, que parte de uma abordagem mais cognitivista, porque nossos cérebros são capazes de adentrarem na história com uma intensidade absurda, sincronizando-a com o mundo à nossa volta.

Em nossa época, segundo a autora, essa capacidade de experimentação (da vida na arte) faz com que os leitores/consumidores reivindiquem cada vez mais o direito de participar da construção dessas narrativas. Jenkins (2009) utiliza-se do conceito de “atrator cultural”, de Pierre Lévy, para definir essa capacidade da obra de arte – nesse caso, as narrativas – de criar uma base comum entre diversas comunidades, agindo também como um ativador cultural, ou seja, impulsionando entendimento, especulação e reinterpretação. Jenkins recorre também a Umberto Eco para explicar o que a obra precisa fazer para atender a essa atual demanda de participação e reinterpretação: primeiro a obra deve chegar aos consumidores como “um universo completamente guarnecido, para que as fãs possam citar personagens e episódios como se fossem aspectos do sectário universo particular.” (JENKINS, 2009, p. 140 apud ECO, 1984). Segundo, o universo criado deve conter uma grande gama de informações que possam ser destrinchadas pelos mais dedicados.

Visando atender essa intensa demanda e fortalecer o mercado, os criadores de hoje pensam na narrativa já como uma porta para a participação do consumidor, argumenta Murray (2003). Participação essa que é facilitada pelas novas tecnologias midiáticas, que proporcionam um amparo à criatividade alternativa. A autora explica que uma das experiências narrativas que se aproveitam dessas mudanças é aquela na qual os literatos possuem liberdade para construir suas próprias histórias, habitando um mundo narrativo capaz de suportar reinterpretações e desdobramentos.

O desejo ancestral de viver uma fantasia originada num universo ficcional foi intensificado por meio participativo e imersivo, que promete satisfazê-lo de um modo mais completo do que jamais foi possível. Com detalhes enciclopédico e espaços navegáveis, o computador pode oferecer um cenário específico para os lugares que sonhamos visitar. (MURRAY, 2003, p. 101)

A comunicação on-line tem o poder de potencializar os eventos já presentes em nossa sociedade; com isso a internet favorece a produção das *fanfics* construídas por novos discursos e capazes de produzir novos sentidos. A possibilidade de publicações com menos

censuras, direcionadas para um público específico, encoraja a vocalização e a interpretação dos novos sentidos pelos consumidores através dos relatos. Essas narrativas eletrônicas podem ser empregadas, conforme Murray (2003), para ensinar novos modos de ver o mundo. Questões tidas, ainda, como tabus podem ser embutidos em narrativas, tendo como pano de fundo universos já consagrados e acolhedores, na medida certa para se tornarem envolventes e cativantes ao ponto de promover mudanças comportamentais. Afinal, “uma história é um ato de interpretação do mundo, enraizado nas percepções e nos sentimentos particulares do escritor”, defende a autora.

Esse leitor inquieto e esfomeado por mais – popularmente conhecido como fã – pode iniciar sua leitura através de um meio off-line (livros, quadrinhos, filmes, etc), mas em algum momento esbarrará no on-line, deparando-se com uma nova forma de interação com a obra inicial, explicam Camargo e Abreu (2013).

## 2.2 FANFIC

O termo *fanfic* ou *fanfiction* designa “produções narrativas realizadas por consumidores de produtos culturais tais como livros, jogos, revista em quadrinhos e ficções seriadas.” (SAMPAIO, 2014, p. 160). Camargo e Abreu (2013) complementam essa definição ressaltando que as *fanfics* são “(re)escritas criativas e livres” construídas por leitores. Essas produções são escritas dentro de determinado universo ficcional e são postas em circulação na internet por meio de sites, blogs ou fóruns de redes sociais. Para Jamison (2017, p. 259), *fanfiction* não possui um significado específico, “é um termo guarda-chuva para trabalhos identificados por seus autores como sendo relacionados a um produto cultural particular ou figura pública”.

Há sites criados e administrados por fãs exclusivamente para a reunião e publicação dessas narrativas. Trata-se de produtos extensos, com vários capítulos, ou até mesmo um único capítulo (*One-shot*), e que acabam conquistando uma existência paralela à série, acrescenta Gomes (2007). As *fanfics* são classificadas de acordo com o conteúdo, alertando os leitores do que podem encontrar em cada nova ficção, como por exemplo: conteúdo sexual, violência, drama, incesto etc. O distanciamento do original pode ser proposital ou acidental. Muitas vezes, conforme Jamison (2017), o único vínculo com o produto original são os nomes das personagens.

Jamison (2017, p. 31) define as *fanfics* como uma escrita que continua, interrompe, reimagina ou apenas faz alusão a histórias e personagens que outras pessoas já

escreveram” e não são publicadas visando lucro. Gomes (2007) descreve ainda as *fanfics* como manifestações concretas de "consumo da experiência" e ilustrações de várias faces da vivência e do consumo de uma determinada experiência, que pode ocorrer de forma pessoal ou coletiva.

Quando as *fanfics* começaram a ganhar espaço, eram produções, em sua maioria, de mulheres<sup>3</sup> na faixa dos 20, 30 anos, ou mais, explica Jenkins (2009). Hoje, a facilidade em produzir e a censura mais branda incentivou o surgimento de autores cada vez mais novos, muitos ainda nem entraram na adolescência quando decidem compartilhar suas próprias narrativas. As comunidades de *fanfics* oferecem apoio para escritores iniciantes, como aulas de português e *betas readers*. Um *beta reader* é aquele que avalia o trabalho do autor, geralmente tem acesso a história inteira de uma vez e revisam o texto – ortografia, gramática, construção de personagens e desenvolvimento da trama – antes de ser publicado. São membros que possuem maior domínio da produção de narrativas, geralmente alunos de Letras ou Literatura. Além disso, os jovens escritores, de acordo com Jamison (2017) crescem escrevendo em uma comunidade recheada de leitores e comentaristas que já conhecem e adoram os personagens, o que encoraja e facilita todo o processo de criação. A nova geração de escritores cresce cada vez mais e passa a compartilhar material original nas mesmas plataformas que compartilham *fanfics*, como por exemplo o *Wattpad*.

“As comunidades de *fanfictions* juntam pessoas que podem estar muito distantes no espaço físico e as conecta em uma proximidade no espaço cultural, através de atividades quase simultâneas de autoria, edição, resposta e ilustração” (JAMISON, 2017, p. 26). Geralmente não está claro quem é escritor e quem é leitor, e nem qual a diferença entre eles. “Não se trata apenas de escrever histórias sobre personagens e mundos existentes – é escrever essas histórias para uma comunidade de leitores que já querem lê-las, que querem conversar sobre elas e que podem estar escrevendo também”, conclui Jamison (2017, p. 49).

As *fanfics* marcam o direito, conforme Jamison (2017), de construir em cima do original, expandindo e ajustando-o para cumprir objetivos, acrescentando camadas de significados que o original nunca teve. A autora afirma que a *fanfic* ajuda a acusar mudanças específicas na cultura, e isso ocorre de forma bem rápida, já que essas narrativas estremecem as fronteiras entre leitura e escrita, consumo e criação.

*Fanfics* não são apenas histórias escritas sobre outras histórias, são histórias sendo escritas sobre a mesma história, tudo ao mesmo tempo. É o compartilhamento dessas histórias

---

<sup>3</sup> Jamison (2017) destaca que as mulheres dominam o mercado editorial de livros românticos.

com um aumento da facilidade e da velocidade e a diminuição dos custos, comenta Jamison (2017).

Com o sucesso alcançado por essas narrativas, produtores começam a querer lucrar com as *fanfics*, já que são essas histórias que os fãs querem ler. Um exemplo é *Cinquenta tons de cinza*, E. L. James, que nasceu como uma *fanfic* de *Crepúsculo*, Stephenie Meyer, e se tornou um fenômeno. Entretanto, nem toda narrativa produzida por um fã é bem sucedida fora do *fandom* (termo usado para nomear uma subcultura de fãs caracterizados pela empatia pelos membros da comunidade que possuem gostos em comum).

Dionísio de Holicarnaso, historiador e retórico grego, afirmava que a arte de escrever era na verdade a arte de imitar bons escritores que vieram antes e você. Jamison (2017) argumenta que até o final do século XVI escrever baseando-se no trabalho de outro escritor era a prática padrão. Um hábito comum de escrever a partir de fontes que fez com que, desde o século XVIII, jovens romancistas tivessem seu aprendizado literário por meio da escritura de continuções de seus livros preferidos. Muitos jovens não ficavam satisfeitos com os finais e acabavam reescrevendo dando o final feliz que tanto desejavam, afirma a autora.

A história de Sherlock Holmes “produziu” o primeiro *fandom*, explica Jamison (2017). Com dois livros, *Um estudo em vermelho* (1887) e *O signo dos quatro* (1890), e 56 contos na revista *The Strand* (1991), o detetive teve um alcance estrondoso. Sherlock Holmes gerou uma vasta história de adaptações bem sucedidas em todas as mídias, “estamos muito acostumados a reconhecer Sherlock Holmes em múltiplas visões, por múltiplos autores” (JAMISON, 2017, p. 52). Para a autora isso nada mais é do que *fanfiction*.

Até a década de 1960, o termo *fanfiction* designava a ficção original escrita por amadores e publicadas em *fanzines*. Histórias baseadas em mundos e personagens existentes só foram aparecer sob o nome de *fanfiction* algum tempo depois.

*Fanfics* sobre Jornadas nas Estrelas apareceram no final da década de 1960 em zines mimeografados, como *Spockanalia* e *T. Negative*. Esses fãs transformaram o ato de ler e de assistir (um consumo solitário) em uma conversa ativa, explica Jamison (2017). A série deu origem a ficção científica (*fanfic*) centrada em relacionamentos, embora não tenha sido o primeiro. Jornada nas Estrelas foi o primeiro *fandom* que tinha a *fanfic* como objeto central, sustentando várias *fanzines*. “Com Jornadas nas Estrelas, a *fanfiction* se tornou uma jornada realmente coletiva, o tipo de comunidade supersocial de hoje”, destaca Jamison (2017, p. 93). O acesso fácil as condições de produção, a revolução sexual e o feminismo contribuíram para que as mulheres se tornassem maioria maciça na produção e consumo dessas narrativas.

Junto com os fãs de Jornadas nas Estrelas surgiu a tendência do conteúdo erótico nas narrativas. Isso coincide com a crescente inclusão da sexualidade na ficção científica e na literatura de fantasia, considera Jamison (2017).

Até meados dos anos 1990, a cultura *fandom* se matinha nas *fanzines*. A maioria dos fãs escritores ainda mantinham suas histórias em cadernos, muitos nem sabiam que isso se chamava *fanfic*, explica Jamison (2017). O passar dos anos possibilitou que uma rápida pesquisa na internet mostrasse milhares de discursos e histórias relacionadas a determinado produto cultural.

Com o advento da internet nos anos 1990, a *fanfic* foi cada vez mais produzida e mais facilmente distribuída digitalmente. A internet também trouxe o anonimato. A *fanfic* se torna, de acordo com Jamison (2017), aberta e pública. Leitores e escritores possuem liberdade para se ocultarem. A internet mudou a *fanfic*, já que possibilita que comunidades com gostos específicas se estabelecem com maior faticidade. A autora acredita que as listas de e-mails deram início ao que hoje seriam os grandes sites de compartilhamento de *fanfictions*.

A grande explosão das narrativas de fãs ocorreu com *Harry Potter*, J. K. Rowling, e mais tarde foi consagrada por *Crepúsculo*, Stephanie Meyer. As duas sagas possuem, respectivamente, os maiores e mais ativos *fandons* da internet.

Crescer lendo e escrevendo nas comunidades de *fanfiction* online se tornou uma realidade muito comum e ajudou a moldar o pensamento, a leitura e os hábitos de escrita de uma geração de futuros escritores. [...] Esta transformação da escrita em uma atividade social e comunitária já tem um profundo impacto na economia e na produção de ficção, assim como nos relacionamentos que esta ficção representa, força e se baseia. (JAMISON, 2017, p. 159)

Todo trabalho criativo acontece em uma circulação coletiva de textos e pessoas. Este é um dos motivos que faz da *fanfic* algo importante mesmo além das fronteiras. Para Jamison (2017, p.199), a *fanfic* faz com que “você fique obcecado pelos personagens ou pelo mundo, e então fica disposto a ir a novos lugares apenas para ler mais. No processo, termina aprendendo sobre toda uma subcultura à qual nunca tinha prestado muita atenção”. Diferente das outras atividades dos fãs, as *fanfics* apagam a divisão autor/leitor.

Ao representar um universo ficcional, uma *fanfic* situa-se como uma narrativa literária, pois evoca diferentes situações espaço-temporais, configurando uma história ou fábula que representa ou mimetiza situações reais ou ao menos que figuram no imaginário coletivo das comunidades que acessam o ciberespaço. (ZAPPONE, 2010, p. 8)

As *fanfics* representam a produção e o consumo da modalidade discursiva que tem como função principal narrar, conclui Zappone (2010). Assim como na narrativa literária tradicional, veiculada por meio impresso, essas produções de fãs também trabalham com personagens, narradores, marcações espaciais e temporais. Conseqüentemente, entendemos as *fanfics* como um novo subgênero literário.

### 2.3 FANFIC COMO SUBGÊNERO LITERÁRIO

Em sentido lato, literatura é toda expressão verbal, falada ou redigida. Entretanto, segundo Lima (1958), literatura pode ser definida como toda arte concretizada pela expressão verbal. É a palavra, oral ou escrita, com fim em si mesma, expressa em prosa, verso ou diálogo.

A escrita literária, segundo Zappone (2010), pode ser compreendida como uma forma discursiva enunciativa e com determinados traços textuais. As manifestações literárias em prosa (conto, romance e novela) são variedades de visões do mundo, explica Proença Filho (2007). Essas visões se apresentam por meio da narração veiculada a personagens num tempo e num espaço. “Por narração compreende-se a sucessão de fatos, imagens ou acontecimentos que, numa sequência ordenada, se configura num texto literário, é o modo como a narrativa se organiza”, explica Proença Filho (2007, p. 56).

Soares (1989) argumenta que a necessidade de classificar as obras literárias através de “mecanismos de estruturação semelhantes” surgiu junto com as primeiras manifestações poéticas.

A caracterização de gêneros, tomando por vezes feições normativas, ou apenas descritivas, apresentando-se como regras inflexíveis ou apenas como um conjunto de traços, os quais a obra pode apresentar em sua totalidade ou predominantemente, vem diferenciando-se a cada época. (SOARES, 1989, p. 7)

Aristóteles divide as manifestações literárias em três grandes gêneros: épico, lírico e dramático. No épico, a história contada exalta as qualidades e feitos de um povo. Também chamados epopeias, foram os primeiros textos narrativos. O lírico pode ser compreendido como a expressão de uma subjetividade e o fato de não haver, necessariamente, o relato de uma história. Já o dramático é o texto escrito para ser encenado, ou seja, figuram-se a participação de elementos extra verbais, como cenário e movimento das personagens. Staiger (1975) comenta que só é trágico o que rouba do homem sua meta final, deixando-o fora de si.

Esses gêneros podem aparecer em textos em poesia – diretamente subordinada a questões rítmicas – e prosa.

Staiger (1975) ressalta que não existe uma obra que seja puramente lírica, épica ou dramática. Para o autor “qualquer obra autêntica participa em diferentes graus e modos dos três gêneros literários, e de que essa diferença de participação vai explicar a grande multiplicidade de tipos já realizados historicamente”, explica Staiger (1975, p. 137).

Em Aristóteles, a diferenciação dos gêneros está ligada a preocupação conteudística, e já Horácio, no pragmatismo, acredita que a literatura tenha uma função moral e didática, criando reflexões sobre os gêneros literários e a adequação entre o tema trabalhado e o ritmo, pondera Soares (1989). Eliminava-se assim a possibilidade de hibridismos, eliminação essa que seria defendida, principalmente, pelo classicismo do século XVI. A autora ressalta que só na segunda metade do século XVIII, com o surgimento do movimento pré-romântico, toda e qualquer classificação literária é condenada.

Uma proposta bastante representativa da rebeldia romântica contra o pensamento clássico foi a do já famoso “Prefácio” do Cromueller (1827), de Victor Hugo, onde se faz a defesa do hibridismo dos gêneros, com base na observação de que na vida se mistura o belo e o feio, o riso e a dor, o grotesco e o sublime, sendo, portanto, artificial separar-se a tragédia da comédia. Ao contrário, a diversidade e os contrastes deviam estar juntos em nova forma, o drama, que, incorporando ainda características de outros gêneros, aparece então como o gênero dos gêneros. (SOARES, 1989, p. 14)

O domínio das ciências naturais do século XIX, dentre elas o evolucionismo de Darwin, influenciam o professor universitário Frances Brunetière a defender que uma diferenciação e uma evolução dos gêneros literários ocorre de forma natural ao longo da história, explica Soares (1989). Seguindo essa teoria, o romance teria nascido da epopeia e posteriormente teria se transformado em várias outras “espécies”, tais como aventura, ficção científica, investigação policial, etc.

Soares (1989) relata que os traços dos gêneros estão em constante transformação e não devemos nos conduzir por características fixas, e sim deixarmos que a própria obra nos conduza pelas expectativas. Entretanto, a autora ressalta que o posicionamento do escritor ao compor a obra acaba sendo influenciado pelos traços que marcam a caracterização dos gêneros.

Muito se poderia dizer ainda sobre os gêneros literários, quando estruturados nos moldes tradicionais ou desestruturados nos moldes tradicionais ou desestruturados em obras mais revolucionárias. Não podemos, entretanto, esquecer que, se a própria noção do que é e do que não é literário varia com o transcurso dos tempos, porque cada época contém uma ideologia específica e sistemas próprios de manipulação da

cultura, a noção de gênero literário é também histórico-cultural, obedecendo sempre, como já vimos, a um horizonte de expectativas. (SOARES, 1989, p.77)

O romance é o gênero, que segundo Soares (1989), atualmente mais se aproxima da epopeia, voltando-se para o homem como indivíduo. Essa forma narrativa surge na idade média, como romance de cavalaria, sem nenhum compromisso com fatos históricos, ou seja, assumidamente ficção. *D. Quixote de Cervantes* marca o nascimento da narrativa moderna, caracterizando-se, sobretudo, pela crítica de costumes. Hoje em dia essas narrativas são calcadas no fluxo da consciência, nas análises psicológicas, ou na forma de realismo maravilhoso, menciona a autora.

“O enredo, as personagens, o espaço, o tempo e o ponto de vista da narrativa constituem os elementos estruturantes do romance” (SOARES, 1989, p. 42), sendo o resultado da ação das personagens o enredo, adquirindo existência através do modo como se organizam os acontecimentos, completa a autora.

Os elementos básicos do romance são: enredo, personagens, tempo e espaço. As personagens, conforme Soares (1989) sempre guardam em sua ficcionalidade uma dimensão psicológica, moral e sociológica. A autora afirma que mais importante do que caracterizar as personagens é dar funcionalidade a essa caracterização. A mesma personagem pode apresentar aspectos que a individualizam e aspectos que a mostram como representante de uma determinada raça, profissão ou religião. Candido (1976, p. 29) acredita que “as personagens, ao falarem, revelam-se de um modo bem mais completo do que as pessoas reais, mesmo quando mentem ou procuram disfarçar sua opinião verdadeira”.

Além do tempo cronológico, há também o tempo psicológico (da dor, angústia), podendo narrar em longos trechos os acontecimentos de poucos minutos. Para levar esse tempo interior até o leitor é utilizado, conforme Soares (1989), um monólogo interior, muito próximo ao que a psicologia denomina como fluxo de consciência.

Também denominado ambiente, cenário ou localização, o espaço é o conjunto de elementos da paisagem exterior (espaço físico) ou interior (espaço psicológico), onde se situam as ações das personagens. É ele imprescindível, pois não funciona apenas como plano de fundo, mas influencia diretamente no desenvolvimento do enredo, unindo-se ao tempo (SOARES, 1989, p. 51).

O enredo é o conjunto de ações das personagens no tempo e espaço, visando criar sentido na narrativa.

Já o conto é caracterizado, conforme Soares (1989), como uma narrativa de menor extensão do que o romance e se diferencia por características estruturais próprias. Conforme

a autora, o conto é como um flagrante de um episódio representado. Embora possuam muitos componentes em comum com o romance, sua principal marca é a eliminação de análises minuciosas, ou seja, não há grandes complicações no enredo, sobressaindo o caráter poético do texto, explica Soares (1989).

O romance e o conto são modalidades textuais pertencentes ao gênero épico-narrativo. Comparando os elementos básicos do romance com os elementos das *fanfics*, percebemos que se trata do mesmo esquema de narrativa. Histórias com várias personagens, diversos cenários e um enredo bem trabalhado e bem amarrado recheiam o *fandom*. Encontramos narrativas longas, com mais de 50 capítulos (com uma média de 5 a 10 mil caracteres por capítulo), que possuem início, complicação, clímax e desfecho. Além dessas extensas produções, nos deparamos também com *One-Shots*, que caracterizadas pela curta extensão e o caráter mais poético, se assemelham ao conto.

Compreendendo subgênero literário como cada um dos tipos de textos incluídos nos gêneros literários, atrevemo-nos a classificar as *fanfics* como um subgênero do romance, assim como o suspense, o terror, a ficção científica, etc. Esse subgênero seria caracterizado pelo uso de personagens e universos já conhecidos, sexo explícito, casais improváveis e a exploração de temas tidos como tabus.

Jamison (2017, p. 351) vai além e compara a *fanfiction* com a literatura conceitual. Para a autora, literatura conceitual “são várias técnicas de escrita usadas por pessoas que estão interessadas no impacto da mídia digital em rede sobre o processo criativo, a função social da autoria e a economia da publicação”. O que a literatura conceitual faz é chamar atenção para aspectos retóricos da escrita que eram negligenciados pela literatura canônica, explica a Jamison (2017). Sendo assim, a literatura conceitual mostrou que tudo que é escrito é poética no sentido de dizer mais do que era a intenção. A *fanfic* segue algumas trajetórias de arte conceitual, o que difere a literatura conceitual dessas produções são os respectivos campos culturais no qual elas ocorrem. A principal diferença entre elas se dá na relação de ambas com a transmídia. A *fanfic* usa a transmídia como veículo e a literatura conceitual “toma como seu assunto a materialidade das novas configurações e formas que a transmídia fornece” (JAMISON, 2017, p. 356). O movimento comum entre as duas é a “repetição com uma leve diferença”. A narrativa de fãs trabalha com o que já foi escrito, já a literatura conceitual trabalha com o contexto em que determinada coisa foi escrita.

A literatura conceitual foi formada no mundo dos pequenos editores de poesia, menciona a autora. Apesar da boa vendagem de alguns membros, essa literatura permanece a margem. A *fanfic* também começou como uma atividade marginal em torno da ficção de

gênero. Há ligações fortes entre as narrativas de fãs e a ficção de gênero, migrando autores o tempo todo, desenvolve Jamison (2017). Editoras conceituadas já começaram a publicar *fanfics* – modificando nomes de personagens e locais. Atualmente a *fanfiction* tem um papel mais interessante para a centralidade cultural do que a literatura conceitual, conclui a autora.

Nada na história literária sugere que podemos descontar com confiança um valor cultural ou literário da obra com base em seu *status* legal. Ao contrário, obras que desobedecem as regras, ou de alguma maneira ofendem a ética e a moral de sua época geralmente terminam tendo um tremendo significado literário, cultural, intelectual e político. Por outro lado, ser ilegal e eticamente horripilante dificilmente garante valor ou significado. (JAMISON, 2017, p. 349)

Embora o texto literário, até o século XIX, se caracterize por ter começo, meio e fim claramente delimitados – apresentação, complicação, clímax e epílogo –, na literatura moderna, é raro esse tipo de fechamento explícito. Muitas vezes a última ação da personagem admite um prosseguimento para além do desfecho, permitindo que a narrativa continue em aberto mesmo depois do último parágrafo, conclui Proença Filho (2007). Nesse romance aberto, “desaparecem aqueles limites e temos a impressão de que o autor poderia ter acrescentado, se quisesse, novos episódios aos já narrados. É comum deixar-se para o leitor a criação de um fim. Não há no romance aberto um fim conclusivo”, explica Soares (1989, p. 45). Fortifica-se aí a necessidade de transpor para o papel esse fim, escrevendo e publicando uma *fanfiction*.

#### 2.4 - FANFICS E A VOCALIZAÇÃO DE NOVOS SENTIDOS

Para Camargo & Abreu (2013) assim que lemos um texto praticamos um gesto de produção de sentido. Vale ressaltar que os próprios autores explicam que não se trata da noção de leitura de ficção entendida como a simples narração de um enredo, mas sim as modificações que vem ocorrendo na maneira como o leitor olha para os textos. Com isso, cada vez mais os gestos de produção de sentidos podem ser percebidos. Camargo & Abreu destacam ainda que o número de leitores fortemente identificados com a obra e que buscam desvendar os mistérios daquele universo, não contentando-se apenas com aquela leitura inicial, cresce a cada minuto.

Partiremos aqui do entendimento de Sampaio (2014, p. 160), no qual “a produção de sentidos é realizada principalmente a partir da interação e das diversas negociações existentes entre membros desses grupos de leitura” para tentar compreender como as *fanfics*

possibilitam a produção desses novos sentidos. Para a autora, “a construção de sentido realizada pelos leitores ocorre a partir do entrecruzamento entre o efeito, que diz respeito aos horizontes internos da obra, e a recepção, através do contexto histórico dos leitores”, (SAMPAIO, 2014, p. 161). Essa relação, entre leitor e texto, é caracterizada também, segundo Sampaio, pela “existência de vazio de sentidos que são preenchidos pelas projeções do leitor”. Ou seja, ao olhar discursivamente para as narrativas de fãs observamos a materialização de sentidos de leitura. As *fanfics* e os comentários tiram os sujeitos da produção de sentidos solitária que é a leitura e faz com que eles os materializem. Criando assim o embate entre as formações discursivas.

Sendo assim, podemos dizer que ao ter o primeiro contato com a obra ficcional, o leitor é atravessado por discursos que colidem com os discursos firmados pelo contexto histórico do sujeito, reafirmando sentidos homogêneos ou criando novos. E é nessa criação de um novo sentido que nasce a necessidade de buscar por novas interpretações e releituras da obra, que podem, muitas vezes, materializar esse sentido recém-formulado. Conclui-se então que esses *ficwriters* (escritores de *fanfics*) escrevem em busca de preencher os vazios de sentidos e, ao jogar o fruto de seu trabalho na rede, estão modificando e ampliando o sentido total da obra, conforme Sampaio (2014). Fazem então o uso dessa nova narrativa para atender suas demandas culturais, psicológicas ou afetivas em relação à obra original e seus personagens, acrescenta a autora. Nesse contexto, pode-se entender a *fanfic* como o preenchimento dos vazios de sentido resultados de uma interpretação realizada no momento da leitura, ou até mesmo anteriormente.

O leque de possibilidades não afeta apenas o escritor, mas também a imaginação dos leitores que encontram nos debates e comentários uma forma de participar da construção da narrativa, oferecendo ideias, sugestões, críticas e elogios, o que acaba facilitando a identificação com as personagens, explica Sampaio (2014). Não há apenas uma busca de produções derivadas para conseguir entender a experiência, mas também uma ânsia de interação com outros fãs (a busca pela certeza de não estar sozinho naquele novo sentido).

Segundo Sampaio (2014), a importância das diversas interpretações produzidas por fãs está altamente ligada com a força que elas adquirem nos grupos de debate (fóruns, redes sociais, *fanzines*, etc) e são nesses grupos que ocorre uma constante negociação de sentidos. A autora atribui essa força de articulação à necessidade da vida em comunidade:

O colapso das formas comunitárias tradicionais na modernidade não destituiu a necessidade dos indivíduos em integrar grupos onde desenvolvam laços e constituem sua identidades a partir do grupo. Identificou-se nos grupos de leitores e

autores um grande contentamento em partilhar suas narrativas favoritas, interagindo não apenas a respeito do *fandom*, mas intensificando relações de amizade. Isso ocorre não apenas no âmbito online, mas também nas interações off-line. (SAMPAIO, 2014, p. 164)

Além disso, conforme Murray (2003, p. 103), estamos sempre à procura de uma boa história, que nos ofereça a segurança de algo exterior a nós mesmo, algo criado por outra pessoa e sobre a qual podemos incidir nossas experiências. “As histórias evocam nossos desejos e medos mais profundos porque fazem parte dessa mágica região de fronteira”. Esses desejos são evocados devido a imersão – conceituada por Murray como a sensação de estar envolvido por uma realidade estranha à sua – provocada por uma boa história. Essa nova realidade que nos cerca é completamente diferente da que vivemos, como a água e o ar na metáfora da imersão, e é capaz de tomar toda a nossa atenção.

Essa imersão também está ligada ao ato de escrever as *fanfics*, juntamente com o auxílio do computador. A nova realidade é tão envolvente que rapidamente domina a imaginação que responde jorrando as palavras por meio do teclado diretamente para a tela, esclarece Murray (2003). A autora cita o estudo de Sherry Turkle sobre a psicologia do ciberespaço, destacando a capacidade do computador de proporcionar amplo acesso à emoções, pensamentos e condutas que não são autorizados na vida real. “Membros de *webgroups* acham fácil projetar seus desejos e medos mais profundos para pessoas que conhecem apenas como palavras na tela do monitor”, (MURRAY, 2003, p. 102). Essa interação cria um espaço público que também é privado e íntimo, conclui a autora.

Murray (2003) liga ainda a cultura do computador aos antigos espetáculos que marcavam a descida de um ser divino entre um grupo de pessoas comuns, conduzindo a um novo estado de percepção. Quando isso é feito de forma correta, essas narrativas ficcionais tornam possível experimentar o sentido de agência, conceituado pela autora como a “capacidade gratificante de realizar ações significativas e ver os resultados de nossas decisões e escolhas”, (MURRAY, 2003, p. 127). A transformação, outro prazer característico do ambiente digital, corresponde, segundo a autora, a capacidade dos computadores de oferecerem diversas maneiras de mudar de forma, de assumir variadas formas - podendo ser físicas ou comportamentais.

## 2.5 FANFICS INCESTUOSAS

Sampaio (2014, p. 163) destaca que “o entrecruzamento de tantos interesses e afetos que compõe os caminhos interpretativos das *fanfics* (o mercado, a história canônica, a faixa etária dos fãs, as regras e critérios de popularidade nos *fandons* e o interesse pessoal)” são responsáveis pela criação de histórias com temas alheios aos abordados na obra original e mais relacionados com a necessidade de criar enredos com temas que preencham o vazio de sentidos produzidos pela ficção original. Sendo assim, “alguns elementos que foram modificados na *fanfic*, ganharam força no processo de produção de sentidos e se sobrepuseram a determinados elementos da história original”, destaca Sampaio. Com isso, o processo de identificação do fã com as personagens da nova narrativa é intensificado na medida em que os autores constituem-nas de forma mais próxima à sua cultura e aos gostos dos seus leitores. A autora ainda ressalta a relação de afeto e identificação que as leitoras direcionam as suas personagens preferidas, destacando os finais felizes e a salvação pelo amor que compõe as *fanfics*, independente do desenlace da trama original.

As *fanfics* podem representar relacionamentos e personagens pouco populares, porque ela flerta com o popular sem a pressão comercial, além de ter, antes mesmo do primeiro capítulo, uma audiência ansiosa, esclarece Jamison (2017). As narrativas que “centram nos relacionamentos românticos e sexualizados também exploram inovações nos territórios narrativos, representacional e psicológico”, conclui Jamison (2017, p. 67). As *fanfics* exploram as possibilidades de romances atípicos. Essas formas são exploradas de maneiras chocantes por suas possibilidades românticas, eróticas e estilísticas – com uma complexidade, ritmo e nuances que seriam difíceis de colocar no mercado editorial comercial, ou seja, a “*fanfiction* é alimentada por relacionamentos e alimenta relacionamentos” (JAMISON, 2017, p. 84).

Candido (2007b, p.36) ao falar das produções literárias nas quais os atores assumem uma determinada posição em relação aos problemas, afirma que “disso resulta numa literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas”. Geralmente essa visão é manifestada de forma crítica. Essa literatura corresponde a uma necessidade universal que dá forma aos sentimentos e amplia a visão de mundo e conseqüentemente nos liberta do caos e nos humaniza, alerta o autor. Dizer-se algo – eu sou incestuoso, nesse caso – “significa fazer uma declaração sobre pertencimento, significa assumir uma posição específica em relação aos códigos sociais dominantes”, esclarece Weeks (2010, p. 70).

Jamison (2017) afirma que as *fanfics* oferecem um local no qual a sexualidade não é um fenômeno e as divergências sexuais há muito tempo povoam os enredos das *fanfics*, gerando até mesmo *fanfics* pornográficas. Para a autora essas narrativas eróticas consistem na promoção do projeto principal da *fanfiction*: o rompimento de regras, fronteiras e tabus de todos os tipos.

Jamison (2017) reconhece que existem problemas com a representação de gênero e sexualidade nos produtos midiáticos e vê nas *fanfics* uma das formas pelas quais os fãs desabafam. Um dos arcos mais famosos em qualquer *fandom* é o “*Slash*”, ou seja, a transformação de personagens héteros em gays. Essa fantasia povoa *fanfics* desde Jornadas nas Estrelas até Harry Potter.

Uma rápida observação nos dois maiores sites de *fanfics* do país, “*Spirit*” e “*Wattpad*”, mais especificadamente nas narrativas que contenham temas tidos como tabus, o ponto que demonstrou possuir um maior distanciamento dos padrões convencionais foi o incesto consentido.

Entretanto, é extremamente importante ressaltar que o incesto consentido também povoou e ainda povoa diversas obras literárias. Desde *Édipo Rei*, tragédia escrita por Sófocles no século V a.C, até *Proibido*, romance de Tabitha Suzuma publicado em 2014. Grandes obras teceram seus enredos em torno do tabu, entre eles: *Os maias* (1888), de Eça de Queiroz, *Álbum de família* (1945), de Nelson Rodrigues, *Homo Faber* (1957), de Max Frisch, *Lavoura Arcaica* (1975), de Raduan Nassar, *Incesto* (1992), de Anaïs Nin, *Invisível* (2010), de Paul Auster, etc. Obras de grande repercussão e reconhecidas, em sua maioria, como clássicos da literatura.

A permissividade do trato de temas tidos como tabus não é uma marca apenas das *fanfics*, mas da literatura como um todo. “Sendo inorgânica, ela é irresponsável. Nada repousa sobre ela. Ela pode dizer tudo” (BATAILLE, 2015, p. 22).

Stiert (1979) afirma que o estranhamento é uma das formas da ficção se manifestar, todavia, não tem como acreditar que todos os textos ficcionais se deem sob esse questionamento a um certo campo de referência. “O mundo ficcional sempre pressupõe um repertório de normas, conceitos, esquemas, repertório que ultrapassa o mundo ficcional e leva ao mundo da experiência. [...] um dos serviços prestados pela ficção consiste em evidenciar este sistema de normas”, conclui Stiert (1979, p. 172).

Podemos pensar as personagens, conforme Bataille (2015), como uma liberação total em relação à sociedade e à moral. Existe uma forte vontade de romper com o mundo e encontrar aquilo que a realidade interdita. “Só a literatura podia desnudar o jogo das

transgressão da lei – sem o qual a lei não teria fim – independentemente de uma ordem a criar. A literatura não pode assumir a tarefa de organizar a necessidade coletiva”, (BATAILLE, 2015, p. 22). O autor declara também que é sempre a morte ou a ruína do indivíduo que nos leva ao arrebatamento, passando pela inocência do ser. A ruptura dos limites é passiva, a coerência do mundo é excedida pela intensidade da paixão, ou seja, “a paixão busca a duração do gozo experimentado na perda de si”, conclui Bataille (2015, p. 24).

O incestuoso é, conforme a moral e a religião, um certo tipo de mal. Bataille (2015) define esse mal não como quando desejamos ganhar algo em cima dos mais fracos, mas sim um mal que vai contra nós mesmos, um mal que exige o desejo de verdade. A moral tradicional vê no gozo pela liberdade a raiz do mal. Entretanto, nas *fanfics*, em sua maioria, o incestuoso é o perseguido, o impedido de ser feliz. Bataille (2015, pag. 134) acredita ser natural inverter os valores teólogos na literatura, “se prefiro o gozo, detesto a repressão”.

Embora haja fortes interditos, a cultura humana valoriza aquele que consegue sobreviver além dele, como podemos notar na valorização de atos durante a guerra em relação ao interdito universal do assassinado.

É verdade que em certos lugares, interditos foram rigorosamente observados, mas o tímido, que nunca ousa infringir a lei, que desvia os olhos, é em toda parte, objeto de desprezo. Na ideia de virilidade, há sempre a imagem do homem que, nos seus limites, em conhecimento de causa, mas sem medo e sem pensar nisso, sabe se colocar acima das leis (BATAILLE, 2015, p. 129)

Essa admiração por quem contradiz as normas é facilmente observada em produtos culturais em geral, entre eles a literatura e o cinema. O *bad boy* como personagem principal de um romance é o exemplo mais comum.

Histórias que narram amores proibidos entre consanguíneos compõe uma gama significativa do material oferecido na rede. Partindo do pressuposto defendido por Jenkins (2009) que alguns leitores se ajustam confortavelmente as personagens disponíveis na obra original e outros se sentem excluídos e precisam fazer uma releitura da obra original para conseguir se inserir na fantasia, podemos dizer que essas *fanfics* incestuosas autorizam um lugar de fala a medida que materializam novos sentidos acerca do maior tabu de todos os tempos: o incesto consentido. Essas personagens incestuosas podem conter as sementes de narrativas maiores, “sugerindo como a construção de uma identidade pode fomentar subsequentes ficções de fãs”, (JENKINS, 2009, p. 248).

Diante dessa possibilidade de exploração e esgotamento dos universos ficcionais, cada vez mais, as *fanfics* estão se tornando a produção de novos discursos e novos sentidos a

partir do momento em que os autores criam narrativas atraentes que expandem o universo em várias direções e percepções, até então silenciadas nas mídias tradicionais. Afinal, “o meio digital leva-nos a um lugar onde podemos encenar nossas fantasias” (Murray, 2003, p. 101).

As *fanfics* representam neste trabalho a forma linguístico-histórica da língua, ou seja, a forma encarnada da história para produzir sentidos. A Análise de Discurso coloca a história como um dos pontos mais importantes para o seu desenvolvimento, assim como analisa o discurso dos sujeitos afetados pela história. Partindo do pressuposto de que os fenômenos históricos, sociais, políticos constituem o discurso, entendemos que a história, como fenômeno, constitui o discurso e modifica os sentidos possíveis.

Ao olhar para as *fanfics* nós procuramos ver como sujeito, língua e história trabalham juntos para produzir diferentes efeitos de sentidos, trabalhando sempre com a historicidade, ou seja, lembrando sempre da ligação entre a história e a historicidade do texto – os sentidos ali. Buscamos assim compreender a historicidade no discurso, refletindo sobre como se dá essa relação interligada entre língua/sujeito/história, materializados na narrativa produzida pelos fãs.

### 3 PODER E SEXUALIDADE

Neste capítulo, vamos utilizar uma das definições de “poder”, para olhar os micropoderes e o modo como afetam o indivíduo por meio da disciplina. Em seguida, vamos traçar, brevemente, os estágios da normatização da sexualidade através da história. Para isso será necessário voltar até a *aphrodisia*, na Grécia Antiga, e o silenciamento da sexualidade como consequência da ascensão do Cristianismo.

Posteriormente discutiremos a patologização da sexualidade que surge em decorrência do a-normal, conceito que também trabalharemos para entender o caráter “anormal” do incesto. A seguir discutiremos a transformação da intimidade como chave para a civilização moderna. Essa mudança tem potencial para se ramificar através de outras instituições. Destacando o fato de que se expressar sobre a própria sexualidade está fortemente relacionado à consciência de si, identificando-se por meio da fala.

O poder é entendido por Foucault (2003) como algo que não se possui, mas se exerce. O poder não existe em si, o que existem são práticas, relações de poder. Não há como estar fora dessas relações, qualquer resistência vem de dentro dessa relação. Não é um lugar que se ocupa, mas se exerce, se disputa. O poder funciona em rede e está presente em cada um de nós e, por isso, difundimos o poder, argumenta o autor. E é esse poder exercido pelos indivíduos que compõe os poderes periféricos, não necessariamente criados pelo Estado. Ainda que não se personifiquem no Estado, essas formas de exercício do poder podem estar articuladas a ele.

Foucault (2003) olha para os poderes exercidos em níveis variados e denomina-os micropoderes. Tais poderes atingem a realidade concreta do indivíduo: o corpo. O poder, em sua positividade, busca adestrar o corpo. E é através dessa análise que conseguimos ver historicamente como são produzidos os efeitos de verdade no interior dos discursos, explica o autor. Cada sociedade escolhe os discursos que fará funcionar como verdadeiros. O que faz que o poder seja aceito e mantido é o fato de produzir um discurso, constituir um saber e induzir ao prazer, e não a repressão como forma de proibição. Exercer o poder cria objetos de saber, ou seja, todo saber é político e se origina das relações de poder. Não há saber neutro, enfatiza Foucault (2003).

O indivíduo, para Foucault (2003), é um efeito do poder disciplinar. A disciplina visa gerir a vida dos homens e possui como um dos objetivos diminuir a sua capacidade de revolta, de resistência, neutralizando os efeitos de contra-poder. O autor argumenta que as fases da disciplina consistem em organização do espaço, controle do tempo e vigilância. A

disciplina implica em uma vigilância perpétua e constante (Panóptico<sup>4</sup>). Esse poder disciplinar, para Foucault (2003), fabrica o indivíduo, sendo ele o seu mais importante efeito. A ação sobre o corpo, a regulamentação do comportamento, a normalização do prazer e interpretação do discurso com intuito de hierarquizar gera o homem individualizado, resultado do poder. Não há relações de poder sem constituir saber e todo saber compõe novas relações de poder, determina o autor.

Para Foucault (2003), o corpo é uma realidade política. Apenas na segunda metade do século XIX é que se colocou o problema do corpo. Até então medicalizar alguém era excluí-lo do convívio dos demais. O hospital como lugar de cura é relativamente novo. O sujeito jamais é consultado para dizer por si mesmo, tudo é construído pela verdade do poder.

As formas de expressar nossos desejos e prazeres são socialmente estabelecidas e codificadas, conforme afirma Louro (2010, p. 16), na continuidade da matriz foucauldiana de compreensão. Sendo assim, as identidades sexuais são definidas nas relações de poder de uma sociedade. Podemos afirmar então que as identidades sociais e culturais são políticas. “As formas como elas se representam ou são representadas, os significados que atribuem às suas experiências e práticas é, sempre, atravessado e marcado por relações de poder”, explica Louro, apoiando-se nos conceitos discutidos por Foucault (1988).

Com isso, podemos dizer que a sexualidade não é uma questão pessoal, mas sim uma construção ao longo da vida, envolvendo linguagens, fantasias, representações, convenções... que, de acordo com Louro (2010), são processos culturais. Todas essas práticas e linguagem constituem sujeitos e são produtoras de marcas.

Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias. A produção dos sujeitos é um processo plural e também permanente. Esse não é, no entanto, um processo do qual os sujeitos participem como meros receptores, atingidos por instâncias externas e manipulados por estratégias alheias. Ao invés disso, os sujeitos estão implicados, e são participantes ativos na construção de suas identidades. (LOURO, 2010, p. 25)

Durante toda a história observamos diversos estágios de normatização da sexualidade. Foucault (1988) questiona a tese da repressão sexual da sociedade enquanto traça

---

<sup>4</sup> Conceito resultante do desenvolvimento daquilo que Foucault vê como “sociedade disciplinar” – uma sociedade de vigilância e controle – discutido em seu livro *Vigiar e Punir* (1977).

a história da sexualidade – termo que surgiu no início do século XIX. Desde o século XVIII que a repressão sexual é fundamentada na função de reproduzir, ou seja, “o casal legítimo e procriador dita a lei” constitui a norma. Que, conforme Louro (2010), remete ao homem branco, heterossexual e cristão e passa a não ser necessário nomeá-la, mesmo sendo referência.

### 3.1 APHRODISIA, DISCIPLINA E MORAL CRISTÃ

Embora os gregos possuam palavras específicas para designar os gestos, ações e práticas sexuais, tudo isso se encontra sob uma categoria geral: *aphrodisia*, conforme Foucault (1998, p. 35). Não havia preocupação dos gregos em delimitar o que exatamente era *aphrodisia*, ou seja, não havia nenhuma definição do que era legítimo, permitido ou normal, e muito menos os gestos proibidos. A *aphrodisia* seria então todos os atos, gestos e contatos que proporcionam prazer, e é pensada como uma atividade com dois atores, na qual cada um possui uma função (exercer ou sofrer a atividade).

Foucault (1985) aborda a discussão acerca dos sonhos realizada por Artemidoro<sup>5</sup>, na qual o autor afirma que os sonhos reproduzem, na ordem do corpo, a falta ou o excesso, e na ordem da alma, o medo ou o desejo. Para o autor esses elementos são poucos e vagos, sendo assim não há uma definição permanente do que é proibido. Não existe uma exatidão na definição do que é natural ou antinatural. Todavia, encontramos nessas interpretações as características da experiência moral da *aphrodisia*.

Artemidoro não se refere aos atos sexuais em si e nem diz se é moral ou imoral, mas se é vantajoso ou temível sonhar que comete tal ato. Os principais se dirigem ao ator sexual, ou seja, ao dono dos sonhos. “Não devemos procurar nesse texto um código daquilo que convêm ou não fazer, mas sim o revelador de uma ética do sujeito que ainda existia correntemente na época de Artemidoro”, observa Foucault (1985, p. 25). O único campo considerado contra lei por Artemidoro é, essencialmente, o incesto. Sendo compreendido nas relações entre pai e filho(a), mãe e filho e entre irmãos.

Foucault (1998) dá continuidade ao questionamento sobre a *aphrodisia* alegando que as práticas que não possuem como princípio a procriação e com isso contrariam a natureza, não são ditas como anormais, mas como resultado da intemperança. A imoralidade

---

<sup>5</sup> FERREIRA, Anise de A. G. D'Orange. Oneirokritika de Artemidouro de Daldis (séc. II D. C.): livros de análise de sonhos - livro V. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. (Coleção PROPG Digital- UNESP). ISBN 9788579835803. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/126228>>.

do sexo está sempre ligada ao exagero, ao excesso. A temperança, ou seja, saber o limite e respeitar a necessidade, não tem a forma de uma obediência de leis ou de uma anulação dos prazeres, mas sim uma prática dos prazeres, esclarece o autor.

Para Foucault (1998) os *aphrodisia* são naturais e por isso desejáveis, entretanto levam ao excesso. Por isso só se deve praticar tais atos com a moderação necessária para resistir e dominá-los. Tudo que precisamos enfrentar é algo inferior, compartilhado com os animais. O desejo existe, conforme o autor, e um grande valor é atribuído a quem consegue dominar os mais violentos. A virtude na ordem dos prazeres é uma relação de domínio, deve-se comandar os desejos e prazeres.

A reflexão moral da dietética da *aphrodisia* intensifica, conforme o Foucault (1985), a relação pela qual o indivíduo se constitui sujeito de seus atos, contribuindo para a cultura de si. No cuidar de si existem os cuidados com o corpo, com a alimentação, as leituras, conversações e anotações, etc. Este cuidado de si tem uma relação estreita com o pensamento médico. Os médicos consideravam como suas obrigações, além de curar os desvios do espírito, cuidar das paixões, energias rebeldes à razão. Segundo o autor, acreditava-se que o corpo e alma estão interligados e assim os maus hábitos da alma podem levar a sintomas físicos e os excessos do corpo manifestar falhas na alma. O prazer sexual é da ordem da força, o sujeito precisa dominar os desejos, levando o indivíduo à soberania sobre si mesmo, visando um gozo sem desejo.

A prática do regime enquanto modo de vida constitui um cuidado com o corpo que atravessa a vida cotidiana, fazendo dessa prática uma questão de saúde e moral, visando que o indivíduo tenha uma conduta racional, explica Foucault (1998). O regime abrangia também a *aphrodisia*, mas não restringia o tipo de relação sexual ou limitava práticas indevidas, os únicos questionamentos, segundo o autor, eram o contexto e a frequência com a qual os atos ocorriam. Os atos sexuais não sofrem nenhuma desqualificação.

Assim a dietética problematiza a prática sexual, não como um conjunto de atos a serem diferenciados segundo suas formas e o valor de cada um, mas como uma “atividade” que se deve deixar fluir ou frear de acordo com referências cronológicas. No que podemos aproximar esse regime de certas regulações que mais tarde serão encontradas na pastoral cristã. (FOUCAULT, 1998, p. 105).

Com isso os atos sexuais devem ser submetidos ao regime. Entretanto, segundo Foucault (1985), quase nada é dito a respeito dos tipos de atos sexuais, não há nada sobre o que seria natural ou aconselhável. Não existe um caráter normativo. Tratando da procriação, o

autor esclarece que era necessário tomar alguns cuidados na prática da *aphrodisia* que resultaria em uma bela descendência. Foucault (1985) destaca que o prazer foi inscrito pela natureza, mas é apenas acompanhamento do ato. Não deve nunca ser a razão que leva o sujeito ao *aphrodisia*.

Embora haja esse regime com a *aphrodisia*, os grandes cuidados da medicina grega ainda giravam em torno da alimentação. Só no monarquismo cristão que eles se equilibram. Os atos sexuais recebiam uma conotação de mal, que era construída em cima da violência involuntária da tensão sexual e do esgotamento do corpo após o ato, comenta Foucault (1985). Acreditava-se que através do sexo se transmitia, e até mesmo, perdia substâncias de grande valor para a saúde do homem.

A patologização do ato sexual diz respeito, em grande parte, ao excesso e a própria natureza do processo, ou seja, a agitação que ele causa no corpo, explica Foucault (1985). A medicina da época via o ato sexual como uma atividade física na qual a violência do ato era temível.

A temperança passa a localizar tanto para o homem como para a mulher toda atividade sexual dentro do casamento, e assim passam a definir a relação conjugal como lugar da relação sexual moralmente aceita. Considerando que o casamento devia ser benéfico para a cidade, ou seja, deveria gerar os melhores filhos.

A relação sexual fora do casamento era raramente repreendida. O adultério, conforme Foucault (1985), era juridicamente condenado e moralmente reprovado caso a mulher em questão fosse casada. Fora isso, por parte do homem, o estado civil não atrapalha os casos amorosos. Posteriormente, o marido que exige a castidade da esposa deve também abdicar de ter uma amante, caso não seja recíproco é considerado desonesto, explica o autor. Embora não exista uma proibição explícita, o cuidado de preservar o vínculo conjugal é nítido. A limitação das atividades sexuais ao casamento não visava a relação dos cônjuges em si, destaca Foucault (1998), mas sim a moralidade da cidade e com isso melhores condições para uma boa procriação.

A traição por parte dos homens era vista como fraqueza e comportar-se ardentemente com a mulher era desonrá-la. Segundo a lei não se pode buscar sensações de prazer no casamento, pois esse não é considerado o princípio que deve unir um casal, explica Foucault (1985). Essa exclusão do prazer como fim é o início de um esquema de regulação os comportamentos em permitidos ou proibidos.

Para Foucault (1985), com a valorização do casamento o amor pelos rapazes é desqualificado. O amor encontra no casamento sua realização perfeita, o que não ocorria com

os rapazes. Essa relação é diminuída sempre que comparada com os esposos. A “pederastia” continuou prevalecendo aos olhos dos filósofos, mas só onde o prazer físico era esquivado. O amor idealizado aos rapazes era puramente filisófico e caminhava para se tornar uma amizade. Entretanto, é impossível manter a *aphrodisia* fora do campo do amor. Na literatura da época, o amor por um rapaz nunca era objeto central da narrativa. Quando aparecia era coadjuvante ao amor moça x rapaz.

O casamento não é apenas uma instituição útil para a família e para a cidade, mas também um Estado, uma forma de vida compartilhada, explica Foucault (1985). Era elaborada uma ética que constitui o próprio sujeito enquanto sujeito moral, tendo como parâmetro as atividades sociais, cívicas e políticas, em todas as formas possíveis.

Pode-se ver, através dessas mudanças na prática matrimonial ou no jogo político, de que maneira foram transformadas as condições nas quais afirmava a ética tradicional do domínio de si. Esta implicava um vínculo estreito entre a superioridade que se exerce sobre si próprio, aquela que se exerce no contexto da casa, e, enfim, a que se exerce no campo de uma sociedade agonística; e era a prática da superioridade sobre si que garantia o uso moderado e racional que se podia e devia fazer das outras duas. (FOUCAULT, 1985, p. 101)

Essa importância do “si mesmo” manifesta o esforço na reelaboração de uma ética do domínio de si. A reflexão sobre a *aphrodisia* que tinha relação direta com os domínios sobre si, sobre a casa e sobre os outros, é modificado na medida em que ocorre essa elaboração, explica Foucault (1985).

Para Foucault (2006) em cada cultura há uma série de obrigações de verdade (descobrir e dizê-la) que são resultado das técnicas de si, que conforme o autor – utilizando-se de Habermas – coexiste com os outros três tipos de técnicas principais: as técnicas de produção, significação ou comunicação e as técnicas de dominação. As técnicas de si

permitem aos indivíduos realizar, por eles mesmo, um certo número de operações em seu corpo, em sua alma, em seus pensamentos, em suas condutas, de modo a produzir neles uma transformação uma modificação, e a atingir um certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural (FOUCAULT, 2006, p. 95)

Foucault (1998) observa que frequentemente há uma grande preocupação moral onde não há proibição, sendo assim, a problematização moral é independente da interdição. Os medos induzidos originam-se na tradição cristã que “colocava o prazer no campo da morte e do mal” (FOUCAULT, 1998, p. 19).

Por “moral” entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas, etc. [...] Porém, por “moral” entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos: designa-se, assim, a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição ou a uma prescrição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores. (FOUCAULT, 1998, p. 26)

Uma ação é moral pelo lugar que ocupa no conjunto de uma conduta. Essa ação tende a realização e com isso, leva o indivíduo a se tornar um sujeito moral, explica Foucault (1998, p. 28). “Não existe ação moral particular que não se refira à unidade de uma conduta moral; nem conduta moral que não implique a constituição de si mesmo como sujeito moral, nem tão pouco constituição do sujeito moral sem ‘modos de subjetivação’”.

O Cristianismo define o que é permitido e proibido, “de que maneira, na continuidade, transferência ou modificação dos códigos, as formas da relação para consigo (e as práticas de si que lhes são associadas) foram definidas, modificadas, reelaboradas e diversificadas” (FOUCAULT, 1998, p. 30). Afinal, conforme o autor, o desejo é sempre por coisas agradáveis.

Santo Agostinho viu na força do desejo, conforme Foucault (1998), uma das responsáveis pela queda do homem para a morte eterna, confinando assim as relações sexuais à doutrina do casamento, tendo como objetivo a procriação e a salvação da alma. Os ritos da igreja e a procriação legítima absolvem o pecado do desejo.

Ainda no século XVII, três códigos explícitos regiam as práticas sexuais: a pastoral cristã, o direito canônico (conjunto de leis e regulamentos feitos pelos líderes da igreja) e a lei civil, marcando, de várias maneiras, as fronteiras entre o lícito e ilícito, explica Foucault (1988). O sexo entre os cônjuges era construído em cima de regras e quem rompesse as leis do matrimônio – seja a infidelidade ou a simples busca de prazeres “estranhos” – estava fadado à condenação. Os pecados mais graves, de acordo com o autor, eram o estupro, adultério, incesto (não há diferenciação entre consentido ou não) e sodomia. Aqueles que tinham na família algum desses casos de perversidade carregavam a estigma de “loucura moral” ou da “degenerescência”.

Quase sempre se atribui à moral cristã ao menos três características básicas: a monogamia, o sexo com função exclusiva de procriação e a visão do prazer sexual como um mal que precisa ser evitado. O que é um equívoco para Foucault (2006), já que essas premissas já existiam antes no mundo romano. Mesmo diante disso, sempre houve uma camada privilegiada na sociedade: a realeza.

Olhemos rapidamente para o casamento entre consanguíneos no antigo Egito. Os faraós praticavam o incesto para preservar o sangue real na descendência, pois acreditavam que era a mãe que transmitia o direito ao trono, pelo que se tornava imprescindível que tivesse sangue azul, explica Forward (1989). Esse tipo de união tornou-se obrigatória durante o período conhecido como Ptolomaico, quando a nobreza tentou agregar para si uma identidade semelhante a dos deuses, os quais, segundo a religião egípcia, também praticavam o incesto preventivo. Sendo o caso do faraó Tutankhamon o mais famoso. Sabe-se que ele era filho de Akhenaton e de uma irmã ou filha deste. Tutankhamon também casou-se com uma das suas meias-irmãs, Ankhesenamon. Entretanto, nas camadas mais baixas do antigo Egito não era comum o incesto. Era algo reservado à nobreza, a camada privilegiada, completa a autora.

O Cristianismo trouxe para a moral novos mecanismos de poder, valorizando essas proibições que já eram aceitas, explica Foucault (2006). Através do poder pastoral foram criados novos procedimentos que referiam-se à produção da verdade. Assim o Cristianismo instaura o poder que controla os indivíduos por meio da sexualidade – entendida como algo que fomentava a tentação e oferecia o risco do pecado. Esse é o verdadeiro papel do Cristianismo na história da sexualidade. Ele colocou em ação um mecanismo de poder e de controle, que também é mecanismo de saber sobre si, afirma o autor.

Se a repressão é o que liga o poder e a sexualidade, só é possível se liberar através da transgressão das leis, explica Foucault (1988). Sendo assim, o simples fato de falar sobre sexo é uma transgressão. O autor chama essa repressão de hipótese repressiva, mas ele também a desconstrói ao longo de sua obra. Entretanto, Foucault alerta que ela não pode ser contestada totalmente porque serve para a sociedade atual.

De acordo com a hipótese repressiva, a mais difundida, há um esquema da história da sexualidade no ocidente constituído de três movimentos: a antiguidade grega, na qual a sexualidade era livre; o surgimento do cristianismo trazendo consigo a proibição do sexo – baseada em interdições morais –, resultando no silenciamento da sexualidade; por último a burguesia tomando o cargo de interditor das mãos do cristianismo e proibindo a sexualidade ainda com mais rigor científico. Só no final do século XIX Freud traria luz à sexualidade, (FOUCAULT, 2006). A base desse esquema são os mecanismos de repressão, recusa e interdição, jogando a responsabilidade para o Cristianismo. Foucault (2006) busca mostrar essa mesma história, só que de outro ângulo. O autor faz a história da sexualidade a partir do que a motivou e impulsionou.

Foucault (1988) não nega a repressão do sexo, mas afirma que ela não é o elemento fundamental na história da sexualidade. Para o autor há uma proliferação dos

discursos sobre sexo a partir do século XVIII. O poder, através de instituições como a igreja e a família, não visava proibir o sexo, mas sim o controle do indivíduo. A Igreja, por exemplo, procurava produzir efeitos específicos sobre o desejo, para isso colocava-o em discurso nos confessionários. “Efeitos de domínio e desinteresse, sem dúvida, mas também efeito de reconversão espiritual, de retorno a Deus”, argumenta Foucault (1988, p. 29). Sendo assim, pode-se dizer que o sexo é administrado, regulado, não através da proibição, mas de discursos úteis e públicos. Entre o Estado e o indivíduo, de acordo com o autor, o sexo se tornou objeto de disputa pública.

Passa-se a falar cada vez mais de sexo, só que de outra maneira. Não há simplesmente o que se pode falar e o que não se pode, mas maneiras de dizer. Foucault (1988, p. 34) pede para que olhemos “como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e outros”.

### 3.2 PATOLOGIZAÇÃO DA SEXUALIDADE

Ao considerar as proibições de relacionamentos consanguíneos, Foucault (1988, p. 49) explica que não se trata do mesmo poder que rege o adultério, por exemplo, já que os incestuosos são proibidos por lei e penalizados em vez de adestrados. Essa forma de poder se exerce através de presenças constantes e requer também um intercâmbio de discursos. Esse modo de proibir causa uma dupla incitação: prazer e poder.

Com isso eram necessários processos de vigilância e, conforme o Foucault (1988), a família era o primeiro desses processos. Para o autor a família é uma rede complexa de sexualidades múltiplas e fragmentadas, que possui mais mecanismos incitadores e multiplicadores do que princípios inibidores. Ela permitiu que se desenvolvessem os principais dispositivos da sexualidade, entre eles a especificação dos perversos. O poder que se exerce sobre o corpo e o sexo não tem a forma da lei nem os efeitos da interdição, ao contrário, que procede mediante a redução das sexualidades singulares. Não fixa fronteiras, mas provoca suas diversas formas. Essa efetivação de perversões, isolamento das sexualidades periféricas que as relações de poder com o prazer, se ramificam e se infiltram nas condutas, ressalta Foucault. Acontece então a “psiquiatrização do prazer perverso”, ou seja, a pulsão sexual é tratada como instinto biológico e são definidas formas de corrigir as anomalias.

Há uma organização e desenvolvimento do indivíduo por meio de campanhas de repúdio. O que também ocorreu com as perversões catalogadas pela medicina. “Essas formas

diversas de aberração sexual foram ao mesmo tempo abertas à exibição pública e transformadas em princípios de classificação de conduta, de personalidade e da auto-identidades individuais” (GIDDENS, 1993, p.26). O sexo se torna o ponto principal de um confessionalismo moderno.

Para Canguilhem (2009), o normal é tudo aquilo que é conforme a regra. O homem luta contra tudo aquilo que interfere na manutenção das normas. “É a vida em si mesmo, e não a apreciação médica que faz do normal biológico um conceito de valor, e não um conceito de realidade estatística”, defende Canguilhem (2009, p. 50). Diante disso, o autor argumenta que utilizamos “anomalias” para nos referir ao comportamento do ser vivo dentro de um tipo normativo de vida.

“Portanto, se o normal não tem a rigidez de um fato coercitivo coletivo, e sim a flexibilidade de uma norma que se transforma em sua relação com condições individuais, é claro que o limite entre o normal e o patológico torna-se impreciso”, conclui Canguilhem (2009, p. 71).

Esse sujeito anormal é o que Foucault (2001, p. 69) chama de monstro banalizado. Uma exceção às regras gerais. Para o autor o monstro – uma noção jurídica – pode ser definido pelo modo como ele é constituído, tanto em sua forma quanto em sua existência. Não se trata apenas da violação das leis da sociedade, mas sim da violação das leis da natureza; sendo assim “monstro é o que combina o impossível com o proibido”.<sup>6</sup>

A passagem do monstro para o anormal é ilustrada pela fundação da psiquiatria como proteção social, passando de ato sem razão para ato instintivo, argumenta Foucault (2001). É a partir dessa noção de instinto que se organiza o anormal no nível das condutas cotidianas. O grande monstro se torna então o pequeno perverso. Para o autor, o normal e anormal variam com o tempo, uma vez que são estabelecidos por normas explícitas ou não, fazendo-os funcionar em um determinado grupo social. No final do século XVII o poder médico supera o religioso, e o normal, a norma passa a ser entendida como o elemento que existe entre o disciplinar e o regulamentador, ou seja, a capacidade de disciplinar o corpo (FOUCAULT, 2001). É necessário o poder disciplinar para haver a normalidade. A norma define o que é estável, salvando até mesmo de uma variável externa (intercambio com outra cultura, por exemplo).

---

<sup>6</sup> Olhando para o tabu do incesto por esses olhos, compreendemos a total aversão aos incestuosos. Eles não apenas rompem a barreira do proibido (como o adultério), mas também ultrapassam os limites do impensável, do impossível, como por exemplo: um filho(a) se apaixonar pelo seu progenitor(a).

A norma, conforme Canguilhem (2009), cria por si mesma a possibilidade de haver algo fora dela. Toda norma é acompanhada pela versão à ordem inversa possível.

O anormal, enquanto a-normal, é posterior à definição de normal, é a negação lógica deste. No entanto, é a anterioridade histórica do futuro anormal que provoca uma intenção normativa. O normal é o efeito obtido pela execução do projeto normativo, é a norma manifestada no fato. Do ponto de vista do fato há, portanto, uma relação de exclusão entre o normal e o anormal. Essa negação, porém, esta subordinada à operação de negação, à correção reclamada pela anormalidade. Não há, portanto, nenhum paradoxo em dizer que o anormal, que logicamente é o segundo, é o existencialmente o primeiro. (CANGUILHEM, 2009, p. 111)

O prazer erótico se transforma em “sexualidade” à medida que surgem estudos e manuais que diferenciam a “sexualidade normal” dos caminhos patológicos, esclarece Giddens (1993). Até o final do século XIX a maior parte da população é analfabeta, o que dificultaria o acesso pela grande massa às revistas médicas, e outras publicações semioficiais tinham um público restrito, o que dificultava o conhecimento dessas sexualidades “anormais”.

Na nossa sociedade, a família é o foco mais ativo de sexualidade e, segundo Foucault (1988, p. 120), onde o incesto ocupa o lugar central. “É continuamente solicitado e recusado, objeto de obsessão e de apelo, mistério temido e segredo indispensável”. É prontamente interdito, embora precise ser requerido para a família se manter como permanente incitante à sexualidade, defende o autor.

Se para Levi-Strauss (2012) a interdição do incesto é uma forma de manter os dispositivos de aliança, ou seja, de garantir o intercâmbio de posses e pessoas entre as famílias; para Foucault (1988, p. 121) ao se “admitir que o limiar de toda cultura é o incesto interdito, então a sexualidade, desde tempos imemoriais, está sob o signo da lei do direito”.

A família, com a demanda de resolver as interferências infelizes entre sexualidade e aliança, não podia permitir que viesse dela mesmo a principal afronta. O surgimento de desejo entre consanguíneos marcava uma falha na disciplina exercida pela família. Com a patologização das perversões, acreditava-se que o sexo anormal, quando não controlado, podia transmitir “doenças” para as gerações futuras e por isso a família, com pesar, tinha que entregar o pervertido para a medicina. Era necessário para ele poder ser um indivíduo sexualmente integrável (FOUCAULT, 1988). Desse modo uma perversão sexual induzia a um “esgotamento da descendência”, explica Foucault (1988, p. 130). “O conjunto perversão-hereditariedade-degenerescência constitui o núcleo sólido das novas tecnologias do sexo”. Discurso este que prevalece até hoje na medicina ao relacionar a proibição do incesto ao risco de uma prole deficiente.

Renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas conforme Louro (2010) a curiosidade e o interesse permanecem. As fantasias e experimentação do prazer são remetidas ao segredo. É através de estratégias de disciplinas que aprendemos a vergonha e a culpa; a censura e o controle. Torna cada vez mais difícil de perceber a dimensão social e política da sexualidade. Para aqueles que fogem da norma só resta a segregação e o silêncio, articula o autor. Quando essas identidades abandonam a dissimulação e emergem publicamente, elas evidenciam a instabilidade hegemônica da sexualidade. Ao mesmo tempo, a norma é questionada e, na maioria das vezes, reafirmada diante dessas outras sexualidades.

Mas algo mudou. De acordo com Giddens (1993), o sexo aparece hoje no domínio público e fala a linguagem da revolução. Essa sexualidade plástica é descentralizada, livre das obrigações da reprodução, e pode ser caracterizada como um traço da personalidade. “A sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a autoidentidade e as normas sociais.” (GIDDENS, 1993, p. 25)

As mudanças que afetam a sexualidade moderna são profundas e revolucionárias. Para exemplificar essas mudanças podemos utilizar a observação de Giddens (1993) a respeito da nomenclatura gay, que segundo o autor traz novos sentidos à homossexualidade. As comunidades gays proporcionam uma nova face pública para a homossexualidade. “Uma pessoa ‘tem’ uma sexualidade, gay ou outra qualquer, que pode ser reflexivamente alcançada, interrogada e desenvolvida” (GIDDENS, 1993, p. 24). Gay – ou qualquer outra sexualidade “anormal” – é algo que se pode ser.

Vemos a civilização como disciplina, controle interno e eficaz. Para Giddens (1993), o poder é um instrumento para a produção do prazer e não contra ele. O discurso sobre repressão sexual e o discurso da transcendência compõe a luta pela libertação sexual que faz parte do mesmo mecanismo de poder que ela renuncia, afirma o autor, concordando com os conceitos trabalhados por Foucault. Para o autor, “O sexo é um ‘segredo’ criado pelos textos que o repudiam, e, ao mesmo tempo, por aqueles que o celebram. Acredita-se que o acesso a este segredo revele a ‘verdade’. A sexualidade é fundamental ao ‘regime de verdade’, característico da modernidade” (GIDDENS, 1993, p. 30).

### 3.3 TRANSFORMAÇÕES DO ÍNTIMO E CONFISSÕES DA CARNE

A diversidade sexual se encontra no mundo social cotidiano, mas ainda é encarado por muitos como perversão (GIDDENS, 1993). Para o autor, apesar da libertação final para a sexualidade já ter se dado com a possibilidade de concepção artificial, ou seja, com o fato de não ser mais necessário a atividade sexual para dar continuidade à espécie, ainda há o peso das perversões. A substituição da perversão pelo pluralismo é essencial à expansão da modernidade, que está ligada à socialização do mundo natural, defende Giddens (1993).

A emergência da sexualidade está profundamente ligada à transmutação do amor romântico. As ideias associadas ao amor romântico vinculam-no à liberdade. Para Giddens (1993), o amor apaixonado é libertador, pois gera uma quebra da rotina e do dever. E é isto que o coloca à parte as instituições já existentes. O amor romântico se inseriu entre a liberdade e a autorealização. Esse sentimento, geralmente, termina em tragédia, se nutre na transgressão e foi propagado por meio da literatura.

O amor romântico é um amor sexual. “A satisfação e a felicidade sexuais, especialmente na forma de fantasiada do romance, são supostamente garantidas pela força muito erótica provocada pelo amor romântico” (GIDDENS, 1993, p. 73). O amor confluyente, ou seja, o sentimento puro, transforma o prazer sexual recíproco em um elemento básico para a manutenção do relacionamento. Em relacionamentos “anormais”, “as atitudes e as peculiaridades “proibidas” no relacionamento puro podem influenciar potencialmente, incluindo o controle instrumental e o exercício do poder formal”.

Confinado à esfera da sexualidade e transformada em fantasia – em vez de ser determinado pelo exterior, como habitualmente ocorre – o domínio talvez auxilie a neutralizar a agressão, que de outro modo se faria sentir em outra parte (GIDDENS, 1993, p. 159)

Segundo o autor, a transformação da intimidade diz respeito ao sexo, mas não se limita a ele, baseando-se em uma transição básica na ética da vida pessoal. Giddens vê a sexualidade como chave para a civilização moderna. “A sexualidade, expressa de modo adequado, é a nossa principal fonte de felicidade, e quem é feliz está livre da sede de poder” (GIDDENS, 1993, p. 177). A disciplina moderna só é possível porque o corpo é deserotizado, se a libido escapar da repressão ela destruiria a disciplina, acrescenta o autor. Com

isso a atividade sexual esta propensa a ser realizada em um vazio, na eterna busca ilusória da realização.

A invenção do desvio socializou um conjunto de características que antes eram aceitas como parâmetros naturais da existência concedidas por Deus, como, por exemplo, a loucura, esclarece Giddens (1993). É a partir desse conhecimento acerca das sexualidades periféricas que instaura um fascínio pelas sexualidades “anormais”. “As perversões são apenas expressões de como a sexualidade pode ser legitimamente revelada e a autoidentidade, definida” (GIDDENS, 1993, p. 199).

Para Giddens, a transformação da intimidade reclama por mudança psíquica e também por mudança social, e essa mudança, partindo “de dentro para fora”, poderia potencialmente se ramificar através de outras instituições. Afinal, “a sexualidade é inquietante, perturbadora e cheia de tensões” (GIDDENS, 1993, p. 195).

A sexualidade tem tamanha importância na sociedade moderna por ser um ponto de contato com tudo que renunciamos para ter a segurança ofertada pela vida cotidiana. Não acreditamos mais na ligação com a morte, enquanto achamos óbvia sua ligação com a vida. “A sexualidade ficou aprisionada no interior de uma busca por autoidentidade que a própria atividade sexual só pode satisfazer momentaneamente” (GIDDENS, 1993, p. 214). Uma civilização viciada em sexo é aquela na qual a morte perdeu o significado. “O nosso fascínio pelo sexo deriva da simples expansão da sexualidade como um fenômeno discursivo que penetra em áreas onde, anteriormente, ela estava ausente” (GIDDENS, 1993, p. 190).

Já para Souza (1997), a sexualidade é uma questão da esfera privada que é tratada como pública. Historicamente, a experiência sexual vivida é pensada a partir das diversas modalidades de produção de subjetividades a partir de processo de identificação sexual: “O que se ressalta nessas considerações é o limite entre o que o indivíduo pode e o que não pode mostrar sobre a própria sexualidade” (SOUZA, 1997, p. 17). Através disso podemos tentar compreender como a sexualidade se tornou tão importante para que o indivíduo identifique a si mesmo.

“Historicamente sentir-se só consigo mesmo é função de uma circunstância. Esse é o foco de sua investigação sobre a consciência de si articulada à sexualidade” (SOUZA, 1997, p. 19). Conforme o autor, para tornarem-se sujeitos os indivíduos voltam-se ao dispositivo da sexualidade, sendo assim, há uma demanda pela legitimação da esfera dos prazeres sexuais como fator de afirmação de identidade. Souza (1997) defende que se expressar sobre a própria sexualidade está fortemente relacionado à consciência de si. Perceber-se dentro de uma sexualidade periférica, tornou-se uma forma de o indivíduo

identificar-se, e isso se dá através da fala. Fala essa que se dá de várias formas inclusive, como propomos aqui, por meio das *fanfics*. A internet é o espaço discursivo ideal para o sujeito que deseja emergir no domínio público sem deixar o privado.

Há prazer em travestir o poder de normatização da sexualidade, e nisso as *fanfics* aparecem como o contrapoder, incitando e revelando o que deveria ser mantido em segredo, explica Souza (1997). As sexualidades então categorizadas como anormais pela medicina têm o direito à fala. Essa fala se dá através de narrativas literárias que ousamos aproximar da confissão/confidência, sendo então um lugar privilegiado de fala de si.

Remetendo aos cristãos medievais, Souza (1997) afirma que a instauração de uma discursividade em que o sujeito que constitui a prática discursiva da confissão assumir-se pecador e se separar do grupo à qual pertence. Durante o século III, confessar publicamente os pecados é a única forma de tornar-se cristão. Só no século XIII a confissão passa a ocorrer de forma privada; assim, de modo de realização, a confissão historicamente evoluiu da forma pública para a privada.

“Nos grupos ditos homossexuais a prática de relatos da experiência de si equivaleria ao reconhecimento de si como homossexual”. (SOUZA, 1997, p. 41). A confissão funciona hoje como um reconhecimento de fala. “No grupo, ao confessar-se como homossexual, o indivíduo afirma-se a si próprio, legitimando certo lugar de sujeito em um espaço coletivo de enunciação, ou seja, encontra aí a possibilidade de dizer eu” (SOUZA, 1997, p. 42), mas confessar, no entendimento do autor, remete à obrigatoriedade do indivíduo lançar sobre si um olhar de reprovação.

Utilizamos das observações de Souza (1997) sobre a homossexualidade trazendo essa discussão para um campo mais amplo, que abrange todas as sexualidades periféricas. “O campo discursivo da questão homossexual aparece aqui no mesmo lugar em que se poderia refletir sobre a questão da mulher, as minorias raciais, do índio ou qualquer situação que suscitasse a problemática de tornar-se sujeito num contexto social de exclusão” (SOUZA, 1997, p. 109).

No processo discursivo de subjetividade homossexual, a confissão encontra-se na tensão entre “assumir-se” e “enrustir-se”, criando uma outra relação entre o público e o privado, defende Souza (1997). A aproximação entre a prática confessional dos cristãos e dos homossexuais se dá na ideia que os dois acontecimentos são da ordem do excluído, já que na antiguidade os cristãos eram minoria.

No ato de se confessar de forma confidencial, os “interlocutores encontram-se num mesmo nível de reciprocidade, ao contrário da confissão, cuja estrutura enunciativa

impõe uma posição estatutária que separa aquele que escuta daquele que confessa” (SOUZA, 1997, p. 42). Assim, podemos concluir que a confissão e a confiança se dão por funcionamento específicos da introdução. O ponto de distanciamento entre os dois, de acordo com Souza (1997), está no estado dos interlocutores: na confissão quem escuta está investido de um poder reconhecido em relação ao confessante.

Segundo Souza (1997), o relato pessoal, forma discursiva privilegiada para expressar o verdadeiro caráter íntimo, estabelece um estatuto de legitimidade. Esse efeito de verdade deve-se ao reconhecimento de um sujeito que escreve para um sujeito que lê. “Essa narrativa põe em cena a sujeito falando com sua própria voz de sua prática sexual, alcançando-a como verdadeira no domínio público” (SOUZA, 1997, p. 82)

Tornar público o vínculo de identidade com a prática sexual só é possível através da confidencialidade. Esta se materializa discursivamente pelo ocultamento do nome por meio da criação de perfis *fakes* e publicação de narrativas, argumenta Souza (1997). Sendo assim, podemos concluir, as *fanfics* valem como documento da história do incesto como um fator de consciência de si no plano público e privado. As formas discursivas de referência a si nas narrativas marcam novas maneiras de traçar o limite entre a politização da sexualidade e os discursos em defesa do incesto.

Para Souza (1997), não há um único lugar de enunciação legitimado por uma formação discursiva, portanto existe uma grande variedade de gêneros discursivos nas quais a sexualidade periférica circula. As *fanfics*, entendidas por nós como um produto literário exclusivo da internet, são um desses gêneros.

Ao falar de si ocorre uma economia linguística, indicando pela problematização com quem falar, onde e de que forma. Para o autor encontram-se aí “construções de estratégias de interlocução que marcam precisamente os limites do dizível e do não-dizível, esclarece Souza (1997). O interlocutor na posição de destinatário é colocado no mesmo espaço discursivo do remetente através da destituição de qualquer formalidade do jogo interlocutor. A instituição da interlocução desta forma traz o efeito da inclusão da outro como cúmplice do enunciado. Ainda de acordo com o autor, a noção de “comunidade homossexual” trata-se de uma divisão ao conjunto de enunciados que delineiam discursos de afirmação. Sempre tentando usar a argumentação de Souza para compreendermos nosso objeto, podemos dizer, então, que a intertextualidade das *fanfics* argumenta uma maneira dos indivíduos tornarem-se sujeitos de sua prática sexual transgressiva.

Formas materiais de escrita oferecem a produção do contato consigo mesmo e da autopercepção como unidade indivisível e singular, Souza (1997). “Estratégias de linguagem

que se faz um corte apagando a aparente coincidência entre a palavra, seus sentidos e o sujeito que a menciona” (SOUZA, 1997, p. 110), ou seja, heterogeneidade enunciativa. As *fanfics*, ao lado das correspondências, podem ser um exemplo de lugar enunciativo onde o indivíduo subjetiva-se na ordem da relação consigo mesmo, que interfere e se deixa interferir por diferentes formações discursivas.

De acordo com Giddens (1993), o indivíduo busca através do consumo de novelas e histórias românticas, o que lhe é negado no mundo comum. “Vista deste ângulo, a realidade das histórias românticas era uma expressão de fraqueza, uma incapacidade de se chegar a um acordo com a autoidentidade frustrada na vida social real. Mas a literatura romântica era (e ainda é hoje) também uma literatura de esperança, uma espécie de recusa” (GIDDENS, 1993, p. 55).

Assim como determinados movimentos gay fizeram, as *fanfics* começam a reivindicar aceitação social e legitimidade legal para os incestuosos. Chegando até a contestar a terminologia de desvio.

Giddens (1993) estabelece um paralelo dos grupos homossexuais com os Alcoólicos Anônimos que pode ser estendido sobre o público que produz e consome as *fanfics*. Eles se reúnem e encontram um local no qual não existe crítica ou julgamento. Os membros podem revelar seus temores sem receberem uma resposta negativa. “O fio condutor desses grupos é uma reescrita da narrativa do eu” (GIDDENS, 1993, p. 88).

Essas narrativas descrevem, muitas vezes, cenas sexuais de forma explícita, podendo assim, ser classificadas como pornografia. Giddens (1993) defende que a pornografia pode ser vista como a transformação do sexo em mercadoria. Sendo, em grande parte, dirigida e consumida por homens, onde o pênis se transforma em falo e materializa o poder que os homens querem exercer sobre as mulheres. Baseados nessa descrição, podemos considerar as *fanfics* uma pornografia leve, que seria uma das partes mais importantes desse apelo comercial; afinal as mulheres (maioria no mundo das *fanfics*) encontraram ali o sexo produto dirigido a elas, no qual elas são as protagonistas e autoras. Entendemos isso partindo do ponto de que na maior parte do mercado pornográfico as mulheres são os objetos, mas não os sujeitos do desejo sexual.

A literatura pornográfica, ou parte dela, é “parte do sistema hegemônico de dominação, com a violência sexual atuando mais como apoio secundário do que como exemplo de poder fálico” (GIDDENS, 1993, p. 138). A transformação do sexo em mercadoria na sociedade moderna é universal, mas o erotismo é quase que completamente eliminado. A

sociedade depende de um nível de repressão, a permissividade da época moderna é um fenômeno do poder, e não um caminho para emancipação, conclui Giddens (1993).

A promessa do prazer, por meio da sexualidade, proporciona um incentivo para o comércio de produtos culturais em uma sociedade capitalista. “Desde ponto de vista, a sexualidade não é a antítese de uma civilização dedicada ao crescimento econômico e ao controle técnico, mas a incorporação do seu fracasso”. (GIDDENS, 1993, p. 221)

#### 4. INCESTO CONSENTIDO

Neste capítulo, poremos em discussão a interdição do incesto propriamente dita, as especulações teóricas sobre a origem do tabu e sobre o início da estruturação familiar. Em seguida, discutiremos o discurso proibicionista e punitivo acerca do incesto presente no Cristianismo, que foi, no Ocidente, o grande fundamento da interdição das relações consanguíneas até a consagração da ciência. Veremos então que, posteriormente, o discurso biomédico, amparado nas supostas consequências biológicas da endogamia, passou também, ao lado do discurso religioso, a ancorar a proibição do incesto. Por fim faremos uma leitura discursiva do verbete “incesto” em dicionários de língua portuguesa de diferentes épocas, em busca de deslizamentos e estabilizações de sentidos.

Sempre houve proibições acerca de determinadas relações sexuais entre os seres humanos, aponta Valadares (2015, p. 255); muitas delas se tecem em nome do sagrado e do biológico.

É possível que as pessoas se sintam sexualmente atraídas por outras com quem vivem na mesma casa e, conseqüentemente, mantêm laços emocionais estreitos. No entanto, conforme aponta Forward (1989, p. 16), algumas proibições sociais são essenciais para a coexistência pacífica, sendo o incesto uma das principais. A autora chega a dizer que as relações familiares já são complicadas demais sem a interferência sexual e se o tabu do incesto não fosse difundido, “a incerteza do grau de parentesco entre os indivíduos abalaria os alicerces da estrutura familiar” (idem, ibidem).

Utilizamos aqui o termo “incesto consentido” para as relações com alto grau de parentesco, ou seja, as relações entre pai e filho(a), mãe e filho(a) ou entre irmãos quando ambos possuem consciência e estão de acordo com os atos. As relações com crianças ou adolescentes menores de quatorze anos<sup>7</sup> ou quando há qualquer tipo de abuso (físico ou emocional) são desconsideradas por nós.

Em uma concepção tomada como origem por alguns autores, a palavra incesto deriva do latim *incestum* que significa sacrilégio e o adjetivo *incestus* quer dizer impuro e sujo. Entre tantas definições de incesto, Forward (1989, p. 11) se identifica mais com a afirmação de que “o incesto é qualquer contato abertamente sexual entre pessoas que tenham um grau de parentesco ou que acreditem tê-lo.” Nessa definição se enquadra meio-irmão, padrasto e madrasta, além, é claro dos parentes consanguíneos. Sendo assim, o significado de

---

<sup>7</sup> Idade de consentimento determinada pela legislação brasileira.

incesto decorre do significado de parentesco, completa Valadares (2015, p. 255). Para a autora o incesto está necessariamente vinculado ao sistema de parentesco, sendo influenciado diretamente pelas regras do parentesco.

A exclusão das relações entre pais e filhos foi o primeiro passo para impedir o matrimônio entre consanguíneos. O segundo passo foi a proibição da relação entre irmãos, que conforme Valadares (2015) recebeu o nome de família Punaluana e é a origem das categorias de sobrinhos e primos. Essas estruturas definem com quem o indivíduo pode casar e onde ele deve procurar o cônjuge, explica Cocco & Silveira (2000).

Embora a extensa difusão da proibição do incesto transmita uma ideia de unanimidade, há ocorrências de relações consanguíneas consentidas registradas em algumas sociedades, defende Holanda (2017, p. 287). Atualmente o interdito mais comum se dá entre pais e filhos e entre irmãos. Curiosamente algumas sociedades encorajam o casamento entre primos.

Wenceslau & Strauss (2012, p. 14) apontam três razões pelas quais o incesto contrariava a lei natural na Grécia antiga, sendo elas: o repúdio instintivo as relações incestuosas avistadas em animais; o reconhecimento de que a prole de consanguíneos é marcada por anormalidades físicas; o desencorajamento da formação de alianças entre famílias diferentes. Os autores defendem a teoria westermarckiana, na qual o tabu do incesto não é visto como fruto da convenção social, mas sim como algo natural, anterior à estruturação de valores sociais humanos. Para eles essa aversão é compartilhada pela sociedade e se torna uma desaprovação moral, dando origem às leis proibitivas. De acordo com essa tese, a aversão ao incesto surge na convivência muito próxima entre membros da família, já nos primeiros anos da infância. Essa aversão, segundo os autores, também pode ser uma adaptação evolutiva que impede o endocruzamento e, assim, as proles defeituosas. Essa aptidão biológica reduzida para filhos de relacionamentos incestuosos é denominada depressão endogâmica, esclarece Holanda (2017, p. 291), e, além de atuar como inibidora do incesto, justifica a sua reprovação moral e social. Entretanto, o autor reconhece que os mecanismos de depressão endogâmica não conseguem, sozinhos, explicar o incesto.

Nas sociedades antigas, como a egípcia, a inca e até mesmo entre os povos judaicos, o incesto ocorria, de uma maneira geral, para proteger o sangue real. Já nas últimas décadas foram observadas mais casos ao norte da África, Oriente Médio e Ásia central e sul, nos quais os casamentos entre primos de segundo grau representam 50% das relações, informa Holanda (2017, p. 290). Percebe-se que a proibição atua mais fortemente em linha vertical e entre irmãos quando comparado aos parentes de segundo e terceiro grau.

Forward (1989, p. 12) declara que o incesto é democrático, ou seja, ele pode ocorrer em qualquer nível social e educacional, tendo como marca o desenvolvimento em famílias perturbadas. Para a autora o incesto não causa a ruptura da família, mas é o resultado desta. “Os membros da família estão muitas vezes emocionalmente isolados uns dos outros e há geralmente uma boa quantidade de tensão, um caos emocional e uma confusão de limites individuais e papéis familiares, o que prepara a cena para o incesto” (FORWARD, 1989, p. 12). Wenceslau & Strauss (2012, p. 26) acrescentam que as famílias incestuosas tendem a ter casos de alcoolismo, uso de drogas, discordância marital, pais negligentes e que também tiveram alguma relação incestuosa em algum momento da vida.

Wenceslau & Strauss (2012, p. 27) ressaltam que, nas relações entre parentes que foram separados ainda pequenos e se reencontraram como adultos, a relação se constrói de forma diferente. Para os autores, que fazem alguma concessão a uma visão biologista, a atração entre incestuosos que não tiveram associação durante a infância é muito forte porque eles se reconhecem. Esse tipo de atração – por meio dos traços físicos parecidos, gestos e até mesmo o cheiro – é, segundo os autores, conhecida pela biologia e ocorre também em outras espécies nas quais os indivíduos se reproduzem com aqueles fenotipicamente parecidos. O que explicaria o complexo do Mito de Édipo<sup>8</sup>, afirma os autores. Como não foi criado pelos pais, Édipo não criou uma aversão sexual à mãe, e quando se encontram são atraídos pelas semelhanças fenotípicas entre eles.

Valadares (2015, p. 266) argumenta que nem sempre o genitor ocupará o posto de pai, podendo qualquer outro que assuma a função paternal ser denominado como tal. Pai, em verdade, é quem cuida e não quem transmitiu os genes. O filho precisa da presença física dos pais para criar a identificação. “A interpretação da paternidade e da maternidade vista como um lugar a ser ocupado, ou um significante, enseja a conclusão de que esse lugar poderá ser ocupado por qualquer um que exerça ou venha a exercer essa função, transcrevendo os elementos biológicos” (VALADARES, 2015, p. 267). Dessa forma, o que realmente importa

---

<sup>8</sup>O mito conta a história de Laio, rei de Tebas, que teria sido avisado por um Oráculo que seria assassinado por seu filho que se casaria com a mãe. Para evitar que isso se concretizasse, Laio decide abandonar a criança num lugar distante. Essa criança, mais tarde é adotada pelo rei de Corinto. Ao consultar o oráculo, Édipo recebe a mesma mensagem que seu pai Laio recebera anos antes, mas, acreditando que se tratava dos pais adotivos, foge de Corinto. Em sua fuga, Édipo se envolve em uma briga com negociantes e acaba por matá-los, sem saber que o líder era Laio, seu pai. Ao chegar a Tebas, Édipo decifra o enigma da Esfinge e livra a cidade de suas ameaças, recebendo como recompensa o trono de rei e a mão da rainha Jocasta, agora viúva. Os dois se casam e têm quatro filhos.

Anos depois eles consultam o Oráculo e descobrem que são mãe e filho. Jocasta suicida-se e Édipo fura os próprios olhos como punição por não ter reconhecido a própria mãe.

não é a designação dada aos vínculos entre os parentes, mas o que cada vínculo significa dentro do contexto social do homem, conclui a autora.

Esses desejos incestuosos existem em todos nós, mas os negamos inconscientemente. Forward (1989, p. 22) afirma que é impossível escapar desses desejos. Para a autora, eles estão na origem de toda a psicologia humana, como veremos mais adiante com Freud. A única forma de a civilização resistir à atração sexual genética seria o tabu do incesto. Entretanto, a autora utiliza-se de William Graham Summer<sup>9</sup> para afirmar que a noção de incesto não é universal ou uniforme e que não possui uma causa constante. A autora ressalta que muitos teóricos acreditam que o tabu do incesto causa um dano maior do que proporciona um bem. Essa vertente argumenta que o trauma que o incesto provoca deve-se à quebra do tabu e à punição que a sociedade clama. É necessário destacar que, conforme Forward (1989, p. 27), “a maior parte dos estudiosos que questionam os benefícios do tabu do incesto não pretende recomendar sua prática, mas sim condenar o poder traumatizante do tabu”.

A autora afirma que o tabu do incesto é mais eficaz em evitar que a relação seja revelada do que de fato impedir sua concretização. “A vítima se encerra num mundo de segredo – um mundo de vergonha, desespero e culpa -, onde se sente isolada de todas as outras pessoas” (FORDWARD, 1989, p. 32).

Para Forward (1989, p. 67), o incesto entre pai e filha é o tipo mais comum, o que ocorreria em função do poder pátrio, ou seja, da concepção de que as filhas são bens sociais do pai, o homem responsável pela casa. Sendo esses casos os que emergem com maior frequência e constituem em grande parte os estudos sobre incesto. A autora já considera o incesto entre mãe e filho algo mais inocente, nem sempre envolvendo um contato sexual, podendo ser concretizado apenas em atos realizados em conjunto como tomar banho juntos ou dormir na mesma cama. Essa leveza do relacionamento entre mãe e filho pode ser observada até nas artes, como observa a autora:

O incesto entre mãe e filho, quando é representado nas artes ou nos meios de comunicação eróticos, é geralmente tratado com leveza, como um simples caso de amor que apenas calha de acontecer entre mãe e filho. Um bom exemplo é o belíssimo filme de cineasta francês Louis Malle, *Um sopro no coração*, a história apaixonada de um adolescente que acaba fazendo amor com a mãe. Quando Malle escreveu e dirigiu o filme em 1971, provocou uma enorme controvérsia – o caso incestuoso era retratado num tom terno e benigno. (FORDWARD, 1989, p. 85)

---

<sup>9</sup> Costumes populares, um estudo da importância sociológica das tradições.

Já o incesto entre mãe e filha é o menos compreendido e retratado de todos os tipos de incesto.

Quando se trata da relação entre irmãos, a autora a compara com a relação pai/filha(o), na qual a diferença de idade entre os irmãos pode fortalecer o papel do mais velho como figura de autoridade, responsabilidade e segurança. Holanda (2017, p. 292) acredita que essa modalidade de incesto acontece com mais frequência do que entre pai e filha, apenas não vem à tona.

Apesar de ser reprovado pelo Direito Cível, o incesto não aparece no Direito Penal brasileiro, ou seja, na legislação brasileira as relações incestuosas não configuram crime. “Porém, as consequências no âmbito civil são graves e de interesse público, tornando-se nulo qualquer tipo de união que afronte os impedimentos resultantes de parentesco” (VALADARES, 2015, p. 255).

No Código do Direito Civil de 2002, o artigo 1521 elenca as pessoas que não podem se casar em determinados casos. Dos sete incisos tratados cinco são resultantes do parentesco, decorrentes de relações parentais de consanguinidade (Incisos I e IV), afinidade (II e III) e de adoção (V). Aqueles que desobedecem um preceito de ordem pública e se casam formalizam um casamento nulo. O incesto aparece também na legislação brasileira como agravante nos crimes de abuso sexual.

Não são todos os países que possuem essa tolerância aos relacionamentos consanguíneos. De acordo Silva (2014), na Itália o indivíduo incestuoso pode ser condenado a uma pena de dois a oito anos de prisão. Se for cometido por um adulto e um menor de idade a pena do adulto é aumentada. Já na Alemanha a pena pode chegar a três anos ou multa quando se trata de relação com descendente consanguíneo e dois anos na relação com ascendente. Irmãos menores de dezoito anos não são punidos.

Muito em decorrência do seu caráter moral e religioso, a proibição é mantida sob argumentos de proteção à família e à prole, tendo em vista também a predisposição genética para doenças e malformações. Há ainda uma “proteção da moral e dos bons costumes da sociedade, sem uma verdadeira análise sociológica desses impedimentos”, conclui Valadares (2015, p. 270).

#### 4.1 SOB OS OLHARES DA PSICANÁLISE E DA ANTROPOLOGIA

Um dos pontos mais significativos da nossa existência é a nossa capacidade de amar. O amor não é só um dos principais temas da religião e da arte, mas também algo que

nos caracteriza como humanos. Todo esse sentimento encontra-se enraizado no impulso sexual.

Afirmamos que a descoberta de que o amor sexual (genital) proporciona aos indivíduos as mais fortes vivências de satisfação, dá-lhe realmente o protótipo de toda felicidade, deve tê-lo feito continuar a busca da satisfação vital no terreno das relações sexuais, colocando o erotismo genital no centro na vida. Prosseguimos dizendo que assim ele se torna dependente, de maneira preocupante, de uma parte do mundo exterior, ou seja, do objetivo amoroso escolhido, e fica exposto ao sofrimento máximo, quando é por este desprezado ou o perde graças à morte ou à infidelidade. (FREUD, 2011, p. 46)

Para Freud (2011, p. 49), a mais incisiva mutilação que a vida amorosa humana sofreu se deu ainda na fase do totémismo: a proibição do incesto. Por meio de tabus e leis são produzidas as restrições para as pulsões da humanidade, constituindo o primeiro “direito”.

A vida humana em comum se torna possível apenas quando há uma maioria que é mais forte que qualquer indivíduo e se conserva diante de qualquer indivíduo. Então o poder dessa comunidade se estabelece como “Direito”, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como “força bruta”. [...] O resultado final deve ser um direito para o qual todos – ao menos todos os capazes de viver em comunidade – contribuem com sacrifícios de seus instintos, e que não permite – de novo com a mesma exceção – que ninguém se torne vítima da força bruta. (FREUD, 2011, p. 40)

Freud (2011, p. 43) admite que não é fácil privar um instinto de satisfação<sup>10</sup>. “É algo que tem perigos; se não for compensado economicamente, podem-se esperar graves distúrbios”. Afinal, “paixões movidas por instintos são mais fortes que interesses ditados pela razão”, (FREUD, 2011, p. 58). Todavia, Lévi-Strauss (2010, p. 124) defende que o desejo de possuir não é um instinto e raramente se funda em uma relação objetiva entre o sujeito e o objeto. “O que dá ao objeto seu valor é a “relação como o outro”. O desejo de possuir seria então uma resposta social.

Além da atividade sexual ser fundamental para a reprodução humana, Gobbetti (2006, p. 20) ressalta também a importância da sexualidade no desenvolvimento da vida mental do indivíduo. Para o autor, o que torna o “indivíduo humano e ético é justamente o fato de ter que lidar com as pulsões e desejos presentes em todos, confrontando com a realidade” (GOBBETTI, 2006, p. 23). O autor ainda ressalta que a principal violência ocorrida no incesto não é de cunho sexual, mas sim a perversão das funções familiares – estruturantes no desenvolvimento do indivíduo.

---

<sup>10</sup> Manteremos aqui a nomenclatura da obra consultada em português, sem problematizar o uso da palavra “instinto”.

Para melhor entendermos o incesto consentido, temos que compreender o tabu da proibição do incesto e a sua origem. Para isso é necessário recorreremos a Freud (2013). Segundo o autor, o tabu se divide em duas direções opostas: santo, sagrado e perigoso, impuro, proibido. Sendo assim, o tabu exprime-se em proibições e restrições. Freud cita Wilhelm Wundt quando afirma que o tabu é o código de leis mais antigo da humanidade, considerando que o tabu é anterior a qualquer religião. Ainda assim, esperava-se que a punição pela quebra do tabu viesse automaticamente do poder do divino. Na medida em que, logicamente, essa punição não vinha, a própria humanidade “assumiu” a responsabilidade pelos infratores, explica Freud (2013).

O tabu seria então toda restrição a que se submetem os povos. “Isso ou aquilo é proibido, não sabemos por quê, também não lhes ocorrer fazer a pergunta; eles apenas as cumprem como algo óbvio, e então convencidos de que uma transgressão será punida automaticamente, de forma severa” (FREUD, 2013, p.16). Ainda conforme o autor, está sujeito ao tabu tudo aquilo que é inquietante. Freud compartilha do pensamento de Wundt e acredita que os tabus brotam na origem dos instintos humanos, no temor aos poderes “demoníacos”. Entretanto, pouco a pouco, o tabu passa a se fundamentar em si mesmo. Para entender toda a construção do tabu, Freud (2013) faz um estudo do totemismo. Como conclusão, o autor argumenta que as mais antigas proibições do tabu são as duas leis fundamentais do totemismo: “Não liquidar o animal totêmico e evitar relações sexuais com os indivíduos do mesmo totem que são do sexo oposto. Eles devem ser, então, os mais antigos e poderosos apetites humanos.” (FREUD, 2013, p. 27)

Partimos então da base de que tanto a pulsão quanto a proibição se mantêm no tabu. A pulsão, segundo Freud (2013) não está abolida e sim reprimida e se a proibição cessasse, o instinto alcançaria a realização. E quando isso ocorre, o indivíduo viola o tabu e se torna o próprio tabu, pois pode levar outros a seguir o mesmo caminho. Para adentrar no tema do incesto, a psicanálise ensina que a primeira escolha sexual do menino é incestuosa, direcionado aos objetos proibidos – mãe e irmã – e também fornece as vias pelas quais ele se liberta, ao crescer, da atração do incesto, explica Freud. Embora a interdição do incesto valha para toda a sociedade e indivíduo, a psicanálise articula em discurso o desejo incestuoso diminuindo o rigor do recalque para os que sofrem.

Como não poderia ser diferente, a questão do incesto também é tema da antropologia. Para ficar num de seus principais autores, recorreremos a Levi-Strauss (2012), quando afirma que o homem é um ser biológico e ao mesmo tempo um indivíduo social. Há reações que dependem da natureza e outras exclusivamente de sua condição, entretanto nem

sempre a distinção é fácil. Lévi-Strauss argumenta que tudo que é universal depende da ordem da natureza, enquanto tudo que está ligado a uma norma pertence à cultura. Neste ponto, lembramos que para Freud (2011, p. 34) a civilização é a “soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si”. Já cultura são todas as atividades e valores que protegem o homem das forças naturais, esclarece o autor.

Lévi-Strauss (2012, p. 34) afirma que a proibição do incesto constitui uma regra, mas uma regra única entre as regras sociais, possuindo assim, ao mesmo tempo, o caráter de universalidade e normatização. Lévi-Strauss (2012, p. 69) explica que o caráter de universalidade do incesto se dá sobre o fato da cultura ter preenchido em toda parte o vazio sobre relações sexuais entre parentes próximos. “A proibição do incesto é universal, como a linguagem” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 538), apenas temos mais informações sobre a segunda do que sobre a origem da interdição do incesto.

Levi-Strauss (2012, p. 49) defende que a origem da proibição do incesto é, ao mesmo tempo, natural e social, mas “no sentido de resultar de uma reflexão social sobre um fenômeno natural. A proibição do incesto seria uma medida de proteção, tendo por finalidade defender a espécie dos resultados nefastos dos casamentos consanguíneos.” Afinal, conforme o autor, não há nada mais duvidoso que a repugnância instintiva ao incesto. “Porque o incesto, embora proibido pela lei e pelos costumes, existe, sendo mesmo, sem dúvida, muito mais frequentemente do que levaria a supor a convenção coletiva do silêncio” (LEVI-STRAUSS, 2012, p.55).

Na perspectiva de Lévi-Strauss (2012, p. 83), “considerada como interdição, a proibição do incesto limita-se a afirmar, em terreno essencial à sobrevivência no grupo, a preeminência do social sobre o natural, do coletivo sobre o individual, da organização sobre o arbitrário”.

Pisani (2009) utiliza uma pesquisa realizada por Malinowski<sup>11</sup> em uma tribo das Ilhas Trobriand, na qual o antropólogo relata que a proibição do incesto é forte, ainda mais entre irmãos, para demonstrar como é um erro tomar os dados etnográficos a antropologia para justificar a ocorrência do incesto em nossa cultura como uma volta ao “primitivo”. Para a

---

<sup>11</sup> MALINOWSKI, Bronistaw. A vida sexual dos selvagens: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre nativos das Ilhas Trobriand. 2. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1983

autora o fato é que “nossa civilização fracassou em organizar sua estrutura social” (PISANI, 2009, p. 19).

Pisani (2009) faz uso do mito local que explicaria o nascimento do amor para ilustrar seu pensamento. De forma bem resumida, a narrativa mitológica é sobre um amor entre irmãos impossível de ser contido. O irmão mais velho prepara uma poção que acidentalmente atinge a irmã, a partir de então eles fogem para uma caverna e consumam o amor, morrendo de fome e vergonha em seguida. Então uma flor mágica nasce nos peitos dos amantes mortos e simboliza o amor. A autora esclarece que esse mito é mais para explicar os raros casos de incesto do que de fato explicar a origem do amor. A narrativa é construída de maneira que não só explica os raros casos de incesto como também para lembrar a vergonha que acomete quem o pratica, funcionando também como um aviso.

Para Lévi-Strauss (2012, p. 80) se a regra do incesto não existisse, muitas famílias conservariam o monopólio de suas mulheres, com a proibição do incesto como regra de obediência geral, é assegurado a todos “o acesso as mulheres”, dando-se início assim à organização das relações entre sexos. A proibição do incesto, serve em primeiro lugar, para que a competição em torno das mulheres ocorra no controle do grupo e não no interior da família, esclarece Lévi-Strauss (2012, p. 83). A proibição do incesto não é apenas uma interdição. Além desse aspecto negativo, há também a garantia de uma troca. Para o autor a troca das noivas realiza a passagem da hostilidade à aliança (LÉVI-STRAUSS, 2012).

O casamento entre primos também possui sua origem no tabu do incesto, explica Lévi-Strauss (2012, p. 181). Já que não podem ter as mulheres da família, o casamento entre primos as mantém próximas e garantem que os bens continuem na família. Posteriormente o casamento entre primos também é proibido e acaba ocasionando o casamento por troca restrita (mulher por mulher) e mais adiante a troca generalizada, no qual o matrimônio se torna algo semelhante a uma venda (o preço da mulher depende da sua categoria), esclarece o autor. A troca liga os homens entre si, superpondo os laços naturais. É nesse sistema de troca que encontramos a origem das regras do matrimônio, conclui Lévi-Strauss (2012, p. 521). Entendemos então que “a proibição do incesto é menos uma regra que proíbe casar-se com a mãe, a irmã ou a filha do que uma regra que obriga a dar a outrem a mãe, a irmã ou a filha” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 524).

Holanda (2017, p. 290), a partir de um ponto de vista totalmente diverso dos autores acima, e de fundo biológico, afirma que teóricos sociais tradicionais focaram na proibição cultural e deixaram de lado a rejeição individual ao incesto. “A arquitetura cognitiva humana provavelmente dispõe de um circuito que evoluiu porque inibe a atividade

sexual entre familiares”. Para o autor, o fato de o tabu ser universal seria explicado por essa aversão “natural” do homem ao incesto. A proibição não justifica a rejeição do ser humano aos relacionamentos consanguíneos.

Wenceslau & Strauss (2012, p.14) explicam que, na Grécia antiga, acreditava-se que a “natureza” regia os instintos do homem e a “convenção” inibia essas pulsões, mantendo a ordem social. O incesto era visto como algo naturalmente aversivo. A tradição socrática defendia que a norma social pode ser baseada em algo natural. Para os autores é a partir daí que a interdição do incesto passa a ser vista como uma lei dos deuses, ou seja, uma aversão natural do homem era reforçada com penitências divinas (prole defeituosa).

Para ilustrar essa teoria de que o homem é naturalmente – biologicamente – avesso ao incesto, Wenceslau & Strauss (2010, p. 20) recorrem ao exemplo da vida sexual dos primatas. Segundo os autores, o cruzamento entre parentes de primeira ordem é quase inexistente. Uma das principais razões é o fato de a maioria dos primatas deixarem seu grupo natal antes de alcançarem a maturidade sexual. Com isso, parentes de sexo oposto raramente se encontrariam na vida adulta. Essa dispersão, conforme Wenceslau & Strauss, pode ser explicado como um comportamento para evitar o endocruzamento. Apesar disso alguns indivíduos acabam convivendo juntos, mas raramente estabelecem relações sexuais. Ainda assim, quando ocorrem é geralmente entre pais e filhas. O vínculo entre mãe e filho é mais intenso, o que reflete em raríssimos casos de cópula, explica os autores.

Para Wenceslau & Strauss (2012, p. 23), “os mecanismos de aversão do endocruzamento, portanto, já existiam no passado evolutivo humano, apenas se complexificando e recebendo uma carga simbólica em nossa espécie, como o próprio surgimento do tabu do incesto”. Sendo assim, a moral por trás do tabu do incesto é um investimento simbólico do homem sobre uma aversão natural do incesto.

A convivência familiar durante a infância enfraquece a atração sexual entre eles e explicaria a aversão ao incesto, conforme Holanda (2017, p. 289). De acordo com essa tese, parentes próximos separados ainda na primeira infância possuem mais chance de terem relações consentidas. Para justificar esse argumento, Holanda (2017, p. 290) utiliza uma pesquisa publicada por Lieberman, Tooby & Cosmides<sup>12</sup> na qual afirmam que o mecanismo de reconhecimento de parentesco dos humanos baseia-se na convivência durante a maturação. Para chegar a esse resultado, foi realizado um levantamento com 186 estudantes. Era

---

<sup>12</sup> LIEBERMAN, D.; TOOBY, J.; COSMIDES, L. Does morality have a biological basis? Na empirical test of the factors governing moral sentiments relating to incest. *Proceedings of the Royal Society. In: Biological Sciences*, 270(1517), p. 819-826

solicitado que os jovens ordenassem 19 atos do menos ao mais moralmente errado, entre eles o sexo e o casamento entre irmãos. Também foi feita uma coleta de informações sobre a composição familiar, incluindo a duração da convivência e a idade dos sujeitos durante esse tempo. Segundo os resultados a convivência na infância se fez fundamental para o reconhecimento do parentesco, aumentando assim a intensidade de repulsa ao incesto. Resultados similares foram encontrados em um estudo igual realizado na China, ressalta Holanda (2017, p. 291).

O autor ainda destaca que o convívio com irmãos do sexo oposto aumenta a aversão ao incesto, sendo assim, homens com irmãs e mulheres com irmãos tendem a repudiar mais intensamente o incesto do que aqueles que só conviveram com o sexo idêntico ao seu. Holanda (2017, p. 291) ressalta ainda que as mulheres possuem maior sentimento de nojo para com o incesto do que homens, o que conforme o autor pode estar relacionado também à associação perinatal maternal.

Para justificar a necessidade de proibir o incesto, mesmo ele sendo naturalmente repulsivo para o homem, Holanda (2017, p. 289) recorre a Westermarck<sup>13</sup> que afirma que o incesto é consequência da nossa vontade de evitar que outras pessoas façam o que consideramos errado.

As modalidades dessas proibições em prol da vida em sociedade sempre foram manipuladas conforme a sociedade em questão.

Dessa forma, é imperioso questionar se os impedimentos das relações sexuais entre parentes consanguíneos realmente representam os valores e costumes atuais de uma sociedade que, por meio dos avanços da biotecnologia e da mudança de paradigma do Direito da Família, dissociou a relação paterno filial ao vínculo genético. (VALADARES, 2015, p. 263)

Baseando-se nos estudos do psiquiatra Martin Weich, Forward (1989, p. 23) acredita que o uso das palavras “mãe”, “pai”, “irmã” e “irmão” são uma defesa contra o incesto. “Dando aos membros da família os nomes de seus papéis, em vez de chamá-los por seus nomes de batismo, nós nos lembramos constantemente dos papéis que desempenham, o que nos impede de pensar neles de qualquer outra maneira.”, explica a autora. Na existência de um relacionamento incestuoso, a relação de poder entre esses papéis pode influenciar diretamente nas escolhas do parceiro, completa Valadares (2015, p. 272).

---

<sup>13</sup> WESTERMARCK, Edvard. *A Short History of Marriage*. New York, NY: Macmillan, 1926

O atual modelo de família caracteriza-se pelas relações de poder fundadas pelo patriarcado e surge atrelada à noção de propriedade privada, aponta Solano (2009, p. 602). A família, como nós conhecemos, é uma produção histórica da organização entre os indivíduos, explica o autor.

Como vimos, a discussão sobre o incesto é sustentada por diversas disciplinas, da Biologia à Psicanálise; da Antropologia ao Direito. Embora não seja nosso objetivo analisar estas posições, podemos considerá-las todas apropriações discursivas sobre o incesto, sentidos que produzem efeitos de evidência.

#### 4.2 A TRANSFORMAÇÃO DA INTERDIÇÃO: DO DISCURSO RELIGIOSO AO BIOMÉDICO

Freud (2011, p. 70) afirma que uma pessoa adquire o sentimento de culpa ao se lamentar por ter feito algo dito como “mau”. O autor ainda acrescenta que mesmo que o indivíduo não concretize esse ato “mau”, mas reconheça em si o desejo de fazê-lo, também passa a se considerar culpado. “Com frequência o mau não é, em absoluta, uma coisa nociva ou perigosa para o Eu, mas, pelo contrário, algo que ele deseja e lhe dá prazer. Aí se mostra, então, a influência alheia; ela determina o que será tido por bom ou mau”, esclarece Freud (2001, p. 70).

Uma das grandes responsáveis pela definição do que é “bom” e “mau” na sociedade, a religião, tem grande participação no sentido de culpa do homem. A relação da religião com o homem é de controle, de condução para uma vida com menos chances de errar. “A razão da existência do homem, conforme o cristianismo, é a conquista da felicidade e da obtenção do reino celestial”, explica Côcco & Silveira (2000, p. 40).

Compreendendo, conforme Durkheim (1989, p. 11), que todas as religiões são comparáveis, já que todas são espécies do mesmo gênero, e possuem elementos essenciais em comum, e levando em consideração que 86,8 % da população brasileira declaram-se cristãos, sendo 64,6% Católicos, conforme dados do Censo 2010 do IBGE, vamos considerar tão somente os discursos propagados pelo catolicismo. Lembrando, no entanto, que esse sistema punitivo é observado na grande maioria das religiões conhecidas.

Durkheim (1989, p. 38) trata as representações religiosas como constitutivas da sociedade. “A religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas”. Essas representações, de acordo com o autor, são estruturalmente necessárias para as sociedades. Essa força que a religião

exerce na conduta do homem pode ser percebida através da imposição de uma cultura sobre a outra, como, por exemplo, as Cruzadas entre os séculos XI e XIII e as missões jesuíticas que visavam a catequização dos índios durante a colonização do Brasil. Como consequência de movimentos como estes, as crenças da igreja são espalhadas como verdades absolutas que devem ser respeitadas. Saffioti (2003, p. 291) acredita que os indígenas brasileiros sofreram grande influência cristã para proibir os casamentos consanguíneos, já que em hordas isoladas da Amazônia era comum o incesto entre irmãos.

Devido à forte influência da religião na cultura, ela interfere na vida de todos os indivíduos, participando ativamente da formação social do homem. Até mesmo aqueles que não seguem nenhuma religião são afetados pelos valores religiosos. E foi através desses valores que a proibição do incesto encontrou um de seus mais fortes discursos proibicionistas: “o incesto é pecado”. Sendo assim, a prática incestuosa é condenada por boa parte das religiões e principalmente pela cristã.

Podemos recorrer como ilustração à própria discursividade religiosa. De acordo com um estudo sobre a narrativa religiosa da Bíblia realizado pela Canção Nova<sup>14</sup>, existiam uniões consanguíneas no começo da humanidade.

Para o povo de Israel, a descendência era sinal de benção divina e também sobrevivência e preservação do clã, por isso, em muitas situações, a união entre parentes próximos não eram condenadas. Para garantir a vida do clã e a multiplicação dos seus membros, era permitido o casamento entre irmãos. (CANÇÃO NOVA, 2017)

Alguns exemplos dessas relações podem ser encontrados na narrativa mítica da Bíblia, como a história de Ló que engravidou as duas filhas (Gênesis 19) e de Abraão e Sara que além de casados eram meios-irmãos por parte de pai (Gênesis 20). Entretanto, o incesto é fortemente denunciado em outras passagens dessa narrativa: “Maldito o que se deita com sua irmã, filha de seu pai ou de sua mãe” (Deuteronômio, 27: 22), “nenhum de vós se aconchegarà àquela que lhe é próxima por sangue, para descobrir sua nudez.” (Levítico, 19:6) e “Se um homem tomar a sua irmã, filha de seu pai ou de sua mãe, e vir a sua nudez, e ela vir a sua, isso é uma coisa infame. Serão exterminados sob os olhos de seus compatriotas: descobriu a nudez de sua irmã; levará a sua iniquidade.” (Levítico, 20;17).

---

<sup>14</sup> Canção Nova é uma comunidade católica brasileira fundada no ano de 1978, seguindo as linhas da Renovação Carismática Católica.

A condenação do incesto pode ser observada também no Código de Direito Canônico, sendo esse o conjunto nas normas jurídicas que regulam a organização da Igreja Católica Romana (1983). Entre os direitos e obrigações dos fiéis, podemos encontrar no Cân. 1091 os impedimentos matrimoniais relacionados ao incesto: “Na linha reta de consanguinidade é inválido o matrimônio entre todos os ascendentes e descendentes, tanto legítimos como naturais” (1983, p. 192). Parentes em linha colateral até o quarto grau e indivíduos com parentesco legal oriundo da adoção: linha reta ou segundo grau da linha colateral também tem a união proibida pelo Vaticano. Também é recomendado que nunca se permita o matrimônio se houver alguma dúvida em relação ao parentesco dos noivos e caso esse parentesco seja descoberto após a união, que o matrimônio seja invalidado.

Observamos a condenação ao incesto presente também no Catecismo da Igreja Católica (texto para o ensino da doutrina católica), mais precisamente na parte que trata das ofensas à dignidade do matrimônio, no parágrafo 2388:

O incesto designa relações íntimas entre parentes ou afins, num grau que proíbe o matrimônio entre eles (141). São Paulo estigmatiza esta falta particularmente grave: «É voz corrente que existe entre vós um caso de imoralidade [...] ao ponto de certo homem viver com a mulher de seu pai! [...] Em nome do Senhor Jesus [...], que esse homem seja entregue a Satanás [...] para ruína do seu corpo» (1 Cor 5, 1. 4-5). O incesto corrompe as relações familiares e representa uma regressão à animalidade. (VATICANO, 2017a)

Atravessado por esse discurso de pecado, o incestuoso (aquele que cometeu ou apenas identificou o desejo) passa a vivenciar a culpa. Esse discurso proibicionista e punitivo foi o principal alicerce para instituição do tabu do incesto, mas não é o único. Com o passar do tempo, e conseqüentemente a consagração da ciência, o discurso biomédico também passou a ser utilizado para fundamentar a proibição do incesto.

Conforme Holanda (2017, p. 289), o incesto é moralmente errado por causa das conseqüências biológicas decorrentes da endogamia, entretanto é necessário marcar a diferença entre os dois. A endogamia está atrelada à ideia de reprodução entre parentes próximos, enquanto o incesto corresponde a atividade sexual entre indivíduos consanguíneos que pode ou não gerar filhos, explica Holanda (2017, p. 288).

De acordo com Beiguelman (2005), a endogamia aumenta os riscos de uma prole com anomalias porque casais geneticamente parecidos e heterozigotos (Aa) possuem maior probabilidade de gerar filhos homozigotos (aa).

Isso se deve, principalmente, ao fato de muitos genes terem alelos recessivos prejudiciais que só se expressam em homozigose (duas cópias iguais do alelo, uma vinda da mãe e outra do pai). Portanto, quanto mais aparentados os progenitores, maiores serão as chances de passarem os mesmos alelos para seus filhos, e conseqüentemente, maior a probabilidade de ocorrer homozigose de alelos deletérios. (WENCESLAU e STRAUSS, 2012, p. 17)

Wenceslau & Strauss (2012, p. 18) afirmam que a aversão ao endocruzamento foi selecionada evolutivamente, pois aqueles que não cruzavam com parentes atingiam um maior sucesso com as proles. O que, para os autores, explica o fato da aversão ao endocruzamento está presente em vários animais, entre eles o homem. Entretanto, Wenceslau & Strauss admitem que isso não explica a proibição ao incesto.

Beiguelman (2005) explica que o tamanho reduzido de algumas populações aumenta a probabilidade do parentesco entre os cônjuges, entretanto, em decorrência da urbanização, a tendência atual é cada vez mais a diminuição de casamentos entre consanguíneos. Ainda assim, é possível medir o parentesco genético entre casais, explica o autor.

O parentesco genético é mensurado por meio da probabilidade de indivíduos terem genes idênticos, independente de serem normais ou anômalos. Essa medida de correlação genética é o coeficiente de consanguinidade.

Para realizar essa conta é necessário saber quantos ancestrais se tem em comum, para assim calcular as possibilidades dos envolvidos carregarem os genes recessivos. O cálculo de coeficiente de consanguinidade pode ser resumido pela fórmula:  $r = \Sigma (\frac{1}{2})^n$ , na qual  $r$  é o coeficiente e  $n$  o número de gerações que unem os dois consanguíneos ao ancestral em comum, explica Beiguelman (2005). Sendo assim, o coeficiente entre dois meios-irmãos é  $\frac{1}{4}$ , pois há um único ancestral em comum e duas gerações. O de irmãos é  $\frac{1}{2}$ , de tios e sobrinhos  $\frac{1}{4}$ , tios e meios-sobrinhos  $\frac{1}{8}$ , assim como primos de primeiro grau, já primos de segundo grau possuem um coeficiente de  $\frac{1}{16}$  e de terceiro grau  $\frac{1}{36}$ . “O conhecimento do coeficiente de consanguinidade entre parentes colaterais permite constatar que o parentesco genético entre esses consanguíneos está frequentemente em desacordo com o grau de parentesco estabelecido no Direito Civil”, esclarece Beiguelman (2005, p. 92).

Tanto no direito civil quanto o Direito Canônico “a consanguinidade entre dois colaterais é a soma do número de gerações contadas nas linhas colaterais ascendente e descendente, tomando como referência o tronco da genealogia, isto é, os ancestrais comuns mais próximos dos parentes consanguíneos”(BEIGUELMAN, 2005, p. 92). Ou seja, na legislação irmãos e meios-irmãos possuem a mesma consanguinidade, sendo essa em segundo

grau. Tios e sobrinhos em terceiro grau e assim por diante. Já a relação de consanguinidade em linha reta se dá pelo número de gerações que os separam. Desse modo, pais e filhos possuem consanguinidade de primeiro grau, avós e netos de segundo grau e assim por diante, explica o autor.

Devemos fazer um adendo para a proibição legal de casamento entre parentes adotivos e afins, nos quais, segundo o coeficiente de consanguinidade, não há parentesco genético relevante que impeça a procriação. Nesses casos o discurso biomédico não tem viabilidade alguma.

Conhecendo o coeficiente de consanguinidade, é possível, segundo Beiguelman (2005), demonstrar numericamente se os casais estão sujeitos a um risco maior – do que outros – de gerar uma criança com anomalias recessivas. Uma pessoa que apresenta um gene recessivo raro (1:40,000), ou seja, um indivíduo heterozigoto (Aa), deseja se casar com uma mulher não consanguínea dele, a probabilidade de gerar com ela uma criança com anomalia recessiva (aa) é de 0,0025. Já se esse mesmo indivíduo heterozigoto (Aa) deseja-se casar com uma prima em primeiro grau, as chances de gerar uma criança com o genótipo (aa) é 0,03125, isto é, 12,5 vezes mais alta, exemplifica o autor. Quanto menos a frequência da anomalia recessiva maior é a probabilidade da prole entre consanguíneos ser (aa). Por exemplo, uma anomalia (1:80,000), a probabilidade entre primos de primeiro grau sobe 17,6 vezes em relação a não consanguíneos (BEIGUELMAN, 2005).

Por outro lado, o exocruzamento excessivo também pode ser prejudicial. Afinal, tal comportamento prejudicaria a manutenção de certas características benéficas que foram adaptativamente fixadas na população (WENCESLAU & STRAUSS, 2012, p. 17).

De acordo com Beiguelman (2005), o equilíbrio de Wright afirma que se nenhum fator evolutivo atuasse sobre uma população que satisfizesse certas condições, as frequências dos alelos permaneceriam inalteradas ao longo das gerações, ou seja, o número de pessoas portadoras de anomalias recessivas não aumentaria. Para isso é necessário que a população seja grande e que o cruzamento entre indivíduos ocorra ao acaso, sem preferências.

Casamentos consanguíneos são capazes de alterar as frequências genótípicas, sem afetar por si só, as frequências genéticas, pois se não existir seleção preferencial contra ou a favor de algum genótipo, as frequências genéticas manter-se-ão constantes, (BEIGUELMAN, 2005, p. 108)

O autor ainda explica, com a lei do equilíbrio de Wright, que em certos seres em que a autofecundação é possível e é tida como regra, os heterozigotos desaparecem, ou seja,

“nesse caso extremo de endogamia, a população é rapidamente conduzida à fixação dos genótipos homozigotos” (BEIGUELMAN, 2005, p. 111), passando a existir apenas “AA’ ou “aa” naquela população.

Ao aumentar a probabilidade de homozigotos, os casamentos consanguíneos proporcionam a hipótese de eliminação de genes, promovendo indiretamente alteração nas frequências genéticas, conclui Beiguelman (2005). Isso acontece porque a partir do momento que só existem indivíduos saudáveis (AA) ou com anomalias desenvolvidas (aa) ocorre um processo de seleção natural.

A diminuição dos heterozigotos em consequência da endogamia é utilizado na produção de linhagens isogênicas de animais e vegetais. O equilíbrio só sofrerá alterações com a mutação dos genes, fora isso a prole será sempre idêntica ao gerador. Beiguelman (2005) destaca ainda que a procriação entre irmão requer mais gerações do que a autofecundação para o desaparecimento dos heterozigotos.

Sendo assim, podemos concluir que, apesar de a descendência imediata de parentes consanguíneos correr mais riscos de apresentarem uma anomalia, em longo prazo a endogamia favoreceria a espécie humana. Os casamentos consanguíneos não apresentariam um perigo se sempre tivessem existido. O risco dos relacionamentos incestuosos talvez seja mais a consequência do que a razão pela qual foram proibidos, o que desestabiliza todo o discurso biomédico que condena o incesto.

Precisamos também lembrar que a procriação não é mais um requisito ou elemento fundamental para o casamento, conforme ressalta Valadares (2015, p. 272). Ainda assim, se houver o desejo de ter filhos, o avanço da tecnologia permite averiguar a probabilidade da prole ter alguma deficiência. “Ademais, todos os casais quando procriam assumem um risco natural de ter ou não filhos com algum problema genético, e isso não é fundamento legítimo para impedi-los de se casarem”, completa Valadares (2015, p. 272).

Vale ressaltar que segundo Gobbetti (2006) as profissões da área de saúde se estruturam basicamente em relações de confiança, tendo como obrigação guardar segredo. Conforme a autora, é importante destacar que todas as informações fornecidas pelos pacientes, resultados de exames ou qualquer material resultante de procedimentos com finalidade diagnóstica pertencem aos pacientes. Essa privacidade do indivíduo é assegurada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, proposta pelo ONU em 1948. Sendo assim, mesmo que seja constatado o risco genético de um casal ter uma descendência com deficiência, os médicos não podem impedir a procriação, ainda assim, essa proibição é uma das bases que constroem o tabu do incesto.

### 4.3 SENTIDOS DE INCESTO

Ao ouvir o termo incesto o que é colocado em funcionamento pela memória são sentidos de pecado, sujeira e imoralidade. Entretanto, um termo pode possuir sentidos que foram apagados, acredita Fernandes & Souza (2013, p. 59). Para as autoras “cada vocábulo traz, em suas acepções, marcas do histórico ideológico em relação ao meretrício, o que demonstra que, além de colocar em circulação sentidos já dados, produz novos sentidos, silenciando outros”, ou seja, encontramos na própria língua marcas que mostram como os discursos foram construídos.

Para verificar, através do processo histórico, quais os sentidos estabilizados acerca de incesto em nossa sociedade, recorreremos aos dicionários de língua portuguesa, de diferentes épocas, que trazem os verbetes “incesto” e “incestuoso”, são eles: *Dicionário da língua portuguesa*, de Antonio Morais Silva (1889); *Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa*, de Francisco Fernandes (1946); *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire (1954); *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete (1978); *Médio dicionário Aurélio*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1980); *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986); *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999); *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*, de Barsa Planeta (2001); *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, de Antônio Houaiss (2009); *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2010).

Fernandes & Souza (2014, p. 62) argumentam que por meio do conceito da língua como instrumento de comunicação vemos os dicionários como mecanismos de controle dos sentidos das palavras, “ou seja, cria-se a ilusão de que o sentido só pode ser este e não poderá vir a ser outro, pois o dicionário cristaliza os sentidos”. Com isso procuramos olhar para os verbetes contidos nesses dicionários como textos produzidos em determinadas condições, materializando os sentidos acerca de incesto presente naquela época, dando visibilidade as relações do sujeito com a sexualidade tabu.

Olhemos então para os verbetes em busca de deslizamento e estabilizações de sentidos.

MORAIS SILVA, 1889

**Incesto:** (do lat. Inceslum ou incestus). Ação não casta, contra a castidade. União ilícita entre parentes por consangüinidade ou afinidade, dentro dos graus proibidos

por leis (em Portugal é até o quarto). Torna-se mais ordinariamente pelo crime cometido por essa união, do que pela própria união.

FERNANDES, 1946

**Incesto:** Incestuoso, torpe, incasto, impuro, desonesto.

FREIRE, 1954

**Incesto:** Incestuoso, torpe, incasto, desonesto.

**Incesto S.** União ilícita entre parentes próximos.

AULETE, 1978

**Incesto:** união ilícita entre parentes (por consangüinidade ou afinidade) em grau proibido pelas leis: Horrendo incesto com a mãe Agripina cometia. Incestuoso: torpe, impuro.

FERREIRA, 1980

**Incesto:** união sexual ilícita entre parentes consangüíneos, afins ou adotivos. Adj. Torpe, incasto, incestuoso.

FERREIRA, 1986

**Incesto:** união sexual ilícita entre parentes consangüíneos, afins ou adotivos adj. Antitorpe, incasto, incestuoso.

FERREIRA, 1999

**Incesto:** União sexual ilícita entre parentes consangüíneos, afins ou adotivos. Adj. Torpe, incasto incestuoso.

BARSA PLANETA, 2001

**Incesto:** desonesto, incasto, torpe, incestuoso. União sexual entre parentes consangüíneos ou afins, condenados pela lei, pela moral e pela religião.

HOUAISS, 2009

**Incesto:** relação sexual entre parentes consangüíneos ou afins, dentro dos graus em que a lei, a moral ou a religião proíbe ou condena o casamento. 2 que não é puro, não é casto; impudico, impuro, incestuoso, torpe – espiritual: relação sexual entre pessoas unidas por elo espiritual, como por exemplo o de padrinho com afilhada. Incesto, ação contra a castidade.

FERREIRA, 2010

**Incesto:** união sexual ilícita entre parentes consangüíneos, afins ou adotivos. Torpe, incasto, incestuoso.

Podemos observar que Morais Silva (1889) inicia a chamada com a origem da palavra e logo em seguida traz o discurso religioso ao classificar a ação como “contra a castidade”, sendo então a violação do sexto mandamento da Igreja Católica. Castidade pode ser entendida como abstinência dos prazeres carnis, sendo assim o incesto em Morais e Silva (1889) é um pecado equivalente ao ato de ter relações sexuais fora do matrimônio. Não encontramos aqui um discurso punitivo explícito, entretanto, dentro do discurso religioso todo aquele que não obedece aos mandamentos peca e, por consequência, sofrerá penitências.

A segunda chamada explica o incesto baseando-se na legislação. Em seguida fica nítido que o indivíduo que quebra o tabu e se torna o próprio tabu: “torna-se mais ordinariamente pelo crime cometido por essa união, do que pela própria união”. Deparamo-nos então com um discurso que ameniza a união incestuosa em si, mas destaca a cobrança de infligir as leis do homem.

Em Fernandes (1946) e Freire (1954), toda a explicação do que seria de fato o incesto desaparece. Conforme Orlandi (2007, p. 37), o silêncio resiste à pressão de controle exercida pela linguagem e significa de outras maneiras, ou seja, compreender o silêncio não é atribuir-lhe um sentido em sua relação com o dizer, mas conhecer seus modos de significar. Esse silêncio é o espaço no qual o sentido e o sujeito se movem largamente, explica (ORLANDI, 2007, p. 27). Compreendendo isso podemos ler o silêncio nos dois dicionários como a possibilidade do incesto significar fora do domínio da língua, diretamente no sujeito. E talvez seja essa margem para significar-se que dará abertura para o atravessamento de um discurso romântico no verbete “incestuoso” de Aulete (1978), que será comentado mais adiante.

Apesar disso o discurso religioso se mantém por meio da presença do “incasto”, assim como o discurso da moral através do “torpe” e do “desonesto”. Nota-se a primeira aparição do “impuro” que marca o discurso religioso – no qual uma pessoa pura é aquela que não tem pecados – já sendo atravessado pelo discurso da limpeza, do não contaminado, referenciando assim a repulsa e o nojo ao incesto. Sendo o nojo uma reação emocional que evoluiu para proteger e evitar patógenos.

Nota-se que os sentidos de incesto sofreram uma grande alteração, embora o discurso religioso se mantenha em todos os verbetes, o discurso da moral aparece primeiro nas chamadas, marcando assim a relação de poder na construção desse tabu.

Em Aulete (1978), observamos que a explicação é retomada e a prática do incesto como uma contraversão às leis aparece na primeira chamada, sendo seguido por uma exemplificação “Horrendo incesto com a mãe Agripina cometia”, através do uso do adjetivo “horrendo” percebemos toda a aversão e intolerância ao relacionamento consanguíneo, que ainda é reafirmada pelo discurso religioso/limpeza (impuro) e pelo moral (torpe).

Os sentidos se mantém estabilizados em Ferreira (1989, 1986, 1999 e 2010), marcando a característica “ilícita” das uniões e sendo fundamentado por meio do discurso religioso e do discurso moral. Vale ressaltar que a religião sempre teve e ainda tem uma forte influência na construção da moral de uma sociedade. Sabendo-se que moral é o conjunto de regras aplicadas no cotidiano e que orientam cada indivíduo, norteando seus julgamentos

sobre o que é certo ou errado. Esses discursos ficam ainda mais perceptíveis em Barsa Planeta (2001) “Condenados pela lei, pela moral e pela religião”. Houaiss (2009) mantém a clareza do discurso e ainda faz o adendo da condenação do casamento, já que apesar da legislação brasileira não condenar o incesto como crime, a união civil entre parentes próximos é proibida. O discurso religioso, assim como o moral, aparecem repetidas vezes no verbete, ressaltando a importância desses discursos para fundamentar a existências dos demais. Um novo tipo de relação incestuosa é apresentada: aquela oriunda de lações espirituais, “como por exemplo o de padrinho com afilhada”, esclarece Houaiss (2009).

É interessante observar que em nenhum momento é feita a diferenciação entre incesto consentido e o abusivo. Assim como também não há sentidos de violência ou abuso, o que permite o sentido da existência de relações espontâneas e livres de opressão. É importante lembrar que todo discurso funciona mobilizando dois sentidos, o dito e o não dito. Quando se diz X automaticamente estamos deixando de dizer Y (PÊCHEUX, 2015). E essa ausência da diferenciação entre incesto consentido e abusivo deixa claro que ambos os sentidos ali materializados são equivalentes para as duas práticas (ou para nenhuma delas). Não há diferenças na hora de dizer o incesto como pecado ou como imoral.

Quando se trata do verbete incestuoso há estabilização nítida de sentidos. O incestuoso é tido como quem pratica ou praticou incesto e como aquele que é fruto de uma união incestuosa.

MORAIS SILVA, 1889

**Incestuoso:** que cometeu incesto. Em que há incesto

FREIRE, 1954

**Incestuoso:** adj. Que cometeu incesto. 2 relativo a incesto. 3 em que há incesto; que tem o caráter de incesto. 4 que provém de união incestuosa.

AULETE, 1978

**Incestuoso** (adj) que cometeu incesto, relativo ao incesto. Em que há incesto, que tem o caráter de incesto. Amor incestuoso. Filhos incestuoso – os que provem de união incestuosa: entendemos por incestuosos 1 os filhos de parentes por consangüinidade ou afinidade em qualquer grau de linha reta; 2 os filhos de parentes por consangüinidade até o segundo grau inclusive de linha transversal. Pessoa incestuosa.

FERREIRA, 1980

**Incestuoso:** referente a incesto. Que pratica incesto. Que provem de união incestuosa. Indivíduo incestuoso.

FERREIRA, 1986

**Incestuoso:** referente a incesto. 2 Que praticou incesto. Que provém de união incestuosa. Indivíduo incestuoso.

FERREIRA, 1999

**Incestuoso:** referente a incesto. que praticou incesto. Que provém de união incestuosa. Indivíduo incestuoso.

BARSA PLANETA, 2001

**Incestuoso:** em que há incesto, que cometeu incesto, relativo a incesto, que nasce do incesto.

HOUAISS, 2009

**Incestuoso:** relativo ao que envolve incesto 2. oriundo, descendente de incesto. 3 incesto 4 que ou aquele que pratica ou praticou incesto. Impudico, imoral, desonesto.

FERREIRA, 2010

**Incestuoso:** referente a incesto. 2 que praticou incesto. 3 que provém de união incestuosa. 4 indivíduo incestuoso.

Em Aulete (1978), aparece o primeiro discurso que diz o incesto como uma relação baseada em sentimento “amor incestuoso”. Entre tantos discursos remetendo a prática a algo ofensivo, surge o sentido do incesto como um tipo de amor, como um adjetivo para esse sentimento. Está aqui o deslocamento mais forte nos sentidos encontrados nessa breve análise. A materialização da explosão de novos sentidos até então silenciados na tentativa de controlar o sujeito.

Em Houaiss (2009), há a evidência do peso carregado pelo sujeito que quebra o tabu, pelo sujeito que se constrói por meio do incesto. O incestuoso é classificado como imoral e desonesto, significando apenas dentro daquilo que lhe é atribuído.

Fica clara a estabilização de sentidos do incesto como algo que desafia a legislação, o discurso religioso e a moral. Quando o indivíduo se torna sujeito através do incesto ele se significa como alguém que rompe com todos esses discursos, alguém “pecador e imoral”. Mas é necessário esclarecer que há sempre a possibilidade de se construir um sentido outro, devido a falha e o equívoco da língua. E é nesse ponto que o discurso amoroso atravessa todos os outros e se materializa. Isso se deve também ao fato de ser através da repetição do mesmo que nasce a possibilidade do novo. É em relação a esses novos sentidos que as *fanfics* incestuosas são escritas.

## 5 UMA QUESTÃO DISCURSIVA

Consumimos as mesmas histórias contadas diversas vezes, com pequenas variações. “Para haver criatividade é preciso um trabalho que ponha em conflito o já produzido e o que vai-se instituir. Passagem do irrealizado ao possível, do não-sentido ao sentido”, explica Orlandi (2013, p. 38). A criação, a criatividade implica na ruptura na produção da linguagem.

Orlandi (2012) explica que o não-sentido é aquilo que ainda não faz sentido, todavia poderá vir a fazer. Enquanto o sem-sentido resulta de processos pelos quais as coisas perdem o sentido, ou, simplesmente, não fazem sentido.

As *fanfics* são atravessadas e constituídas por discursos, que atualizam ou apagam a memória. Para compreender essa função das narrativas é necessário recorrer a alguns conceitos da AD.

Interdiscurso, conforme Orlandi (2013, p. 31), é “o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retoma sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Já a memória discursiva, a consideraremos como o conjunto de saberes discursivos sobre determinado assunto, um recorte no interdiscurso.

Enquanto o interdiscurso é o eixo dos dizeres já ditos, o intradiscurso é o eixo da formulação, aquilo que estamos dizendo no momento dado, em condições dadas, explica Orlandi (2013). “Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e da atualidade (formulação). E é esse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2013, p.33).

O sentido é o gesto de interpretação que realiza a relação do sujeito com a língua e com a história. Esta é a marca da subjetivação, da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem discurso, completa Orlandi (2013). O discurso é o já-dito que interpela e produz os sujeitos produtores de seus discursos literários, explica ainda Orlandi (2012).

Para que ocorra efeito de sentidos é necessário que tenhamos a ilusão de ser a origem do que dizemos, para isso é necessário o esquecimento número um, o esquecimento ideológico. Os sentidos, de acordo com Orlandi (2013), não significam pela nossa vontade, mas sim pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história. O esquecimento número dois é da ordem da enunciação, criando uma ilusão referencial, “que nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos

que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras” (ORLANDI, 2013, p. 35).

O termo esquecimento, para Pêcheux (2014), “não está designando aqui a perda de alguma coisa que se tenha um dia sabido, como quando se fala de ‘perda de memória’, mas o acobertamento da causa do sujeito no próprio interior de seu afeito”.

Orlandi (2013, p. 43) explica que as palavras derivam os sentidos das formações discursivas nas quais estão inseridas, ou seja, as palavras tiram “seu sentido dessas posições, isto é, em relação as formações ideológicas nas quais essas posições de inscrevem”. Os sentidos sempre são determinados ideologicamente.

Althusser (1985) esclarece que a ideologia promove nos indivíduos atração pelo posicionamento discursivo, constituindo-os. É assim, por meio da ideologia, que os sujeitos se reconhecem como pertencentes a uma organização e é esta construção ideológica que determina como a sociedade vai agir, baseando-se no entendimento de que tudo é assim porque sempre foi. A ideologia não pré-existe, ela é materializada pelas práticas do sujeito (PÊCHEUX, 2014).

As formações ideológicas comportam várias formações discursivas (FDs) interligadas. Essas formações, conforme Orlandi (2012), determinam o que pode ou não ser dito a partir de uma posição. Diversas FDs se organizam em função de uma dominante dentro de um texto, “o analista tem que compreender como ele produz sentidos, o que implica em saber tanto como ele pode ser lido, quando como os sentidos estão nele”, afirma Orlandi (2013, p. 72).

O analista coloca sempre o dito em relação ao não dito, o que é dito de uma forma com o que é dito de outra, procurando ouvir o que o sujeito diz e também o que não diz, mas constitui também sentidos, aponta Orlandi (2013). Analisar *fanfics* consiste em se pôr na escuta das circulações cotidianas.

Conforme Orlandi (2013, p. 15), “Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

## 5.1 AS PLATAFORMAS

Os textos são constituídos por gestos de interpretação, ou seja, atos no domínio simbólico. Conforme Orlandi (2013, p. 30), “as circunstâncias que mostram os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que

eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos”. Para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção é necessário relacioná-la à sua exterioridade, e é justamente por isso que se faz necessário entender como esses três sites funcionam.

### 5.1.1 *Nyah! Fanfiction*

O “*Nyah! Fanfiction*”, foi criado em novembro de 2005 com o intuito de ser um espaço para reunir pessoas que gostam dos mesmos animes e livros. Atualmente o site conta com mais de 160.000 histórias e 300.000 usuários cadastrados, com uma média de 297 novas histórias e 390 novos membros cadastrados por dia (números de 2013). Todo o site é gratuito, ou seja, não é necessário pagar para postar ou ler as histórias. Em sua página inicial nos deparamos com a seguinte descrição do site:

As histórias postadas no site são criações originais ou ficções criadas por fãs – fanfiction – de animes, seriados, filmes, livros e muito mais. Este site foi criado com o intuito de divulgar as séries originais, reunir fãs e proporcionar momentos de lazer através da leitura, assim como incentivar as pessoas a trabalharem seu lado criativo escrevendo suas próprias histórias. (NYAH! FANFICTION, 2017)

Em uma outra seção do site, intitulada “Um pouco mais sobre o *Nyah! Fannfiction*”, temos acesso ao dados numéricos já citados acima e a justificativa para a existência das *fanfics*.

Fanfiction é a forma mais fantástica de manter uma história viva. Ficamos tristes ao ver que nosso anime, série ou livro favorito chegou ao fim, mas através das fanfictions a história nunca acaba, nossos personagens favoritos estão sempre envolvidos em novas aventuras escritas pelos próprios fãs. Personagens secundários tornam-se o astro da história, casais que não existiam na história original passam a existir e o final é apenas um novo começo. (NYAH! FANFICTION, 2017)

O indivíduo que desejar fazer parte do site deve criar um perfil no qual pode publicar suas próprias histórias ou apenas salvar aquelas que deseja ler. O mesmo perfil é utilizado para comentar nas *fanfics*, sendo assim, é a ferramenta de interação dos membros. É muito comum que os autores deixem pequenas notas antes do início de cada novo capítulo. Muitos agradecem aos leitores e aos comentários deixados no capítulo anterior, aproveitando para sanar dúvidas ou oferecer explicações para questões que podem ter surgido nos comentários. Esse espaço também pode ser utilizado de uma forma mais informal, relatando o

seu cotidiano, circunstâncias que ajudam ou que atrapalham na criação da narrativa, ou até mesmo acontecimentos pessoais que desejam dividir com seus leitores.

O site trabalha também com regras de envio, sendo a principal a necessidade de verificar a ortografia antes de postar a história. Caso o usuário precise de ajuda com a revisão o próprio site disponibiliza a “Liga dos betas”, sessão sobre a qual falaremos mais adiante. A segunda regra do portal esclarece que só são permitidos textos em prosa de caráter ficcional ou poesias, sempre da autoria do usuário. Plágio é expressamente proibido. Você pode se apossar do mundo e dos personagens criados por outras pessoas e já consagrados, mas nunca de texto de outro autor.

Há também uma orientação de como categorizar sua produção dentro das diversas categorias disponíveis no *Nyah!*. O site também ressalta a importância da classificação etária dos textos e os avisos sobre violência e conteúdo sexual. Existe a liberdade para se falar sobre qualquer tema, mas sempre tomando o devido cuidado com o público infanto-juvenil e com os prováveis gatilhos emocionais. Essa preocupação é evidenciada novamente nas regras de condutas, que basicamente proíbem a agressão aos escritores através dos comentários. De acordo com o *Nyah!* os autores esperam críticas construtivas, não agressivas.

Além do exercício de leitura e escrita natural da produção das narrativas, o site oferece ainda uma seção de português com aulas didáticas. Intitulada “Aulas de português” a seção se apresenta como “Feitas especialmente para você, amante do mundo das *fanfics*, que não se sente atraído pela gramática e tem dúvidas em redação. A língua pode ser muito bonita e fácil de lidar, e aqui vamos te mostrar como.” (NYAH! FANFICTION, 2017).

Há ainda a seção “Liga dos betas” que oferece *betas readers* para revisarem o texto – ortografia, gramática, construção de personagens e desenvolvimento da trama – antes de ser publicado. Os *betas* são membros que possuem maior domínio da produção de narrativas, geralmente alunos de Letras ou Literatura. Esses colaboradores se apresentam da seguinte forma

Somos participantes do site Nyah Fanfiction!, escritores e leitores, que no intuito de atender a demanda por revisão textual no referido site, decidimos compor este grupo, que esta ligado à moderação e à seção “Português” (NYAH! FANFICTION, 2017)

Um *beta reader* é aquele que avalia o trabalho do autor antes de ser publicado, geralmente tem acesso à história inteira de uma vez. Os betas do *Nyah! Fanfiction* possuem como missão desenvolver a expressão escrita de autores iniciantes por meio de uma leitura

crítica. Eles não alteram o texto, mas sim apontam onde estão os erros e como podem ser solucionados, além de indicar clichês ou arcos pouco desenvolvidos. O que se parece muito com o trabalho de um *critique parther* (parceiro crítico), cuja função é acompanhar todo o processo de composição de uma história, discutindo todos os pormenores do texto. O *Nyah!* não acredita em um limite claro entre as duas funções e admite que o trabalho realizado pelos *betas* engloba ambas as designações.

Para ser um *beta* é necessário atender a alguns pré-requisitos, como por exemplo: ter compromisso com o trabalho, disciplina, vontade de ajudar os autores (não é um trabalho remunerado), paciência, respeito e humildade, criatividade e comunicação, além, é claro, do domínio mínimo da língua portuguesa e senso crítico. Visando isto, há um processo seletivo para a entrada de novos *betas*.

O *Nyah! Fanfiction* é, entre os três portais analisados, o mais atendo ao público. O site preza pela comunicação entre os usuários e a equipe que mantém o site funcionando, além de ofertar um amplo aparato que visa auxiliar a caminhada desses jovens escritores e leitores no universo das *fanfics*.

### 5.1.2 *Spirit Fanfics e Histórias*

O *Spirit Fanfics e Histórias* se define como “Uma plataforma para autopublicação de livros. Solte sua imaginação, escreva suas histórias, tenha sua própria página personalizada, compartilhe ideias, faça amizades” (SPIRIT FANFICS E HISTÓRIAS, 2017). O site ressalta em sua descrição sua proximidade com as redes sociais, demarcando seu espaço nos *fandons*.

Com uma interface mais moderna e dinâmica, o *Spirit* preza pela boa navegação e um ambiente ideal para se relacionar e divertir. A página inicial oferece as opções de “Cadastre-se já é grátis!” ou “Faça seu login”, seguidos das categorias mais populares de *fanfics*. Assim como o *Nyah!*, todo o site é gratuito.

Com uma média diária de 1.500 novas histórias, 8.500 novos capítulos e 2.400 novos cadastros de usuários (dados de março de 2017), o *Spirit* alcança uma média de 20:58 minutos de permanência de cada usuário por dia.

Na aba “Sobre” o *Spirit* explica que é uma plataforma para autopublicação seja no formato de *fanfics* ou de histórias originais. Segundo o site, a facilidade de publicar sem uma editora consiste na possibilidade de não ter terminado a história ainda, aproveitando as repostas dos leitores para melhorar a história. Podendo começar assim sua carreira de escritor.

O *Spirit* defende que as *fanfics* são um fenômeno sociocultural que estimula o desenvolvimento e amadurecimento da expressão escrita e da leitura através da produção de narrativas baseadas em produtos culturais, definindo-as como

Fanfics, ou seu termo em inglês fanfictions, são histórias criadas por fãs baseadas em animes, bandas, celebridades, séries, mangás, games, músicos, livros, filmes, histórias em quadrinhos e outros diversos assuntos. Os personagens e ambientes das obras servem de inspiração para a criação dos enredos das ficções, porém, essas são desenvolvidas segundo as ideias do autor, podendo criar relacionamentos e realidades paralelas completamente diferentes das vistas nas histórias originais. (SPIRIT FANFICS E HISTÓRIAS, 2017)

O site afirma a relevância das *fanfics* sobre o crescimento da publicação de trabalhos acadêmicos tendo essas narrativas como tema. E orgulha-se em saber que incentivam os leitores a gostarem de ler e escrever por meio do site, jovens que nunca antes tinham tido vontade com os conteúdos publicados pelas editoras.

Para manter a ordem nesse espaço de produção e de conhecimento, os administradores estão sempre zelando pela aplicação dos termos e regras de um envio nos conteúdos adicionados, visando que o ambiente seja condizente com as regras criadas e mantendo o bom funcionamento da plataforma. (SPIRIT FANFICS E HISTÓRIAS, 2017).

Nas “Regras de Postagem” o *Spirit*, assim como o *Nyah!*, ressalta que o conteúdo é de inteira responsabilidade do usuário que o adiciona. É expressamente proibido adicionar qualquer tipo de produção literária que não seja de sua autoria, com pena de ser banido do site. Também não são aceitas “*fanfics* que façam apologias, incentivem os leitores, glorifiquem, defendam e demonstrem de forma positiva” (SPIRIT FANFICS E HISTÓRIAS, 2017).

São proibidas histórias que romantizem o abuso de crianças ou adolescentes, o estupro em qualquer de seus agravantes, assim como o suicídio, a automutilação e o auto-abuso. Histórias que estimulem violência ou discriminação devido a “raça, etnia, religião, incapacidade, gênero, idade, ou orientação sexual” também são extremamente proibidas. O incentivo a qualquer prática criminosa ou uso de drogas nas narrativas é também proibido. *Fanfics* que fizerem tais apologias serão excluídas e o usuário será notificado ou até banido, dependendo da gravidade ou da reincidência.

Sobre o formato das histórias, no tópico “Sobre Categorias, Gêneros e Avisos”, o *Spirit* alerta sobre a importância da *fanfic* ser postada apenas na categoria à qual pertença, por exemplo: “Original”, se o universo, o enredo, as personagens e demais elementos sejam

criados totalmente pelo autor; “crossover” se mistura mais de um gênero e obra; “Romance e novela” se possuem mais de um capítulo. Todas as histórias que façam alusão à homossexualidade devem, obrigatoriamente, possuir o gênero *Slash*. Já sobre a classificação etária o site pede que histórias que possuem nudez e cenas de sexo explícito, independente da orientação sexual, sejam obrigatoriamente para maiores de 18 anos. Já as que possuem nudez parcial e insinuação de sexo para maiores de 16 anos.

Infrações recorrentes a todo e qualquer termo e regras do Spirit podem resultar em banimento ao usuário. Caso qualquer um destes termos e regras sejam ignoradas ou quebradas pelos usuários, a administração tem total direito de editar/remover o conteúdo em questão, sem que seja dada explicação sobre o fato. (SPIRIT FANFICS E HISTÓRIAS, 2017)

Assim como o *Nyah! Fafiction*, o *Spirit* também oferece aulas de português para ajudar os membros no processo de escrita e domínio da língua portuguesa, assim como os *Beta Reader*. Toda a equipe do site é composta inteiramente por pessoas voluntárias.

### 5.1.3 Wattpad

*Wattpad* é uma plataforma de origem canadense para ler e compartilhar gratuitamente histórias. “Através dele, rompemos as fronteiras entre o autor e seus leitores, proporcionando um relacionamento íntimo entre ambas as partes” (WATTPAD, 2017). Entre os três sites escolhidos, esse é o mais popular e mais voltado para a produção original, entretanto, possui a categoria “*Fanfic*”, possibilitando a publicação de narrativas de fãs.

A plataforma existe em mais de cinquenta línguas e comporta mais de 400 milhões de histórias e uma audiência mensal de 60 milhões de usuários, que gasta cerca de 15 milhões de minutos por mês na plataforma. Com números gigantescos o *Wattpad* concentra 90% de suas atividades no aplicativo para celular e é reconhecido como o líder em narrativas sociais.

Apesar do tamanho monstruoso, o *Wattpad* não oferece um bom aparato para os autores, assim como fica em aberto grande parte da política do site. Para publicar é preciso se cadastrar no site de forma gratuita e preencher uma ficha com sinopse, categorias, rótulos (*tags*), marcar o conteúdo adulto (o site oferece a lista do que se enquadra em conteúdo adulto, como sexo, violência e linguagem chula) e assinalar que todos os direitos são reservados. Além dessa ficha, não há outro direcionamento para quem deseja publicar.

Conteúdo agressivo ou preconceituoso é proibido e a narrativa corre o risco de sair do ar, esse controle é feito majoritariamente pelos próprios usuários.

O *Wattpad* apresenta a possibilidade de comentar ao longo do capítulo, ou seja, a cada parágrafo, o que amplia a interação do leitor com o autor. Além disso, o site oferece a possibilidade e anexar imagens, vídeos e *gifs* ao longo das narrativas.

O número de comentários e o “voto”, uma maneira de “favoritar” a história, são responsáveis pelo “*ranking*” de cada categoria, ou seja, as narrativas mais populares são classificadas e aparecem posicionadas dentro da categorias.

## 5.2 AS NARRATIVAS

Foram selecionadas cinco *fanfics*, duas no *Spirit Fanfics e Histórias*, duas no *Wattpad* e uma no *Nyah!Fanfiction*. Compreendendo que a aceitação dessas narrativas se dá pelo números de leitores e a interação dos mesmos, baseamos nossa coleta nesses dados. O processo ocorreu de forma bem parecida em ambos portais. Vale destacar que, conforme Orlandi (2013, p. 63) “Decidir o que faz parte do corpus já é decidir acerca de propriedades discursivas”.

Utilizamos o mecanismo de busca de *tags* no *Spirit Fanfics e Histórias* com a palavra “Incesto” e encontramos 146 *tags*, entre elas “Incesto”, com 3.989 histórias, seguida de “Incesto Jungkaok”, 12 histórias, e “Incesto entre irmãos”, 10 histórias. Percebendo que toda *fanfic* recebe diversas *tags*, que na maioria das vezes afunila os temas, ou seja, praticamente todas as *tags* de incestos específicos são usada em conjunto com a mais ampla, optamos por utilizar a *tag* “Incesto”.

O próximo passo foi ordenar as 3.989 histórias pelas “mais populares”. O site utiliza do número de visualizações, a quantidade de usuários que marcaram como “favorita” a *fanfic* e o número de comentários para estabelecer essa ordem. Sendo assim, o intuito era selecionar as mais populares levando em consideração as condições de produção dessas narrativas. A aprovação das *fanfics*, medida por meio da interação dos leitores, é fundamental para a existência dessas narrativas.

### 5.2.1 “Sweet brother, bad daddy”

A primeira narrativa explicava na nota da autora que não se tratava de incesto real, ou seja, só havia a insinuação de uma relação incestuosa, então optamos pela segunda história:

“Sweet brother, bad daddy”. A *fanfic*, que ainda não foi concluída, contava até o dia do acesso com 34 capítulos, 467.030 visualizações, 6.488 favoritos e 2.986 comentários, números consideráveis para o site. Além disso, a narrativa consta na lista de leitura de 703 usuários, mais de 72 mil palavras e ocorre em torno do Bangtan Sonyeondan, mais conhecido como BTS, um grupo masculino de pop sul-coreano (k-pop) formado por sete meninos; Kim Namjoon, Kim SeokJin, Min Yoongi (Suga), Jung Hoseok (J-Hope), Park Jimin, Kim Taehyung(V) e Jeon Jungkook.

Com integrantes de idades que variam entre 25 e 20 anos, o BTS é conhecido por compor e produzir suas próprias canções. Através delas eles abordam temas polêmicos como as falhas do sistema educacional coreano, saúde mental, bullying e os padrões inatingíveis impostos aos jovens da geração atual.

Seus fãs, chamados ARMY, têm forte presença online e usam o Twitter para interagir com o grupo. A relação do septeto com os fãs nas mídias sociais é tão forte que, em maio de 2017, rendeu a eles o prêmio Top Social Artist no Billboard Music Awards. Concedido graças ao resultado da votação esmagadora que rendeu ao BTS mais de 400 milhões de votos.

A *fanfic* narra a história de um casal de irmãos que se envolvem após a caçula, S/N<sup>15</sup> (15 anos) criar um perfil falso em site de relacionamentos envoltos em dinheiro, mais conhecidos como *Sugar Daddy Sugar Baby*. S/N e Jean Jungkook (21 anos) começam a conversar através do site e terminam descobrindo quem realmente são durante um encontro presencial. A relação amorosa inicia-se em conjunto com a relação de S/N com o seu melhor amigo. A protagonista se vê então dividida entre dois amores. S/N acaba decidindo ficar com o irmão.

O relacionamento amoroso dos irmãos é descoberto por uma inimiga dos protagonistas que espalha um vídeo do casal transando para todos os conhecidos. O último capítulo publicado narra a reação dos pais dos protagonistas ao descobrir o incesto, que em meio à fúria os expulsam de casa.

Logo nessa primeira coleta percebemos que o universo das *fanfics* está tomado por narrativas que giram em torno de personalidades famosas e não mais apenas produtos culturais como livros, filmes e séries. Optamos por não trabalhar com duas narrativas do mesmo *fandom* para ampliar e diversificar o número de pessoas atingidas pelas histórias, e

---

<sup>15</sup>“ Seu nome”, técnica utilizada nas *fanfics* para aproximar ainda mais o leitor da personagem em questão. Essas narrativas são conhecidas no *fandom* como interativas.

consequentemente averiguar se os discursos mudariam de acordo com o *fandom* ao qual pertencem.

Esse resumo é para melhor contextualizar os personagens e os enredos, visando clarear o entendimento sobre as relações incestuosas. Não estamos interessados no texto em si, como objeto final, mas na “unidade” que lhe permite acessar o discurso.

### 5.2.2 “Give me love”

A próxima *fanfic* selecionada é classificada como “Original”, ou seja, não possui ancoragem em nenhum universo consagrado ou pessoa midiática. Com o número de escritores que alcançaram sucesso através de suas *fanfics* e chegaram ao mercado editorial crescendo cada vez mais, o número de autores de *fanfics* que se aventuram pelas “originais” também tem aumentado consideravelmente, o que garante a essas narrativas autênticas boas posições entre as mais populares.

“Give me love” conta com 283.363 visualizações, 3.405 favoritos, 841 comentários e está presente na lista de leitura de 230 usuários. Em suas 38 mil palavras, divididas em 23 capítulos, a *fanfic* narra o envolvimento entre os irmãos Chloe (16 anos) e Brad (18 anos).

Chloe retorna do intercambio que durou um ano durante uma viagem de seus pais. A convivência força os irmãos a resolverem o clima de tensão deixado pela relação sexual que tiveram na véspera da viagem de Chloe. A relação dos dois é apoiada e vista com naturalidade pelo melhor amigo de ambos, James.

Brad sai de casa para cursar faculdade e posteriormente Chloe vai morar com ele. Longe dos pais, mantêm a relação amorosa acobertada por namoros falsos. A narrativa termina com a adoção de uma criança pelo casal. Não é confirmado se os pais chegam a descobrir a união incestuosa, mas insinua-se que sim, justificando o afastamento deles perante aos filhos.

### 5.2.3 “Amor de irmãos”

O processo no *Wattpad* se deu de forma bem semelhante. A palavra “incesto” foi digitada no mecanismo de busca do site e resultou em mais de 7.400 *fanfics*, selecionamos então as mais populares. A primeira, “Amor de irmãos (incesto)”, conta com 310 mil

visualizações e 15.400 votos, alcançando a posição #711 no ranking “Romance”. Com 41 capítulos, a obra original ainda não está concluída.

Adam (24 anos), o irmão mais velho, percebe seu desejo sobre a irmã caçula, Violetta (15 anos), e tentando derrotar esse sentimento se muda para o Rio de Janeiro. A distância acaba diminuindo as visitas aos poucos, até que os irmãos fiquem alguns anos sem se verem. Os dois se reencontram para a festa de 15 anos de Violetta, quando o jovem acaba se declarando para a irmã que corresponde. Adam, arrependido, volta para o Rio na tentativa de ignorar a irmã.

Após dois anos eles voltam a se encontrar. Adam está de casamento marcado e Violetta namora. Ambos reconhecem o tamanho do sentimento que nutrem um pelo outro e se entregam. Enquanto o casal incestuoso faz planos para viver esse amor, o último capítulo publicado confirma uma suspeita que já rondava os capítulos anteriores: Violetta é filha de uma das amantes de seu suposto pai, que foi enganado pela mesma acerca da paternidade do bebê recém-nascido. A esposa descobriu a traição na mesma época em que perdeu o bebê que gerava, concordando em assumir aquele outro bebê como seu. Adam enfarta ao descobrir a verdade.

#### 5.2.4 “You can never say never”

A outra história selecionada chama-se “You Can Never Say Never” e tem como protagonistas Harry Edward Stules e Louis William Tomlinson, ambos são cantores, compositores e atores ingleses que ganharam fama mundialmente como membros da banda de Pop Rock britânica “One Direction”, uma boyband Pop fundada em Londres em 2010. Sendo assim, a *fanfic* é fruto do *fandom* da “One Direction”.

Na narrativa Louis (33 anos) é pai de Harry (16 anos). Louis cria o filho com a ajuda de uma governanta desde que a mãe de Harry morreu logo após o parto, fato esse que faz Harry se culpar pela morte da mãe para justificar o afastamento e o abandono por parte do pai.

Harry envolve-se com um amigo e começa a descobrir sua homossexualidade ao mesmo tempo em que o pai tenta uma reaproximação. Logo Harry se vê atraído pelo pai. Louis se manteve afastado do filho durante todos esses anos para frear o desejo que mantinha em segredo. Louis via a esposa falecida em cada traço ou mania do filho, o que logo o levou a se apaixonar.

Ao declarar seus sentimentos, Louis descobre que é correspondido e engata um relacionamento com o filho. A *fanfic* ainda não foi concluída e já conta com 149 mil visualizações e 6.300 mil votos.

### 5.2.5 “Incesto”

O mesmo caminho foi feito no *Nyah!Fanfiction* e a busca resultou em mais de 3.500 mil *fanfics* que tinham como tema o incesto. Seguindo o mesmo padrão de optar pelas mais populares chegamos a uma *fanfic* original: “Incesto”. A narrativa é classificada como romance, possui 25 capítulos (não foi terminada) e já foi marcada como favorita por 69 pessoas, além de receber dez recomendações e 269 comentários. Números significativos para o site, de fato uma história bem recebida no *fandom*.

“Incesto” narra a história de dois irmãos que depois de seis anos sem se veem passam as férias juntos. Pamela (16 anos) é obrigada pelo pai a visitar o irmão, Vicente (26 anos), no Rio de Janeiro. A atração é imediata após o reencontro e vai se intensificando no decorrer dos capítulos até a consumação. A narrativa é interrompida quando o pai descobre a relação incestuosa e decide separar os irmãos.

Após toda a coleta e análise dessa narrativa, a mesma foi excluída pela autora (Anexo A). Na época o site passava por uma reestruturação e aprimoramentos das normas, que proíbem que qualquer história faça apologia ou influencie a prática de qualquer crime ou ação que vá contra a moral, sob pena da exclusão da *fanfic* e banimento do autor. Com isso, acreditamos que a autora tenha excluído a narrativa por está infringindo as novas regras do site e sob medo de ser punida. Deparamo-nos então com o acontecimento discursivo da censura, com o silenciamento.

As relações de poder produzem sempre a censura. É necessário observar o que está sendo dito e o que não pode ser dito, afirma Orlandi (2013). “O silêncio trabalha politicamente, significando o que não pode ser dito” (ORLANDI, 2012, p. 20).

O silêncio pode ser distinguido em duas formas básicas, conforme Orlandi (2007, p. 24): o silêncio fundador, ou seja, aquele que significa o não dito; e a política do silêncio, que se subdivide em silêncio constitutivo (dizer X para evitar dizer) e silêncio local (aquilo que é proibido dizer). Ainda conforme a autora, “em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência)” (ORLANDI, 2007, p. 29). Sendo assim, o silêncio é fundante e nessa perspectiva, o silêncio significa.

Orlandi (2007, p. 42) explica que há silêncios múltiplos, entre eles o silêncio das emoções, o da revolta, o da resistência, o da derrota da vontade. Para compreender esses silêncios é preciso considerar a historicidade do texto e os processos de construção dos efeitos de sentidos. “Compreender o silêncio não é, pois, atribuir-lhe um sentido metafórico em sua relação com o dizer (“traduzir” o silêncio em palavras), mas conhecer os processos de significação que ele põe em jogo. Conhecer os seus modos de significar”, explica Orlandi (2007, p. 50).

Foucault (2014) acredita que em toda sociedade a produção de sentido é controlada por procedimentos que também conjuram os poderes e perigos dos acontecimentos. O autor conclui que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2014, p. 9).

As demais *fanfics* tratam o incesto com um discurso outro que não o silêncio imposto pelo tabu.

Com as cinco narrativas selecionadas, demos início ao tratamento do arquivo. De cada *fanfic* extraímos sequências discursivas (SDs) que materializariam enunciados dos discursos analisados. As SDs foram organizadas em torno de subtemáticas, nas quais estabelecemos pontos de observação linguística. A análise se fez a partir de pontos de ataque<sup>16</sup>, devidamente assinalados na SD.

### 5.3 REGIMES DISCURSIVOS DE INTERDIÇÃO

Entendemos “moral” como o conjunto de regras adquiridas através da cultura e que orientam o comportamento de uma sociedade<sup>17</sup>. Essas regras regulam o modo de agir das pessoas e distinguem o bem do mal, estabelecendo relação com os bons costumes. Sendo assim, tudo o que vai contra a moral é considerado errado, o que leva ao nosso primeiro ponto de ataque e pode ser observado nas SDs a seguir:

**E01:** Incesto ainda é visto como algo doentio e **errado**. (SWEETBE, 2016)

**E02:** Como era sujo, doentio e **imoral** pensar na menina dessa forma. (SWEETBE, 2016)

<sup>16</sup> O ponto de uma textualidade linguística que tomamos como espaço de observação.

<sup>17</sup> “Moral: Sistema de normas que engloba os costumes, comportamentos, crenças do ser humano em suas relações pessoais e interpessoais: ética, honestidade, respeito, postura” (SCOTTINI, Alfredo. Dicionário escolar de língua portuguesa. Jaraguá do Sul: Avenida Graf. e Ed., 2012)

- E03:** Eles haviam cometido um **erro**, ele sabia disso e tinha certeza que sua irmã também. (ELLEBLOOM, 2017)
- E04:** - Toda forma de amor é válida, Kim Namjoon. [...] – **Mas não de irmãos!** (LIVIMIN, 2017)
- E05:** Sua sem juízo, ele é seu irmão, caralho. É **errado, proibido, IMORAL.** (LIVIMIN, 2017)
- E06:** Já não ligo mais se é **errado**, e ela também não. (LIVIMIN, 2017)
- E07:** Jeon e eu jamais teremos um relacionamento sério. É **errado** e nossos pais não permitiriam. (LIVIMIN, 2017)
- E08:** É uma desgraça se apaixonar pelo melhor amigo e pelo irmão, **um amor proibido** e outro complicado. (LIVIMIN, 2017)
- E09:** E foram nessas visitas repentinas que a saudade começou a bater forte, e junto um **sentimento indesejável.** (MINORIROSE, 2017)
- E10:** Naquela manhã ele avaliou a sua vida, e que bela vida; uma vida de **repressão, e desejos inconcebíveis.** (MINORIROSE, 2017)
- E11:** Disse a si mesma que se ele tentasse algo novamente não fugiria. Diria a ele como se sentia indiferente aos seus **laços morais** e sanguíneos. (MINORIROSE, 2017)
- E12:** Aquela conversa os fazia<sup>18</sup> sofrer, ele estava **se libertando** aos poucos de si e da **moral** que o consumiu durante todos aqueles anos. (MINORIROSE, 2017)
- E13:** Realmente, tudo era muito cômico. Principalmente o jeito que eles ignoravam as coisas, **os princípios, a moral.** (MINORIROSE, 2017)
- E14:** Sexo, fraqueza, arrepios e **pensamentos proibidos.** Incesto. (TATS, 2017)
- E15:** Por que eu simplesmente não o beijo de uma vez?! **Porque ele é seu pai?!** (TATS, 2017)

Vale lembrar aqui que toda sequência de enunciados, de acordo com Pêcheux (2015, p. 53), “é pois linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação”.

### 5.3.1 O discurso moral

Primeiro vamos observar os enunciados que remetem ao erro. Logo na apresentação de uma das *fanfics* o E01 marcado pelo advérbio de tempo “ainda” precedendo a informação de que o incesto é algo errado, destacando a aproximação do momento no qual o relacionamento entre consanguíneos não será mais visto como algo errado. Entretanto, nos enunciados E03, E05 e E06 percebemos a polissemia do discurso que considera o incesto como algo errado.

Assim como os anteriores, o E07 reafirma a condenação do incesto, destacando ainda a impossibilidade de um dia vir a ser aceito, diferentemente do E01. Nos enunciados E04 e E15, o parentesco aparece como justificativa para o incesto não ser aceito, mantendo o discurso que o condena. O enunciado é sempre suscetível de tornar-se outro.

<sup>18</sup> Erros de gramática e concordância aparecem ao longo do material analisado e não são assinalados ou corrigidos por nós.

Dentro deste ponto de ataque identificamos então três FDs acerca do incesto como algo errado, sendo elas:

FD1: O incesto é errado (presente em todos os enunciados)

FD2: O incesto um dia será aceito (E01)

FD3: O incesto nunca será aceito (E07)

É importante destacar que de acordo com Orlandi (2013, p. 44), “palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes”.

Os enunciados E02, E05, E12 e E13 materializam de forma clara o discurso moral acerca do incesto. As relações entre consanguíneos vão contra o conjunto de regras que orientam o comportamento individual em nossa sociedade. Quem ainda assim decide viver ou aceitar o incesto está indo contra esses laços morais, como observamos no E11. Constatamos então a FD4: o incesto é imoral.

Um ato condenado pela moral se torna errado perante a sociedade, e conseqüentemente se torna proibido. Proíbe-se aquilo que não queremos que o outro faça por considerarmos errado. Esse discurso proibicionista fica evidente nos enunciados E05, E08, E10 e E14. Além da FD5: o incesto é proibido, o enunciado E10 também é atravessado pela FD6: incesto é passível de punição, materializado na “repressão” para adjetivar a vida do incestuoso. Toda a condenação moral do incesto torna qualquer tipo de desejo desse gênero algo não desejável e irrealizável pelo “cidadão de bem”, discurso esse que é confirmado pelos enunciados E09 e E10.

Temos então os discursos que afirmam a imoralidade, o caráter errôneo e a proibição do incesto. As narrativas que possuem como tema central o incesto inteiram a condenação moral do incesto. Percebemos a identificação pela qual os personagens se reconhecem como incestuosos, e como é organizada sua relação com aquilo que o representa.

Nos enunciados a seguir, ainda dentro do discurso moral, encontramos uma preocupação com a condenação social e não com a reflexão pessoal, o que reforça a condenação moral, a condenação do comportamento perante uma sociedade e não a ética do sujeito. “Eu temo pela sociedade e não por mim”, nossa FD7.

**E16:** Seremos expulsos de casa? **Mal vistos pela sociedade?** (LIVIMIN, 2017)

**E17:** Imagina ele ver o filho mais velho transando com a filhinha mais nova. Que **desonra** pra família, realmente **uma vergonha**<sup>19</sup>. (LIVIMIN, 2017)

<sup>19</sup> Elias (1994, p. 162) lembra que “a formação de sentimentos de vergonha e asco e os avanços no patamar da delicadeza são simultaneamente processos naturais e históricos. Essas formas de emoções são manifestações do

**E18:** - E daí? Fumar é errado e todo mundo faz do mesmo jeito. – É diferente, isso é incesto, James, você não ta entendendo no que aconteceria **se meus pais, ou qualquer outra pessoa, descobrisse**. (ELLEBLOOM, 2017)

**E19:** De acordo com a lei ele não poderia ser preso por se envolver com a irmã, mas seria com certeza morto pela **condenação social**. (MINORIOSE, 2017)

**E20:** Sentia vergonha! Mas não, não era vergonha de amá-lo, não era vergonha dele ou do que fizeram juntos. Era um tipo de **vergonha do que os outros tenham a dizer**, sobre eles. É como se a todo instante se sentisse **totalmente vigiada**; sem noções de como agir, sem jeito de como amar alguém. Era terminantemente sufocante. Era um terror. Sentia vontade, talvez necessidade de correr, no entanto, não sabia se era para os braços de Adam ou para longe dele. (MINORIOSE, 2017)

Em *O Processo Civilizador* (1994), Norbert Elias constata como a sexualidade é transferida para trás da vida social e tem como principal necessidade o recato, ou seja, sentimentos de vergonha e culpa que direcionam o indivíduo para o comportamento conforme o padrão social. A vergonha, portanto, entendida aqui como resultado de um processo histórico e de um discurso de poder. Elias analisa nesta obra o nascimento do Estado e a responsabilização moral do indivíduo numa sociedade em vias de secularização.

No E20, temos ainda o discurso de vigilância, a materialização do poder da sociedade sobre o corpo do sujeito, tão bem conceituado por Foucault em *Vigiar e Punir* através do modelo Panóptico. Mecanismos de vigilâncias são desenvolvidos com o intuito de normalizar o sujeito, interiorizando a culpa e o remorso pelos atos.

A seguir podemos observar o início do deslizamento e um dos sentidos acerca de incesto.

**E21:** **Não sou a favor** do incesto, **só gosto do estilo de estória**, ou seja, se você não se agrada com o tema abordado, o melhor que pode fazer é parar de ler, ignorar a *fanfic*, e sair. (LIVIMIN, 2017)

**E22:** -Harry, isso é **errado!** -Eu quero ficar com você. Pra mim, **é errado ficar longe de você** e é mais que certo te ter nos meus braços. (TATS, 2017)

**E23:** Brad só levava **um contra:** escrito em caneta vermelha, na bela ortografia que Chloe herdara de seu pai **“é meu irmão”**. **Apenas isso**. (ELLEBLOOM, 2017)

**E24:** **Era errado**, ambos sabiam disso, era fato; **mas** não havia qualquer outro lugar no mundo em que Chloe se sentia melhor do que nos braços de seu irmão. (ELLEBLOOM, 2017)

**E25:** Anos se passaram, mas de nada adiantou para que esse desejo, e esse **amor indecoroso** e **ao mesmo tempo puro** sáísse de seu coração. (MINORIOSE, 2017)

Embora ainda exista a condenação do incesto nos enunciados E22, E24 e E25, há também a defesa. “É errado, mas pode ser certo”, nossa FD8. No E21, a autora da *fanfic* em questão explica que não é a favor do incesto, mas gosta das narrativas, ou seja, “é errado, entretanto eu posso gostar das temáticas enquanto protegidas pelo mundo da ficção”. É errado

---

humano em condições sociais específicas e reagem, por sua vez, sobre o processo sócio-histórico como um de seus elementos”.

na sociedade, mas é aceito na literatura. O que chamamos de FD9 e materializa nossa concepção da literatura como permissiva, ou no caso as *fanfics*.

O “Apenas isso” presente no E23 suaviza, minimiza o peso de serem irmãos. É uma diminuição do caráter de errado do discurso moral. Lembrando que para falar uma coisa pode-se falar outra” (ORLANDI, 2012, p. 17). Em contrapartida temos dois enunciados que intensificam essa mesma condenação.

**E26:** Por que tinha que ser **tão errado**? (ELLEBLOOM, 2017)

**E27:** Esteja ciente de que o enredo é **altamente imoral**, e bem, eu não tenho a ofender ninguém com ele. (LIVIMIN, 2017)

Historicamente, na ficção, vemos as pessoas que quebram pequenas regras de convívio como alguém poderoso, alcançando a admiração dos demais. Como exemplo, temos o sucesso de personagens com caráter duvidoso fazendo sucesso na literatura e no cinema ao longo dos anos. O *bad boy* é aclamado, desejado. Essa política do sujeito que precisa domar os prazeres<sup>20</sup> acaba fortificando o desejo por aquilo que é proibido, como já dizia o conhecimento popular: “Tudo que é proibido é mais gostoso”. É através desse discurso que percebemos a FD10 e a sua materialização nos enunciados a seguir:

**E28:**O fato de ser **proibido**, escondido... você não acha **excitante**? (ELLEBLOOM, 2017)

**E29:**Eu nem me preocupava mais com o fato disso ser **errado**, eu sei que quanto **mais se proíbe** a mente de fazer algo, mais ela sente **excitação** pra fazer. Não adianta. (TATS, 2017)

**E30:** É que eu me sinto tão b-bem **quebrando as r-regras**... (TATS, 2017)

### 5.3.2 O discurso religioso

Adentrando no discurso religioso, um dos mais fortes na interdição do incesto, obtemos como principal ponto de ataque tudo aquilo que remeta às leis de Deus. Assim como os enunciados que remetem ao discurso moral, esses também possuem um grau de heterogeneidade que merece destaque.

**E31:** Chloe cedeu espaço para a sua língua no susto. Realmente não esperava por isso. **Céus, nem Deus esperava por isso!** (ELLEBLOOM, 2017)

**E32:** Ele não se deixava cair em **tentação**. (ELLEBLOOM, 2017)

**E33:** Brad decidiu ir pela terceira, como se escolhendo a alternativa mais cruel pudesse livrar de todos os **pecados** cometidos. (ELLEBLOOM, 2017)

<sup>20</sup> Discussão realizada por Foucault em seu estudo “História da Sexualidade”.

- E34:** - É sim Brad, é incesto, **é pecado** – a menina resmungou, afundando o seu rosto no pescoço de seu irmão. – Ora, não seja tola, **não é pecado** – ele respondeu – e desde quando você é **religiosa**? (ELLEBLOOM, 2017)
- E35:** Se for para **pecar**, vamos **pecar** por mais alguns minutos. (LIVIMIN, 2017)
- E36:** Você merece ir para o **inferno**. (LIVIMIN, 2017)
- E37:** **Jesus! Como pode?** (LIVIMIN, 2017)
- E38:** Bem, o **inferno** os espera. Até mais. (LIVIMIN, 2017)
- E39:** **Pecadora imunda!** Não tem vergonha do que fez? (LIVIMIN, 2017)
- E40:** Não mentiu, pois não sentia como se tivesse **cometendo um pecado**. (SWEETBE, 2016)
- E41:** Ela era seu **pecado**. Por ela a ida para o **inferno** valeria a pena. (SWEETBE, 2016)
- E42:** Vocês não podem se amar como homem e mulher, **é pecado** e crime. (SWEETBE, 2016)
- E43:** Abriu o caderninho **pecador** com receio. (MINORIROSE, 2017)
- E44:** Naquele tipo de momento daria o sangue para não ser uma Barizon. Sangue aquele que a **condenava a queimar nas chamas de tormenta** e amores supérfluos. (MINORIROSE, 2017)
- E45:** A **salvação e a sua ruína, a sua benção e a sua desgraça**, a sua desgraça, a solução e a causa de seus problemas. (MINORIROSE, 2017)
- E46:** Por que sim ele pensava nisso, em como **era errado aos olhos de Deus** desejava-la naquele modo. Mas ele acreditava também que o **Ser Supremo** sabia que nem ele, muito menos ela se amavam de propósito; não faziam nada a ninguém, eram boas pessoas. (MINORIROSE, 2017)
- E47:** Eu estava com raiva por estar tão excitado, por achar Louis sensual, por minha **carne ser fraca**, eu estava mais quente que a água que escorria por todo meu corpo, marcado por algumas áreas em vermelho.
- E48:** Eu seria Adão, Eva é Hannah e Harry **a maçã**. (TATS, 2017)
- E49:** É uma cruz que eu terei que carregar pra sempre **no inferno**, mas o inferno é comum pela perdição, e perdição pra mim é ter sonhos sexuais com o próprio pai. Como já estou acostumado à isso, significa que a **casa do capiroto** não vai ser desconfortável pra mim...Vai ser delicioso. (TATS, 2017)
- E50:** -Nada, é que te beijar é... Como se eu estivesse adentrando os **portais do paraíso**, mas é ao mesmo tempo tão quente como se eu estivesse **no inferno**. (TATS, 2017)

A educação está ligada à esfera do religioso. Há, conforme Orlandi (1987), um forte caráter clerical na educação do Brasil, marcada pelo caráter doutrinário e salvacionista. A autora chama atenção para o fato de vários discursos da nossa cultura serem atravessados pelo religioso.

O incesto é considerado contra as leis de Deus e conseqüentemente se torna pecado para o Cristianismo, sendo passível da maior punição possível: a ida para o inferno. Temos então a FD11: Incesto é pecado punível com o inferno. Podemos observar o reconhecimento do incesto como pecado nos enunciados E33, E34, E35, E39, E40, E42 e E43. Em contrapartida há dois enunciados que aparentemente negam que o incesto seja pecado. Sabendo que todo discurso trabalha sempre com duas FDs, afirma uma e automaticamente nega a outra, só há necessidade de negar que as relações consanguíneas sejam pecado porque o discurso legitimado é o do pecado, ou seja, embora os enunciados E34 e E41 neguem, elas atestam a FD11.

Tudo aquilo que é errado aos olhos de Deus é pecado e os enunciados E31, E37 e E46 materializam esse discurso. É necessário resistir às tentações mundanas para alcançar a vida plena. A provação do homem está na capacidade de negar os próprios desejos, quem não o faz é fraco, possui “a carne fraca”. Discurso esse que podemos observar nos enunciados E32 e E47.

Aquele que não resiste peca e todo pecador é punido, com isso, todo incestuoso irá para o inferno. Observamos a certeza da mais alta punição nos enunciados E36, E38, E41, E44, E45, E49 e E50.

Ainda como expressão da FD11, temos o enunciado E48, que traz Harry, filho e objeto de desejo de Louis, como a “maçã”, o fruto proibido<sup>21</sup>. O ato de comer a maçã simboliza a escolha de deixar os ensinamentos de Deus e seguir o próprio caminho, rendendo-se ao pecado. Ao escolher Harry, escolher o incesto, Louis escolhe abandonar o caminho de Deus e aceita viver em pecado.

Nas religiões ocidentais o sujeito religioso se marca pela submissão. “Ele reflete em si a palavra divina no sentido do espelho, da repetição. Ele não reflete sobre, nem sequer pode tomar distância” (ORLANDI, 1987, p. 15).

### 5.3.3 O discurso higiênico

O próximo ponto de ataque é o comportamento pelas marcações que remetem ao discurso do sujeito e aparecem nas narrativas junto com a percepção da atração sexual entre os membros da mesma família.

**E51:** - Puta que pariu – disse para si mesmo quando percebeu que aqueles **pensamentos sujos** eram direcionados a própria irmã. (SWEETBE, 2016)

**E52:** Agora se via cercado pelos próprios **desejos sujos** e vergonhosos. (SWEETBE, 2016)

**E53:** Mal sabia ela que **os pensamentos sujos** do irmão o dominavam naquele momento. (SWEETBE, 2016)

**E2:** Como era **sujo**, doentio e imoral pensar na menina dessa forma. (SWEETBE, 2016)

**E54:** Ela não merecia isso, mesmo que não soubesse o que ele escondia em sua **mente poluída**. (SWEETBE, 2016)

**E55:** Não sei explicar, estou sentindo como se quisesse grudar meus lábios no do meu irmão. Que **pensamento impuro!** Ele é seu irmão, garota! (LIVIMIN, 2017)

**E56:** Posso ter dado um fim na vontade que eu tinha de beijá-lo, porém, expandi meus **pensamentos sujos**. (LIVIMIN, 2017)

<sup>21</sup> Embora a maçã não seja mencionada na bíblia (no texto de Gênesis aparece “fruto”), ela se tornou o símbolo da tentação através das pinturas clássicas, que influenciadas pela mitologia, retratavam o fruto como uma maçã.

- E57:** - Você tá traindo o Yoongi com seu irmão, S/N? – me soltou e começou a se limpar com a manga de sua camisa, como se tivesse tocado **algo sujo** – **Que imundice.** (LIVIMIN, 2017)
- E58:** O **nojo** que tenho por ter um dia te amado, é gigante. (LIVIMIN, 2017)
- E39:** Pecadora **imunda!** Não tem vergonha do que fez? (LIVIMIN, 2017)
- E59:** Pode excluir o Jeon do nome dessa garota **suja.** (LIVIMIN, 2017)
- E60:** Jungkook é tão... **sujo.** (LIVIMIN, 2017)
- E61:** Passou mais alguns minutos jogada em sua cama, enacarando o teto, quanto amis pensava mais achava absurdo o fato de ter dormido com seu irmão, pela primeira vez em um ano se sentiu **suja** por isso. (ELLEBLOOM, 2017)
- E62:** Violetta dormiu rapidamente, Adam acendeu o abajur só para observá-la atentamente, tentou desfazer-se daqueles pensamentos **impuros**, impróprios eu diria, mais foi em vão. (MINORIROSE, 2017)
- E63:** Não conseguia parar de deseja-la por dentro. “Como pode ser tão **repulsivo?** Isso é **repugnante!**” Ele tentava dizer a si mesmo... mas isso não mudara o que sentia. (MINORIROSE, 2017)
- E64:** Acha mesmo que eu vou ser **nojento** a esse ponto? (MINORIROSE, 2017)
- E65:** Sua traquéia parecia fechar de tanta vontade, morria de desejo por tocá-la. Pulsou de novo. Vergonhoso. **Ser impuro.** (MINORIROSE, 2017)
- E66:** Coisas essas que prefiro guardar só pra mim, usar como antídoto do **nojo** de mim mesmo nas minhas noites de insônia. (MINORIROSE, 2017)
- E67:** Queria livrá-la do meu sadismo, egoísmo e dos atos de **impureza** que a faço cometer. (MINORIROSE, 2017)
- E68:** Não quero que se afaste de mim, que sinta **nojo** ou não sei... as pessoas não entendem... na verdade nem mesma eu entendo. (MINORIROSE, 2017)
- E67:** Parece **nojento** pensar em fazer o que eu estou fazendo em outras ocasiões, quer dizer, só a ideia de gostar do mesmo pau que fodeu a minha mãe e me fez me dá **enjoo**, mas eu não gosto do pau dele, eu gosto dele. Não é o que ele tem, é o que ele é. (TATS, 2017)
- E68:** É **repugnante** a ideia de gostar do seu próprio pai e pra mim isso é inaceitável, mas ao mesmo tempo eu amo a ideia de amar Louis, e por isso eu nunca o chamo de pai. (TATS, 2017)

Ao contrário da condenação religiosa ou moral, que se dá no nível do pensamento (seja da fé e ou dos costumes) o discurso do nojo se dá a partir de uma afecção corporal (repugnância, repulsa, asco etc.).

Todos os pensamentos e desejos de cunho sexual são taxados de sujos, remetendo ao discurso de sujeira como contrário de pureza, noção introduzida pelo homem através da cultura, conforme Bauman (2000). Essa sujeira, ainda segundo o autor, precisa ser exterminada. Discurso este que é extremamente ligado ao incesto se considerarmos as chamadas para “incesto” nos dicionários, como por exemplo, a entrada “Incestár: (do lat. Incestae) Poluir, desonrar, incestuosamente” (MORAIS SILVA, 1889) do final do século XIX e a entrada “Incestar: poluir ou desonrar com incesto. Cometer incesto” (FERREIRA, 2010) de um dos dicionários de língua portuguesa mais conceituados da atualidade. Notamos que se manteve o discurso que liga a prática do incesto ao ato de poluir, sujar, desonrar.

Elias (1994) acredita que os sentimentos de repugnância e nojo foram extremamente importantes para moldar nosso comportamento durante o processo civilizador. Pequenas mudanças nas atividades à mesa, na cama, no interior da casa e na cidade vão

alterando a longo prazo, segundo o autor, a estrutura da civilização ocidental e consequentemente mudaram também a constituição psíquica dos indivíduos.

Aprendemos com Elias (1994), então, que o sentimento de nojo (assim como a vergonha e as outras afecções) é também construído historicamente. O nojo não surge por causa do medo de adquirir doenças, mas sim como mudança em nossos impulsos, institucionalizando-se mais tarde, defende o autor.

Sob o sentimento de nojo – provavelmente cada cultura atribui o asco a determinados objetos ou ações e não outros - comportamentos passam a ser proibidos porque produzem associações desagradáveis ou são anti-higiênicas. Temos nos enunciados citados acima a maior heterogeneidade de um discurso dentro do corpus desse trabalho. Todos os enunciados retratam a repulsa ao incesto, materializando a FD12: incesto é sujo/impuro. Pelo incesto ser proibido ele é lido como sujo.

### 5.3.4 O discurso da normalidade

Relembrando o conceito cunhado por Michel Foucault acerca do sujeito anormal – monstro banalizado, o que combina o impossível com o proibido – estabelecemos o ponto de ataque normal/anormal.

**E69:** Mesmo que não pudessem e que fosse **anormal** sentirem assim com alguém tão próximo eles não conseguiam controlar. (SWEETBE, 2016)

**E70:** De pensar que, parecia ontem que Chloe ainda tinha 7 anos de idade, brigando com seu irmão por ter escondido sua boneca preferida. Agora, ela estava o despindo em sua cama. **Normal**. (ELLEBLOOM, 2017).

**E71:** - Melhor voltarmos a ser irmãos como antes – fala, dando um fim ao nosso relacionamento **anormal**. (LIVIMIN, 2017)

**E72:** Você acha isso **normal**? (LIVIMIN, 2017)

**E73:** Todas, todas as palavras ali escritas falavam de como Adam desejava afoitamente a irmã, seus movimentos, suas palavras, até os suspiros dela o faziam tremer. Isso era o motivo de obscuridade e **absurdos**. (MINORIROSE, 2017)

**E74:** Adorava os ossinhos claviculars que se mexiam junto aos ombros da menina; o que pudera ser visto realmente já tinham sido observados pelos olhos curiosos dele; curiosamente **perverso**, e curiosamente carinhosos. (MINORIROSE, 2017)

**E75:** De uma forma **perversa**. (MINORIROSE, 2017)

**E76:** A relação estranha que temos esta me fazendo olhar Jungkook de outra forma, como se o que cometemos fosse algo **normal** no mundo e estivéssemos livres para nos relacionar sem segredinhos. (LIVIMIN, 2017).

**E77:** Chloe queria aquilo, por mais que achasse **estranho** ela queria. Queria muito. (ELLEBLOOM, 2017).

Observamos nos enunciados E69, E70, E71, E72 e E77 a presença do discurso que classifica o incesto e o incestuoso como anormal, ressaltando a associação às relações consanguíneas como uma exceção as regras gerais. Como aquilo que foge da norma, norma

está tão fixada que não precisa ser nomeada. Não há nomenclatura para a relação entre não consanguíneos. Chamaremos essa FD13: incesto é anormal.

Também inseridos nessa FD temos o enunciado E73, que classifica o incesto como absurdo. Conforme o *Melhoramentos dicionário língua portuguesa* (2009), absurdo é “contrário e oposto a razão, ao bom senso”. A atribuição da palavra absurdo remete a algo inacreditável, fora do esperado, do padrão, da normalidade. Há aqui um deslizamento de sentido da palavra “absurda” quando empregada para referenciar o incesto.

O enunciado E77 traz o estranho, a estranheza direcionada ao desejo consanguíneo. Entendendo como fora do comum aquela relação entre parentes próximos.

Como parte da FD14, incesto como perversão, temos os enunciados E74 e E75. Compreendemos perversão como o desvio do indivíduo de qualquer comportamento considerado normal. Na psicanálise o termo também é frequentemente utilizado no sentido de desvios sexuais, perversão sexual. Para Freud o perverso não aceita ser submetido às normas sociais. Temos então o incestuoso como aquele que não respeita as normas em torno da sexualidade, tornando-se algo anormal.

### 5.3.5 O discurso médico

Os próximos enunciados analisados remetem ao discurso médico (doente, loucura).

**E01:** Incesto ainda é visto como algo **doentio** e errado. (SWEETBE, 2016).

**E02:** Como era sujo, **doentio** e imoral pensar na menina dessa forma. (SWEETBE, 2016).

**E78:** Como vocês notaram, a fic é de incesto, então, se você está aqui é porque gosta da coisa (é **doente** igual à mim hahaha risca o **doente**). (SWEETBE, 2016).

**E79:** Era **loucura** aquilo, não podia estar pensando daquela forma na menina. (SWEETBE, 2016).

**E80:** O que estamos fazendo? – questionou mais a si mesma do que para Brad, E, por um segundo, Chloe se achou **louca**, uma completa **pirada** por fazer tais coisas. (ELLEBLOOM, 2017)

**E81:** Talvez Chloe estivesse **louca**. Ou talvez não. Mas ela podia se fazer de **louca** e usar como desculpa para estar nua na cama de seu irmão. (ELLEBLOOM, 2017)

**E82:** Mas infelizmente é uma “**doença**” sem cura. (MINORIROSE, 2017)

**E83:** Aquilo era errado e nunca daria certo por muito tempo, era fruto de suas **mentes loucas** por um amor inaceitável. (MINORIROSE, 2017)

**E84:** Está mais pro cara que eu quero namorar. Meu pai meio que... eu não sei como explicar, mas pra resumir, **não** é uma situação muito **saudável**. (TATS, 2017)

**E85:** É claro que ele não entende. Eu posso ser um **doente mental**, mas isso não é passado na troca de cromossomos para seus filhos. (TATS, 2017).

Nota-se que a subordinação do homem ao discurso religioso dá lugar a subordinação do discurso biomédico.

É necessário destacar que essa aproximação do discurso médico do incesto vem da tentativa de classificar como patológico tudo aquilo que foge do esperado. Canguilhem (2009) difere a doença da saúde e o patológico do normal, entretanto nas *fanfics* esses conceitos se fundem. Podemos observar que o uso da terminologia “doente” se dá na tentativa de justificar seu pensamento fora da norma. Para Canguilhem, o normal é conforme a regra, o que constitui a média de uma espécie “O homem normal é o homem normativo, o ser capaz de instituir novas normas, mesmo orgânicas” (CANGUILHEM, 2009, p. 54). Compreendendo que o anormal estabelece como contrário ao normal, o autor rascunha o deslizamento do sentido de anormal para doente: “A anomalia pode transformar-se em doença, mas não é, por si mesma, doença. Não é fácil determinar em que momento a anomalia vira doença” (CANGUILHEM, 2009, p. 54).

Os enunciados E01, E02, E78, E82 e E84 materializam o discurso médico no qual o desejo consanguíneo é dito como doença por estar fora do esperado, pertencendo a FD15: incesto é doença/anomalia. No E78, presente em uma nota pessoal, a autora se denomina “doente” por gostar de incesto, corrigindo imediatamente a atribuição de doença aos incestuosos ou simpatizantes. O que pode ser entendido como a contradição presente do discurso de si. Apesar de a autora construir uma narrativa naturalizando as relações incestuosas, ela ainda está identificada com a formação discursiva que classifica esse desejo como doença. Observamos aí o efeito de autoria falhando e o discurso médico se materializando. Esse ato falho expõe o sujeito a seu próprio dizer. Sujeito e sentidos são surpreendidos, mostrando a relação com os sentidos. Aponta para o duplo, desfazendo evidência, afirma Orlandi (2012). A falha aponta a concordância de quem está escrevendo com o discurso médico que patologiza as relações incestuosas.

Orlandi (2012, p. 82) considera que quando se trata da escrita digital, “as condições de produção dessa escrita favorecem essas falhas, esses pontos de emergência do irrealizado do sujeito”.

A desrazão, incapacidade mental, marca os enunciados E79, E80, E81 e E85, sendo essa a única explicação possível para o incesto. Pensando a oposição razão loucura, Foucault (2014) argumenta que desde a Idade Média a palavra do louco é considerada nula. Hoje, conforme o autor, articulamos a palavra do louco no “distúrbio minúsculo por onde aquilo que dizemos nos escapa” (FOUCAULT, 2014, p. 12). Com isso podemos perceber que o discurso do incesto como algo de loucos não está apenas patologizando a relação consanguínea, mas também anulando e ao mesmo tempo reconhecendo-a como algo presente e fortemente interditado, mas que ainda assim escapa na falha da ideologia e vem à tona.

O discurso médico predominante na proibição do incesto, o risco de doenças genéticas e problemas hereditários na prole oriunda da união consanguínea, só é referenciado em duas *fanfics*.

**E86:** Eu vejo o meu futuro com você ao meu lado e duas crianças lindas. (LIVIMIN, 2017)

**E87:** Não podemos nos casar. **Não podemos ter filhos**, comprar uma casa para nós dois sem ter que fugir. Desculpe... (MINORIROSE, 2017)

No enunciado E87 a interdição é evidente, já no E86 o uso do termo “duas crianças” no lugar de “filhos” produz os mesmo sentidos. É possível se dizer as mesmas coisas com diferentes palavras. Em nenhum momento das narrativas há a menção de ter filhos. Todas as vezes que se faz menção a uma possível gravidez (pelo não uso da camisinha) a preocupação é pelo fato das personagens serem muito novas e a eminente dificuldade de enfrentar uma gestação na adolescência. Em momento algum o discurso dos riscos de uma gravidez fruto do incesto é solicitado. Sendo assim, o discurso mais proferido pela ciência e pela mídia autorizada quando o assunto é incesto é silenciado nas *fanfics*.

Ainda no discurso médico, os “laços sanguíneos” aparecem em cinco enunciados.

**E88:** Nossos **laços sanguíneos** não podem interferir em mais nada. (LIVIMIN, 2017)

**E89:** Imagine só ele escrevendo como se sentia “quente” ao ver as fotos da irmã nas redes sociais, como pensava nela de um modo nem um pouco adequado pelos seus **laços sanguíneos**. (MINORIROSE, 2017)

**E90:** Os dois odiavam acima de tudo o fato de serem irmãos, aquela porcaria de **laços sanguíneos**. (MINORIROSE, 2017)

**E11:** Disse a si mesma que se ele tentasse algo novamente não fugiria. Diria a ele como se sentia indiferente aos seus **laços** morais e **sanguíneos**. (MINORIROSE, 2017)

**E44:** Naquele tipo de momento daria **o sangue** para não ser uma Barizon. **Sangue aquele** que a condenava a queimar nas chamas de tormenta e amores supérfluos. (MINORIROSE, 2017)

Quatros deste pertencem a mesma *fanfic*, “Amor de irmãos”, na qual, depois de consumarem o incesto, os irmãos descobrem que eles não dividem o mesmo sangue, Chloe não é filha biológica dos pais de Adam. Esse desenrolar da trama explica a forte menção dos laços sanguíneos como grande empecilho. Embora todas as definições de incesto incluam o relacionamento entre irmãos de criação, na narrativa isso não é retratado. Enquadramos esse empecilho pela consanguinidade como a FD16.

### 5.3.6 O discurso jurídico

O ponto de ataque “crime” é a única menção a legislação encontrada nas narrativas.

**E91:** Por que aquilo que se passava em sua cabeça toda noite, nunca se tornaria realidade. Aquilo era um absurdo, **um crime**, até aos olhos dele. (MINORIROSE, 2017)

**E92:** Se o que nos infligíssemos virasse **realmente lei**, ela teria o empurrado invés de prendê-lo em seus braços delgados. (MINORIROSE, 2017)

**E19:** De acordo com a **lei** ele não poderia ser preso por se envolver com a irmã, mas seria com certeza morto pela condenação social. (MINORIROSE, 2017)

**E87:** **Não podemos nos casar.** Não podemos ter filhos, comprar uma casa para nós dois sem ter que fugir. Desculpe... (MINORIROSE, 2017)

**E93:** Se Lúcia nos visse pensaria que algo de muito polêmico havia acontecido. **Cadeia** na certa neguinho, **cadeia!** (TATS, 2017).

Embora na legislação brasileira o incesto não seja considerado crime, a FD 17: incesto é crime, o considera, como podemos observar nos enunciados E91, E92 e E93. Já o E87 ressalta a proibição do casamento, o que de fato é proibido pela nossa legislação. O reconhecimento de que incesto não conjura crime no Brasil aparece no E19.

#### 5.4 FUNÇÃO AUTOR/EFEITO LEITOR: O CONTRADISCURSO AMOROSO

O discurso amoroso aparece várias vezes em todas as narrativas, como sentimento fraternal, como declarações (eu te amo), separamos então os seguintes enunciados:

**E94:** Quanto ao incesto é complicado. Porém isto aqui é feito para mostrar parcela da realidade, e esse tipo de relação existe sim. E neste caso, **reflete amor**, considerando o psicológico das personagens nada abusivo ou forçado. (MINORIROSE, 2017)

**E95:** Conheci naquela madrugada **o amor mais puro**, daquele tipo que **eu nunca** tinha visto. Lido, sentido vivenciado. (MINORIROSE, 2017)

**E96:** Eu estou perdidamente e loucamente **apaixonado**... pelo meu pai. (TATS, 2017)

**E97:** **Eu amo você** desde a primeira vez que te vi Harry. E não, não é só esse **amor paterno, é esse amor. O carnal, o amor diferente, o amor de tocar no seu corpo** e te fazer enlouquecer assim como você está. (TATS, 2017)

**E98:** Mas agora as coisas estão diferentes. Louis, o próprio, começava a demonstrar seus **sentimentos “fraternais”**, como chamar o filho para dormir mais uma vez consigo, pois este tinha pesadelos com a mãe tentando separá-los. (TATS, 2017)

No primeiro, E94, é destacado que “neste caso reflete amor”, afirmando que nem todos os casos de incesto são assim, fazendo menção aos casos abusivos. O incesto é amor, nossa FD18. O amor consanguíneo como algo belo e nunca antes presenciado surge no enunciado E95. É a única adjetivação do incesto como algo belo e de forma positiva das narrativas.

Já no E96 o jovem Harry admite pela primeira vez que está apaixonado pelo pai – e o reconhecimento do desejo sexual por aquele que só esperam sentimentos fraternais. No

E97 o amor carnal surge como companheiro do amor paterno. Um não causa a exclusão do outro. É possível amar como pai e também como homem.

Embora nenhuma das narrativas seja apoiada em algum universo já consagrado, deparamo-nos com duas referências nos textos.

**E99:** Porque assim vocês pelo menos admitem seus sentimentos e mantém uma relação sexual secreta, tipo nos filmes, Já assistiu **Game of Thrones**? (ELLEBLOOM, 2017)

**E100:** Sabia que a **Rainha Anne** foi decapitada por incesto? [...] – Não Chloe, ela foi decapitada por traição, o rei a assassinou porque ela o traiu, o incesto em si não foi problema. (ELLEBLOOM, 2017)

O primeiro enunciado, E99, cita a famosa série literária e televisiva “Game of Thrones”, conhecida por trazer o incesto como tema em mais de um de seus arcos. Olhando rapidamente para o produto midiático conseguimos identificar três discursos acerca da relação consanguínea.

Os Targaryen foram a primeira grande família real do universo fictício, utilizando do incesto para manter o “Sangue do Dragão” e assim as suas características raras, como o cabelo branco e os olhos violetas. Além, é claro, de manter o poder sempre no seio da família, assim como acontecia do Antigo Egito. Uma das protagonistas da narrativa é uma Targaryen e em nenhum momento a sua ascendência incestuosa vem à tona, como eles eram especiais eles tinham o direito. Permissividade acerca do incesto similar a ofertada aos deuses mitológicos.

O segundo caso de incesto ocorre na família Lannister e é protagonizado por um casal de irmãos gêmeos. O relacionamento não é aceito e sofre todo o tipo de represália possível, além de ser usado como causa do comportamento inadequado do filho mais velho do casal. Temos aqui a materialização de todas as interdições a respeito do incesto.

O terceiro e último caso de incesto abordado nos livros é o de Craster e suas esposas que são também suas filhas e netas. O selvagem “se casa” com suas filhas assim que elas alcançam a idade fértil. As meninas que nascem dessa união são mantidas em sua casa para servi-lo e casar-se também com o pai após a primeira menarca e por assim adiante. O incesto de caráter abusivo cometido por Craster é abominável aos olhos de todas as demais personagens o que explica sua vida isolada e mais tarde seu assassinato.

Vemos então que os sentidos em relação ao incesto são múltiplos na série e servem como referência para a criação de outras narrativas que podem ou não compartilhar dos mesmos discursos.

No enunciado E100 a referência é com a Rainha Anne, ou Ana Bolena, da Inglaterra. Ana Bolena foi esposa de Henrique VIII e acabou sendo condenada a morte após

acusação de manter relações sexuais com o próprio irmão, Jorge. Sua culpa nunca foi provada.

Em uma nota de uma das autoras nos deparamos com a afirmação do incesto como um tabu e algo polêmico, necessitando de uma escrita leve para ser tratado.

**E101:** Eu trabalho com uma escrita leve, e explicativa. O assunto é um **tabu**, delicado e **polêmico**: precisa disso para falar sobre tal. (MINORIOSE, 2017)

Esse reconhecimento vem ao apoio ao discurso de que a literatura possui o poder de suavizar e abrigar temas marginalizados na sociedade. Esse reconhecimento por parte da autora explica o grande número de narrativas incestuosas no universo das *fanfics*.

O lugar no qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz. Se o sujeito fala do lugar de autor, suas palavras significam diferente do que se falasse como leitor. O autor é o lugar em que se constrói a unidade do sujeito, o texto, explica Orlandi (2013). “A escrita é um gesto simbólico que faz um efeito no real reproduzindo um ‘artefato’ [...] A produção desse artefato por sua vez intervém no imaginário constitutivo da “autoria” (ORLANDI, 2012, P. 173).

A autora explica a autoria como função discursiva como “se o locutor se representa como eu no discurso e o enunciador é a perspectiva que esse eu assume, a função discursiva autor é a função que esse eu assume enquanto produtor de linguagem, de texto” (ORLANDI, 2013, p. 75). Essa é a dimensão do sujeito mais afetada pelo contexto sócio-histórico.

Sendo a autoria tão afetada pela exterioridade, são mais visíveis os procedimentos disciplinares todas as exigências para com um autor – coerência, clareza, domínio das normas ortográficas, relevância, originalidade – objetiva tornar o sujeito visível, e conseqüentemente controlável, reitera Orlandi (2013).

Para Foucault (2014, p. 25), o autor não é o indivíduo que escreveu o texto, “mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade de origem de suas significações, com foco de sua coerência”. O autor é aquele que dá “à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real” (FOUCAUL, 2014, p. 26).

Um autor não tem o controle dos sentidos que seu texto irá despertar nos leitores, sendo assim a forma de observar quais sentidos as narrativas geraram é recorrendo aos comentários. Para Foucault (2014, p. 24) essa resposta tem como função “dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro”. O comentário permite dizer algo além do texto enquanto diz o texto.

O leitor tem sua identidade configurada como tal pelo lugar social em que define sua leitura. Os sentidos não são os mesmos para sujeitos diferentes, todo enunciado é constituído por pontos de deriva “produzindo diferentes sentidos para diferentes sentidos e situações”, explica Orlandi (2012, p. 152).

Seguimos o mesmo caminho de análise utilizado nas narrativas e temos como primeiro ponto de ataque o errado/proibido.

**E102:**Eu queria shippar, mas meu coração diz que é **muito errado**.<sup>22</sup>

**E103:** Que **errado!**

**E104:** Eu não tenho nada contra, mas o povo acha **errado**.

**E105:** Eu sei que uma história mas em cada palavra que lia gritava é **errado** sua loca devo pensar assim porque tenho irmão mais to amando e muito legal.

**E106:** Ela e o irmão **não tem** futuro mesmo.

**E107:** No final tem que ter alguma coisa que faça eles ficarem junto, **mesmo sendo irmão...** ou não né kkkkkk

**E108:** E para me matar os dois se rendem ao amor **proibido**.

**E109:** Cara eh muito **errado** isso q eles sentem! Mas eu total apoio!

**E110:** Eu nem sei pq q gosto, tipo **erradão** kakakaka

**E111:** Meu deussss isso é **tão errado!!!!**

**E112:** Eles tinham que para com isso! Que **futuro podem ter?**

**E113:** Eu também acho **errado**, mas ou eles fazem o errado e são felizes ou eles fazem **o certo para a sociedade** e são infelizes. E é uma fic, to adorando!

**E114:** Abordar o incesto é sempre delicado, mas você conseguiu driblar os **obstáculos** ressaltando o amor que unia esse casal de irmãos.

**E115:** Essa fic foi a coisa **mais errada** e mais linda que eu já li até agora. [...] adorei sua genealidade em abordar o assunto fazendo soar como um amor **proibido** casual.

**E116:** Que fic linda... abordando um tema que pra muita gente é absurdamente **errado**, estranho entre tantas outras coisas.

**E117:** Eu sei que é **errado**... mas eu quero!

**E118:** Gente isso é tão **errado** mas eu não consigo parar de ler.

**E119:** É **errado** mas eu to rindo mt cm essa fic kkkk

**E120:** “Incesto eh **errado** e blablaba” garanto se qualquer uma por ai tivesse esse irmão faria a mesma coisa ne nom?

**E121:** É **errado** eu gostar de incestos? Tipo nas fics?

**E122:** Claro que a S/N ta **errada** em transar com o próprio irmão e tals, mas S/N é filha dela e ela falava como se a S/N fosse a única culpada.

**E123:** Eles são irmãos e ninguém sabe que estão juntos, sem falar que seria **completamente inaceitável** isso pra todo mundo.

**E124:** Sempre prefiro o **errado**, por isso to indo de Adam e Violeta.

**E125:** Fofos, mas prefiro o **proibido** bem mais gostoso.

**E126:** Ai que alívio eles **não são irmãozinhos** graças.

**E127:** Adoro os personagens e espero sinceramente que **não sejam irmãos** :/

**E128:** Incesto é taboo! Mas tem que diferenciar quando é abuso ou consensual. O **proibido** atrai.

**E129:** Algo **tão proibido** e excitante a cada capítulo!

**E130:** Gente não é só porque as pessoas falam que incesto é **errado** que é **errado de verdade**, continua sendo uma forma de amor, as pessoas também falam que amor gay é errado e nem por isso significa que é errado, toda forma de amor é certa mesmo sendo um pouco diferente.

**E131:** Essa fic ela é **tão errada**, mas tão certa e tão perfeita.

<sup>22</sup> Para a Análise de Discurso não nos interessa quem disse o quê e sim como foi dito. Diante disso, não citaremos os nomes utilizados pelos usuários para comentar nas narrativas.

- E132:** Tomara que aconteça alguma coisa e eles descubram que não são pai e filho pq **não entra na minha cabeça** pai e filho se desejando ahsaush  
**E133:** **Tão errado** eu torcer pro pai namorar o filho porra vou pro inferno.  
**E134:** Não é **errado** se te faz sentir vivo.

Diferente das *fanfics*, a referência direta a moral não aparece nos comentários. Já a condenação do incesto como errado, nossa FD1, aparece nos enunciados E103, E105, E107, E109, E110, E113, E117, E119, E120, E121, E122, E124, E126, E127, E130 e E132. É interessante ressaltar que durante o desenvolvimento da narrativa de “Amor de irmãos” a autora começa a trabalhar com elementos que indicam uma possível adoção da Chloe o que fortalece o desejo de que eles não sejam irmão. Quando de fato a não consanguinidade é comprovado as visualizações e comentários caem drasticamente. A *fanfic* perde grande parte de seu público. Com isso podemos concluir que grande parte dos leitores que acessam as narrativas estão realmente em busca do tabu do incesto e não apenas sua insinuação, algo que já ocorre de forma bem corriqueira em outras narrativas e até mesmo nas telenovelas brasileiras.

Assim como nos textos primeiros, também há a intensificação do erro. O uso de advérbios de intensidade aparece nos enunciados E102, E111, E115, E116, E118, E123, E129, E131 e E133. A preocupação com a condenação social vai surgir apenas no E113.

A FD5 (Incesto é proibido) também habita o discurso dos leitores, sendo materializada nos E108 e E115, assim como o discurso de que tudo que é proibido é atraente, FD10, está presente nos enunciados E125 e E128.

Deparamo-nos com dois discursos que não tinham aparecido nas narrativas. A defesa do incesto como algo que não é errado (E134) e a comparação com a homossexualidade. Souza (1997) afirma que para tornar-se sujeito os indivíduos voltam-se ao dispositivo da sexualidade, sendo assim, há uma demanda pela legitimação da esfera dos prazeres sexuais como fator de afirmação de identidade. Diante disso, ao dizerem-se homossexual, os sujeitos estão travestindo o poder de normatização da sexualidade, assim como aqueles que se dizem incestuosos. É a necessidade de assumir-se fora da norma. Sem dúvidas o movimento LGBT deu início a uma emersão de sexualidades tidas como anormais que até então eram silenciadas. Temos ainda o E114 que se refere aos obstáculos que existem ao tratar do incesto, dificuldades essas que se dão pelo caráter errôneo e proibido do relacionamento consanguíneo. É o atestado da *fanfic* como lugar de fala dessa sexualidade marginal.

A certeza de que o incesto nunca será aceito pela sociedade está presente nos enunciados E106, E112 e E123, materializando a FD3.

Nos enunciados a seguir não ocorre uma defesa propriamente dita do incesto, mas sim declaração de afeto pelo tabu.

**E135:** Vou ser sincero, só vim ler porque era **incesto**.

**E136:** Começando a ler agora, **adoro** um incesto.

**E137:** Eu **Amo um incesxxxto**.

**E138:**Então foi isso que aconteceu para eles ficarem se estranhando, mas são irmão... a q seja porque eu **adorei** saber disso me deixou torcendo por eles!!!

**E139:** **Amoooo** romances entre irmãos.

**E140:** Eu nem ligaria. **Pegava** meu Brother de boa [...] Pega logo ele sua quadrada!

**E141:** Sempre quis ler um fic que falava sobre incesto tipo, eu **gosto** sabe??

**E142:** Essa fic é tão perfeita! Não sei se é meu **vício** em ler sobre incesto, ou se é por eles serem muito fofos mesmo.

**E142:** Não sei se acho lindo ou perturbador mas eu tô **amaaaaaaandoóó**.

**E143:** Olha qnd eu li a sinopse da fic, eu fiquei assustado pq falar de dois irmãos se sangue se relacionando, mas depois achei q você colocaria q um deles fossem adotado, por isso comecei a ler e com o tempo fui **gostando, adorando e amando**. Até me esqueci da minha suposição da fic e comecei a torcer por eles msm eles senso irmãos de sangue.

**E144:** Eu realmente **não ligaria** de ter um relacionamento com meu irmão (se eu tivesse um) Eu acho coisas **proibidas** excitantes, assim como gosto de mulheres.

**E145:** É uma coisa **tão linda**, pura e **admirável** que não tem como sentir qualquer sentimento negativo pelo tema, que é o incesto.

**E146:** Eu particularmente **adoro** esses temas polêmicos, principalmente o incesto kkk

Constatamos então a FD19: “Eu gosto de incesto”, nos enunciados E135, E136, E137, E138 (quando descobrem que os irmãos já haviam consumado o incesto), E139, E141, E142, E145 e E146. Já os enunciados E140 e E144 fazem a naturalização do relacionamento entre parentes próximos. Para os leitores em questão não há nada que impeça o relacionamento entre irmãos. Temos que ressaltar que a mesma naturalização não ocorre na *fanfic* que aborda o relacionamento pai x filho.

O discurso que equipara o incesto a homossexualidade retorna no E144, vendo ambos como proibidos, porém, donos de seu afeto.

Um deslizamento de sentidos devido a leitura da narrativa fica evidente no enunciado E143. O incesto que era algo inviável, no qual a história só seria possível caso descobrissem que um deles é adotado, passa a ser passível de afeto e recebe a torcida pela união mesmo diante da confirmação dos laços sanguíneos. Esse enunciado pertence a um dos comentários que demonstram o poder da *fanfic* em gerar novos sentidos, característica essa já discutida por nós.

**E147:** Não há como ver **pecado** nesse tipo de amor, foi lindo.

**E148:** Quando eles morrerem vão conhecer o tio **capiroto**? Vão, mas o importante é família KKKKKK

**E149:** Meu **Deus** é errado mas ler isso é prazeroso.

**E150:** Lindo o instinto do amor de um homem e uma mulher, as **almas** sabem que eles não são irmãos, romântico.

**E151:** Enquanto isso fico loucamente ansiosa para o Harry pegar o pai dele, **Deus me desculpa** mas é vdd...

**E152:** Sinto q sou uma **pecadora**.

**E133:** Tão errado eu torcer pro pai namorar o filho porra **vou pro inferno**.

**E153:** Ele tá enganado pq eles já se beijaram, já tão **pecando**. Na realidade eles já **pecaram** só por pensar em desejar um ao outro).

**E154:** Oi, bom eu virei a noite, chorando, sorrindo, caindo do sofá, caindo da cama, torcendo pelo Harry e pelo Louis, me achando **mais pecadora** do que eu já sou por querer tanto que um pai é um filho de comam, eu torci por Ziam, e Pqp, eu vou **pro inferno**.

No discurso religioso, evidenciado pelos enunciados acima, observamos que prevalece a FD11, incesto é pecado, (E149, E151, E152, E153, E154), sendo algo que vai contra as leis de Deus e merece punição (E148, E153, E154). No enunciado E147 percebemos o discurso que inocenta o incesto da carga de pecado, materializando uma nova FD20. Entretanto, é necessário lembrar que toda negação pressupõe uma afirmação posta. De acordo com Pêcheux (2014), é o pré-construído em oposição ao que é construído pelo enunciado.

Interessante perceber o discurso religioso (alma) sendo utilizado no E150 para explicar o relacionamento entre Adam e Chloe, sendo que os mesmos descobrem não compartilhar os laços sanguíneos após a consumação do incesto.

Nos enunciados que remetem ao discurso médico temos a materialização da FD15.

**E105:** Eu sei que uma história mas em cada palavra que lia gritava é errado sua **loca** devo pensar assim porque tenho irmão mais to amando e muito legal.

**E155:** Quem em **sa consciencia** deseja o corpo da própria irma vai se fuder alguém leva ele em um **psiquiatra**.

**E156:** Incesto? Sim mas vejo uma forma pura de amor e não uma coisa **doentia**.

**E157:** O amor deles é um amor **louco**, viciante, apaixonante, de tirar o fôlego.

**E158:** Eu devo ser **meio doente** por ler essa estória, mas foi por curiosidade.

**E159:** Mta gente diz q eu sou meio **doida**, mas td isso é pq eu simplesmente tenho a mente mto aberta.

A desrazão como justificativa para gostar de incesto e a necessidade de tratamento médico compõe os enunciados E105, E155, E156, E157, E158 e E159. No E156 a leitora vê uma forma de amor e não uma doença, entretanto essa afirmação é precedida pela conjunção coordenativa de adversidade (mas), o configura que as duas orações estão em sentido de oposição, ou seja, atesta a afirmação institucionalizada de que o incesto é patológico.

A consanguinidade surge nos enunciados a seguir como grande empecilho das uniões.

**E160:** Acho que no final eles **não são irmãos de sangue**.

**E143:** Olha qnd eu li a sinopse da fic, eu fiquei assustado pq falar de dois **irmãos de sangue** se relacionando, mas depois achei q você colocaria q um deles fossem adotado, por isso comecei a ler e com o tempo fui gostando, adorando e amando. **Até** me

esqueci da minha suposição da fic e comecei a torcer por eles msm eles sendo **irmãos de sangue**.

**E161:** Eles não são **irmãos de sangue**? ☹

**E162:** To rezando pra Harry não ser **filho biológico** do louis pq assim vou me sentir menos culpada.

**E163:** Acho que **ter filhos é perigoso** mas eles podem adotar.

Percebemos que o discurso médico interdita mais os relacionamentos entre consanguíneos do que a moral interdita quando há laços afetivos (irmão de criação, filho adotivo). Embora diante da terminologia incesto não exista diferenciação, o discurso das *fanfics* e os sentidos produzidos pela mesma nos leitores demonstra que a interdição é mais forte quando há parentesco genético.

O risco biológico para os filhos, frutos de casais incestuosos, surge no enunciado E163, oferecendo logo em seguida a alternativa de adoção e não proibindo a união.

Apenas um enunciado remete a FD12:

**E145:** É uma coisa tão linda, **pura** e admirável que não tem como sentir qualquer sentimento o negativo pelo tema, que é o incesto.

Diferente dos textos primeiros, os leitores não tratam o incesto como algo sujo que mereça ser eliminado, mas como algo puro, materializando a FD21: incesto é puro. Temos aqui puro como qualidade daquilo que está isento de imperfeições morais.

No discurso romântico, percebemos a heterogeneidade. Todos os enunciados tratam como amor o sentimento nutrido entre os casais incestuosos.

**E164:** Eu sempre digo que toda **forma de amor** deve ser aceita, apesar de ser uma pessoa religiosa, vejo as coisas de uma forma diferente, vivo num mundo onde as pessoas acabam abominando essas formas de amar, mas eu sou “diferente”, digamos assim, eu me vejo nessas situações, e se fosse eu que estivesse apaixonada pelo meu irmão ou se eu estivesse apaixonada por uma garota? Não gostaria de ser tratada com preconceito.

**E165:** Todas as **formas de amor** são aceitáveis.

**E166:** Eles se **amam** e é isso que importa.

**E114:** Abordar o incesto é sempre delicado, mas você conseguiu driblar os obstáculos ressaltando o **amor** que unia esse casal de irmãos.

**E167:** O tema incesto é algo incrível cara! Pq tipo é um sentimento que vai muito além de **paixão ou carinho**, querendo ou não a pessoa é da família e acabamos **amando**. Normalmente os amores de irmãos são apenas comuns, mas incesto mostra um outro ver sobre o **amor**.

**E157:** Incesto? Sim mas vejo uma **forma pura de amor** e não uma coisa doentia.

**E158:** O **amor deles** é um amor louco, viciante, apaixonante, de tirar o fôlego.

Nosso próximo ponto de ataque é o discurso da anormalidade.

**E116:** Que fic linda... abordando um tema que pra muita gente é absurdamente errado, **estranho** entre tantas outras coisas.

**E168:** Claro q eu n pratico incesto, seria super **estranho**, n consigo nem imaginar.

**E169:** Incesto [coração], **sou estranha?** Sim

**E170:** Não queria que fossem irmãos... é **estranho** pensar assim.

**E171:** Estava procurando uma história cativante e diferente, exatamente como incesto, algo proibido e **fora do normal**, mas que é possível acontecer na vida real.

**E172:** Pam e Vicente **são gente e como a gente**.

**E173:** É um tema polêmico, mas sua escrita transforma em algo **comum e normal**.

**E160:** Eu sempre digo que toda forma de amor deve ser aceita, apesar de ser uma pessoa religiosa, vejo as coisas de uma forma diferente, vivo num mundo onde as pessoas acabam abominando essas formas de amar, mas eu sou **“diferente”**, digamos assim, eu me vejo nessas situações, e se fosse eu que estivesse apaixonada pelo meu irmão ou se eu estivesse apaixonada por uma garota? Não gostaria de ser tratada com preconceito.

**E174:** No início eu pensava q no ia se lgl pq amor entre irmãos é uma coisa muito **estranha...** maaas vc transformou td isso numa coisa linda!!

Nos enunciado E171 prevalece o discurso do incestuoso como anormal, FD13. Observa-se também a retomada do termo “estranho” para designar essa anormalidade (E116, E168 e E174).

Entretanto, no E172 há uma identificação com as personagens, uma tentativa de demonstrar que elas são pessoas normais, todavia, essa informação só se faz necessária porque o discurso predominante é o da anormalidade. No E173 temos o discurso da permissividade literária transformando o anormal em normal, afinal conforme Bataille (2015) só a literatura pode desnudar o jogo das transgressões e com isso dizer tudo.

Por último temos os enunciados que fazem alusão a construção literária do tema incesto e as consequências dessas narrativas.

**E174:** No início eu pensava q no ia se lgl pq amor entre irmãos é uma coisa muito estranha... maaas vc **transformou** td isso numa coisa linda!!

**E175:** Sua fic de incesto (não lembro como se escreve hehehe) **mostrou** o que muita gente não vê, que é, não importa se são irmãos, se eles tem um sentimento um pelo outro nada mais importa, foda-se o mundo.

**E176:** A temática é muito forte de se tratar, porém na minha opinião você **conseguiu** mesmo assim escrever uma história muito boa, com tato e com respeito.

**E177:** Temática polêmica, mas **construída lindamente**.

**E178:** Essa fic me **fez mudar**, e sinceramente **para melhor**, que incesto pode se tornar um dia algo sem preconceitos, amei!!!

**E179:** Foram suas fics, especialmente essa, que **me fizeram apaixonar** pela tag “incesto” e ver que não é aquela coisa estranha, de outro mundo. Pelo contrário! Suas fanfics **mostram** com clareza, através de sua escrita perfeita, impecável e única, o quão lindo pode ser o amor entre irmãos de sangue.

**E180:** Você narrou um relacionamento incestuoso de forma tão delicada que ser impossível não se encantar, creio que uma pessoa presa nos **tabus** da sociedade, **se lêsse a fic, mudaria seus conceitos**.

No primeiro enunciado E174, o leitor confessa que não esperava gostar da *fanfic* por estranhar o incesto, entretanto, admite que a autora, ao construir a narrativa, conseguiu mudar sua opinião. Temos aqui um deslocamento dos sentidos acerca de incesto através da via literária.

Quando as *fanfics* materializam um discurso silenciado na mídia convencional, os leitores são atravessados por novas FDs que se chocam com as FDs institucionalizadas, estabilizando ou deslocando sentidos. Descobre-se que há outra forma de se dizer o incesto, como materializado pelo E175.

Os enunciados E176 e E177 destacam a construção das narrativas. Não é apenas escrever sobre incesto, é mostrar os discursos institucionalizados e também os marginalizados. É dizer o incesto como algo errado, imoral, sujo, pecaminoso e doentio, mas também como uma forma de amor passível de afeto (E179). Esses sentidos até então silenciados apontam para uma possível mudança nas regras da sexualidade contemporânea, como podemos observar no enunciado E178.

O enunciado E180 materializa o poder de transformação das narrativas, condensando tudo o que os demais enunciados materializam. É necessário recorrer aos discursos estabilizados pela sociedade para conseguir falar sobre incesto, para dar voz aos discursos marginalizados. Orlandi (2007) defende que escrever é uma relação particular com o silêncio. “O autor escreve para significar(a) ele-mesmo. [...] Com o distanciamento estabelecido pela escrita, os movimentos identitários podem fluir, podem ser trabalhados pelos sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 83). Ou seja, o sujeito das narrativas literárias constrói um espaço que lhe permite significar o que lhe foi proibido. Afinal, se tenta ter um sentido único, definitivo e verdadeiro, mas a multiplicidade de sentidos vem à tona, conclui Orlandi.

O discurso, mesmo que sob censura, consegue significar o que não pode ser dito, produzindo uma reversão de sentidos, sem necessidade de negá-lo. As regularidades discursivas, conforme Foucault (2014), não reforçam o interdito do incesto. Para Orlandi (2007), esse discurso passa a significar pelo avesso. Os sentidos de incesto consentido passam a significar de outro modo na literatura, essa migração é resultado da necessidade histórica desses sentidos.

## 5.5. INCESTO. BIOPODER. BISSOCIABILIDADE

Uma síntese é necessária neste momento. Percebemos que atravessado a todo momento pelas *fanfics* incestuosas, o gesto literário dos autores permite o aparecimento de grupos de apoio as personagens incestuosas (desde de que dentro de relações consentidas). Não podemos desconsiderar o poder dessas narrativas na produção de interpretações sensíveis aos amores incestuosos. Nos embates discursivos no seio de uma sociedade, não funcionam

somente os discursos de "verdade", e não se deve desconsiderar o poder dos discursos ficcionais, principalmente, quando encontram condições ótimas de circulação.

Mas nos detemos nesse momento numa questão específica e numa hipótese de trabalho. As narrativas das *fanfics* conseguiriam ao seu modo angariar simpatizantes de uma causa que, dentre outros grupos é política. Falamos daqui das comunidades *online* que defendem o direito ao amor consaguíneo. Esses grupos nascem geralmente de casos reais, e contam com o engajamento de familiares e simpatizantes. Eles se enquadram naquilo que Rabinow denominou "biossocialidade", a formação de alianças sociais em torno de uma questão biológica. Devemos neste momento dedicar algumas linhas à genealogia desse conceito.

Rabinow & Rose (2006) analisam o diagrama de bipolar proposto por Foucault a respeito do poder sobre a vida e destacam que:

nesse diagrama, um pólo de biopoder foca em uma anatomia política do corpo humano, buscando maximizar suas forças e integrá-lo em sistemas eficientes. O segundo pólo consiste em controles reguladores. Uma biopolítica da população, enfocando nas espécies do corpo. O corpo imbuído com os mecanismos da vida: nascimento, morbidade, mortalidade, longevidade, etc. (RABINOW & ROSE, 2006, p. 28)

Esses pólos foram unificados dentro das "tecnologias de poder", nas quais a sexualidade é apenas mais uma. Com isso, os autores afirmam que novos tipos de disputas políticas emergiram, entre elas a busca pelo direito à satisfação das necessidades.

Neste nível mais geral, então, o conceito de 'biopoder' serve para trazer à tona um campo composto por tentativas mais ou menos racionalizadas de intervir sobre as características vitais da existência humana. As características vitais dos seres humanos, seres vivos que nascem, crescem, habitam um corpo que pode ser treinado e aumentado, e por fim adoecem e morrem. E as características vitais das coletividades ou populações compostas de tais seres vivos. (RABINOW & ROSE, 2006, p. 28)

Rabinow & Rose (2006, p. 29) afirmam que o conceito de biopoder inclui "estratégias de intervenção sobre a existência coletiva" e os modos de subjetivação. O primeiro surgiu endereçado a comunidades pré-dadas, "mas que também poderiam ser especificadas em termos de coletividades biossociais emergentes". Os modos de subjetivação levam os indivíduos a atuar sobre si próprios, em nome de sua própria vida, de uma coletividade específica ou da população em geral. Rabinow denomina essa formação de coletividade de "biossocialidade" ou "biossociabilidade". "A nova genética deixará de ser

uma metáfora biológica para a sociedade moderna, e se tornará uma rede de circulação de termos de identidade e lugares de estrição, em torno do qual e através da qual surgirá um tipo verdadeiramente novo de autoprodução: vamos chama-la de biossocialidade” (RABINOW, 1999, p. 143).

Por meio do uso de computadores, os indivíduos que compartilham certas características ou conjunto de características podem ser agrupados de uma maneira que é não apenas descontextualizada de seu ambiente social, mas também não-subjetiva no duplo sentido de atingida objetivamente e não de aplicar a um sujeito em nada semelhante ao antigo sentido da palavra, isto é, o sofrimento, significativamente situado, integrador de experiências sociais, históricas e corporais. (RABINOW, 1999, p. 145)

Novas identidades e práticas individuais e grupais surgem diante das novas verdades. Grupos são criados “para partilhar suas experiências, fazer *lobby* em torno de questões ligadas a suas doenças, educar seus filhos, refazer seus ambientes familiares, etc”, completa Rabinow (1999, p. 148).

Montardo (2010) afirma que além de grupos de apoio, as redes temáticas na web também materializam os esforços de socialização que são empregados a partir de variáveis biológicas. A autora recorre a Ortega<sup>23</sup> para identificar “as bioidentidades como identidades volcadas em procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticas, sendo o corpo a fonte básica de sua identidade” (MONTARDADO, 2010, p. 299).

Embora o conceito de biossociabilidade tenha surgido nas doenças, podemos usá-lo sobre qualquer coletividade em torno de um discurso de fundo biológico. No início dessa pesquisa descobrimos fóruns em defesa do GSA<sup>24</sup> situados na internet. Em especial “*The Genetic Sexual Attraction Forum*” e “*Sexual Sexual Attraction*”, ambos norte-americanos. Tentamos por alguns meses a autorização para entrar nos grupos e não obtivemos sucesso. Esses fóruns são fortemente preservados, já que em alguns estados estadunidenses o incesto é crime. Buscando nas redes os discursos acerca de incesto e nos deparamos com as *fanfics*. Esses sites permitem a socialização online entre autores e leitores de narrativas incestuosas.

---

<sup>23</sup> ORTEGA, Francisco. Do corpo submetido à submissão do corpo. In: ORTEGA, F. O corpo incerto. Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

<sup>24</sup> Termo criado no final da década de oitenta por Bárbara Gonyo. Aos 42 dois anos conheceu o filho, dado em adoção ainda bebê e, na época com 26 anos, foi tomada por um desejo sexual que só não se consolidou por ela não ter encontrado reciprocidade, conforme explica em seu livro intitulado “*I'm his mother but he's not my son*”(2011).

Em um primeiro momento, como critério para a aplicação da expressão, o GSA envolve parentes de primeiro grau e adultos: pai e filha, mãe e filho e entre irmãos; todos separados na primeira infância. Atualmente, já foi observado que os fóruns de apoio ao GSA na internet ampliaram o significado do termo, abrangendo quem conviveu durante toda a infância.

Pensando nisso, portanto, podemos ler as *fanfics* como um lugar, de acesso mais aberto, que pode abrir subjetividades suscetíveis ao acontecimento discursivo de uma biossociabilidade.

Essa rede de solidariedade em torno de pessoas fictícias produz uma abertura de sentidos, servindo de fator de condição de produção, ampliando o discurso disponível. Esse arquivo sustenta uma memória, desestabilizando, de certa forma, o efeito de verdade dos discursos tradicionais sobre o tabu do incesto. Esse comportamento midiático desafia a normatização. As pessoas não vão apenas contra a moralidade, mas sim uma normatização da sexualidade que se acentua por meio do biopoder.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A internet propicia, sobretudo, novas formas de sociabilidade. A rede é o espaço em que todos querem se mostrar presentes, dar opiniões, manifestar seus gostos e preferências e suas subjetividades. O indivíduo antes tido como isolado pela técnica cede lugar ao indivíduo ansioso por estabelecer relações sociais, dentre elas a produção e o consumo das *fanfics*. Pensando nisso, portanto, podemos ler as *fanfics* como um lugar que pode abrir subjetividades suscetíveis ao acontecimento discursivo de uma biossociabilidade.

Essa rede de solidariedade em torno de pessoas fictícias produz uma abertura de sentidos e provoca mudanças nas condições de produção sobre o incesto consentido. A partir desses novos arquivos produzidos desestabiliza-se a memória e, de certa forma, o efeito de verdade dos discursos tradicionais.

Através de narrativas literárias, é construída uma biossociabilidade e devido a isso ressaltamos a importância da literatura para a sociedade e para a satisfação do indivíduo. Numa época que clama pela interação do leitor, as *fanfics* acabam sendo quase um desdobramento natural da literatura popular e midiática.

Compreendendo subgênero literário como cada um dos tipos de textos incluídos nos gêneros literários, atrevemo-nos a classificar as *fanfics* como um subgênero do romance, assim como o suspense, o terror, a ficção científica, etc. Esse subgênero seria caracterizado pelo uso de personagens e universos já conhecidos, sexo explícito, casais improváveis e a exploração de temas tidos como tabus, dentre eles o incesto consentido.

Muito em decorrência do seu caráter moral e religioso, a proibição é mantida sob argumentos de proteção à família e à prole, tendo em vista também a predisposição genética para doenças e malformações. Há também o medo da punição divina diante da quebra do tabu. No Cristianismo essa punição é a ida para o inferno.

Como vimos, a discussão sobre o incesto é sustentada por diversas disciplinas, da Biologia à Psicanálise; da Antropologia ao Direito. Embora não seja nosso objetivo analisar estas posições, podemos considerá-las todas apropriações discursivas sobre o incesto, produções de sentido que demandam efeitos de evidência.

Enquanto o mercado proíbe conteúdos que contestam os sentidos hegemônicos, o universo das *fanfics* abre espaço para visões menos ortodoxas. As narrativas eletrônicas podem ser empregadas para ensinar modos de ser no mundo, ensinar, por exemplo, como lidar com a diversidade, com sentidos outros e, principalmente, que não se está sozinho em seu desejo ou problema. Na medida em que temas como o incesto consentido compõem

narrativas romanceadas – de forma equilibrada para se tornarem envolventes, mas não assustadoras –, as *fanfics* materializam novos sentidos até então silenciados e podem se tornar agentes de mudanças comportamentais.

Essas narrativas se constituem como o espaço em que sentidos marginais, ou seja, discursos não reconhecidos como institucionalizados, têm lugar. Não é um sentido que possa se materializar facilmente em outras textualidades. A construção/publicação/recepção dessas narrativas traz à tona um outro discurso que não o da sexualidade normatizada. Discursivamente, o que temos é a vocalização de sentidos que estão na sociedade e que se encontram, no entanto, submersos e não conseguem espaço – com exceção de alguns casos na literatura – para serem propagados.

Fica clara a estabilização de sentidos do incesto como algo que desafia a legislação, o discurso religioso e a moral. Quando o indivíduo se torna sujeito através do incesto ele se significa como alguém que rompe com todos esses discursos, alguém “pecador e imoral”. Mas é necessário esclarecer que há sempre a possibilidade de se construir um sentido outro, devido à falha e ao equívoco da língua. E é nesse ponto que o discurso amoroso atravessa todos os outros e se materializa. Isso se deve também ao fato de que mesmo na repetição nasce a possibilidade do novo. É em cima desses novos sentidos que as *fanfics* incestuosas são escritas.

É necessário recorrer aos discursos estabilizados pela sociedade para conseguir falar sobre incesto, para dar voz aos discursos marginalizados. O sujeito das narrativas literárias constrói um espaço que lhe permite significar o que lhe foi proibido. O discurso, mesmo que, sob censura, consegue significar o que não pode ser dito, produzindo uma reversão de sentidos, sem necessidade de negá-los. Os sentidos de incesto consentido passam a significar de outro modo nessa literatura. E essa migração é resultado da necessidade histórica desses sentidos.

Todo esse cenário dialoga com questões mais amplas da sexualidade contemporânea. Além da nova percepção do incesto consentido, o poder de biopolitizar das redes fura o bloqueio institucionalizado e abre caminho para novas formações sexuais, compondo o jogo de poderes da mídia. Os novos discursos alcançam outras pessoas na medida que são vocalizados através da internet.

É através da internet, mais especificadamente das *fanfics* e das comunidades na defesa do incesto, que nós percebemos a normatização da sexualidade sendo estremecida. A abordagem direta acerca do tabu mostra um abismo quando comparada à cobertura dos veículos tradicionais da mídia. Cria-se um mar de possibilidades e disputas sobre o direito de

exercer a sexualidade tida como anormal. É o embate entre as formações discursivas que atravessam o sujeito criando novos sentidos para o que é ser incestuoso. As *fanfics* não estão apenas falando de incesto, mas discutindo a sexualidade e também criando condições para que os sujeitos tomem consciência dela.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- ALVES, Wedencley. Vocalizações e gestualizações: produção de sentidos na leitura e na escrita em rede. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., Caxias do Sul, 2010. **Anais**. São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-2793-1.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2018.
- AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. V 3. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Delta, 1978
- BATAILLE, Georges. **A Literatura e o mal**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000
- BEIGUELMAN, Barbardo. **Genética de populações humanas**, USP, 2005. Disponível em:<<http://lineu.icb.usp.br/~bbeiguel/Genetica%20Populacoes/Cap.5.pdf>>
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989
- CAMARGO, Ana Rosa Leme; ABREU, Ana Silvia Couto de. Fanfics: identidade e questões de autoria na convergência midiática digital. In: **Anais do SILEL**. V. 3, N 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: <<http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2013/2175.pdf>>. Acesso em: 26 Abr. 2016.
- CANÇÃO NOVA, **Incesto: quais são os riscos e o que a igreja diz sobre isso?** Disponível em: <<https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/incesto-quais-sao-os-riscos-e-o-que-a-igreja-diz/>> Acesso em: 15 ago. 2017
- CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. São Paulo, Editora Perspectiva S.A, 1976
- \_\_\_\_\_. O direito à literatura. In: **Cadernos de estudos ENFF: Literatura e formação da consciência**. Escola nacional Florestan Fernandes, Guararema, 2007a
- \_\_\_\_\_. A importância da literatura. In: **Cadernos de estudos ENFF: Literatura e formação da consciência**. Escola nacional Florestan Fernandes, Guararema, 2007b
- CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2009
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.
- CÔCCO, Marli Maria Cancian; SILVEIRA, Maria Joaneete Martins da. O incesto. In: **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Sociais e Humanas, v. 1, n. 1, 2000, p. 39-50

DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 18ª ed. São Paulo: Balsa Planeta, 2001

DURKHEIM, Émile. **As formas de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** São Paulo: Editora Paulinas, 1989.

ELIAS, Nobert. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994

ELLEBLOOM. Give me love. In: **Spirit Fanfic e Histórias.** 2017. Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/give-me-love-1899857>>. Acesso em 18 Dez. 2017

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Médio dicionário Aurélio.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1980

\_\_\_\_\_. **Novo dicionário da língua portuguesa.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa.** 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Aurélio de língua portuguesa.** 5ª Ed. Curitiba: Positiva, 2010.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa.** 2ª ed. Porto Alegre: La Librería do Globo, 1946.

FERNANDES, Fernanda Surubi; SOUZA, Olimpia Maluf. De puta às profissionais do sexo: uma memória da língua. In: **Entreletras**, v. 4, n. 2, 2013, p. 58-71

FORWARD, Susan. **A traição da inocência: o incesto e sua devastação.** Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

FREIRE, Laudelino. **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa.** V2. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011

\_\_\_\_\_. **Totem e Tabu: Algumas concordâncias entre a vida písica dos homens primitivos e a dos neuróticos.** São Paulo, Penguin Classic Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. **Escritores criativos e devaneio.** 1907/1908. Disponível em: <<http://www.portalentertextos.com.br/noticias/escritores-criativos-e-devaneio-1908-1907,2137.html>>. Acesso em: 10 mar. 2018

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: O cuidado de si.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade: a vontade de saber.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade: o uso dos prazeres** 8.ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOBBETTI, Joana. **A função da confidencialidade**: bioética e incesto. [Tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2006

GOMES, Laura Graziela. Fansites ou o "consumo da experiência" na mídia contemporânea. **Horizontes Antropológicos**, v. 13, n. 28, p. 313-344, 2007.

HOLANDA, Francisco Wilson Nogueira. Evitação e proibição do incesto: fatores psicológicos e culturais. In: **Psicologia USP**. V. 28, n. 2, 2017, p. 287- 297

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2.ed. São Paulo, Aleph, 2009

JAMISON, Anne. **Fic**: por que a fanfiction está dominando o mundo. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. 7.ed. Petrópolis, Vozes, 2012

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. Rio de Janeiro: Agir, 1958

LIVIMIN. Sweet brother, bad daddy. In: **Spirit Fanfics e histórias**. 2017. Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/sweet-brother-bad-daddy--incesto-imagine-jungkook-hot-7830376>>. Acesso em 18 Dez. 2017

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 3.ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2010

MELHORAMENTOS DICIONÁRIO LÍNGUA PORTUGUES. São Paulo: Editora melhoramentos, 2009

MINORIROSE. Amor de irmãos. In: **Wattpad**. 2017. Disponível em: <<https://www.wattpad.com/story/35307750-amor-de-irm%C3%A3os-incesto>> . Acesso em: 18 Dez. 2017

MONTARDO, Sandra Portella. Redes temáticas na web e biossocialidade online. In: **Revista Famecos**. v.17, n.3, p. 295-303, 2010

MORAIS SILVA, Antonio de. **Diccionario da língua portuguesa**. V2. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense, 1889

MURRAY, Janet. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**, São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003

ORLANDI, Eni P. **Palavra, fé, poder**. Org. Campinas: Editora Pontes, 1987

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6.ed. Campinas, Editora Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. Campinas: Pontes Editores, 2012

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 11ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2013

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 3.ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2010

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 7ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2015

PISANI, Marília Mello. **O tabu do incesto na antropologia**. 2009. Disponível em: <[https://www.academia.edu/5915613/O\\_tabu\\_do\\_incesto\\_na\\_antropologia\\_2009](https://www.academia.edu/5915613/O_tabu_do_incesto_na_antropologia_2009)>. Acesso em: 12 set. 2017

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007

RABINOW, Paul. Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia à biossociabilidade. In: BIEHL, João Guilherme (org.). **Antropologia da razão: ensaios de Paul Rabinow**. Rio de Janeiro: Relume Dumord, p. 135-158, 1999

ROBINOW, Paul. ROSE, Nikolas. O conceito de biopoder hoje. In: **Política e Trabalho**. n.24, p. 27- 57, 2006

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Incesto versus abuso incestuoso ou amor versus violência. In: **Sociedade, Cultura e política: ensaio críticos**. São Paulo: Edue, 2003

SAMPAIO, Theane Neves. Construindo “Universos Alternativos”: Recepção e produção de sentido a partir das fanfictions. In: **Novos Olhares: Revista de Estudos Sobre Práticas de Recepção a Produtos Midiáticos**., v. 3, n. 2, p. 160-174, 2015.

- SILVA, Josivaldo Jorge Gonçalves da. **O incesto e a necessidade de sua criminalização no Brasil**. Artigo de conclusão do curso de Direito. Universidade Estadual do paraíba, 2014.
- SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1989
- SOLANO, Lorrainy et al. O processo histórico do arquétipo familiar contemporâneo e a invenção do incesto. In: **Revista Enfermagem UFRJ**, Rio de Janeiro, 2009
- SOUZA, Pedro. **Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais do poético**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975
- STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais. In: LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979
- SWEETBEE. Incesto. In: **Nyah! Fanfiction**. 2016. Disponível em: <<https://fanfiction.com.br/historia/618978/Incesto>> . Acesso em: 26 Out. 2016.
- TATS. You Can Never Say Never. In: **Wattpad**. 2017. Disponível em: <<https://www.wattpad.com/146903046-you-can-never-say-never-l-s-parada-left-behind-cln>> . Acesso em: 18 Dez. 2017.
- THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade: uma teoria social**. Petrópolis: Vozes, 1998
- VALADARES, Isabela Farah. Uma releitura do incesto diante de um novo contexto sociofamiliar. In **Revista de Direito da família e sucessão**. V. 2, n. 1. Jul./Dez., 2015, p. 254-277
- VATICANO. **Código do Direito Canônico**. 1983. Disponível em: [http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici\\_po.pdf](http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf). Acesso em 25 ago. 2017
- VATICANO. **Catecismo da Igreja Católica**. Disponível: [http://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/p3s2cap2\\_2196-2557\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html). Acesso: 25 ago. 2017a
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade . In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3.ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2010
- WENCESLAU, José Francisco Carminatti; STRAUSS, André. O tabu do incesto e a bioantropologia. In **Cadernos de Campo**. N. 21, São Paulo, 2012
- ZAPPONE, Mirian. Fanfics um caso de letramento literário na cibercultura. In: **Congresso Internacional de leitura e literatura infantil e juvenil**, Porto Alegre: PUCRS, 2009

ANEXO A: “INCESTO” EXCLUÍDA PELA AUTORA

Browser address bar: <https://fanfiction.com.br/historia/618978/incesto/>

Page header: **Fanfiction** (with logo) | ENTRE CADASTRE-SE

Navigation: Categorias | Português | Liga dos Betas | Recentes | Pesquisar | Ajuda

Grid of items (from left to right):

- Item 1: Skull icon, zee.dog
- Item 2: Bra with green and white pattern, R\$ 69
- Item 3: Bra with red and black pattern
- Item 4: Bra with black and white pattern
- Item 5: Bra with black and white pattern
- Item 6: Bra with black and white pattern
- Item 7: Bra with red and black pattern
- Item 8: Bra with blue and black pattern
- Item 9: Bra with red and black pattern
- Item 10: Bra with red and black pattern
- Item 11: Bra with red and black pattern
- Item 12: Bra with red and black pattern

Warning message (pink background): **!** A história "incesto" foi excluída pelo autor (SweetBee).

Text box (light blue background):

**VAMOS FAZER UMA "VIAJEM"?**

Saia desse capítulo que não te pertence! Jamais escreva "viajem" como uma aventura; escreva "VIAGEM" com "G". Viajem só existe como verbo: "talvez eles viajem" ou "não viajem hoje". Assim, o verbo "viajar" sempre tem "j": eu viajo, tu viajas, ele viaja...

Button: Visite a seção de português.

Section: **Últimas atualizadas**

Text: Royalty escrita por Bella Aurora [13+]